



RAYMOND BUCKLAND



MAGIA
E
FEITIÇARIA
DOS
CIGANOS



B
BERTRAND BRASIL

GUESE

6
67



A magia permite ao homem comum ultrapassar os seus limites: torna-os transcendententes. E se há um povo que carrega a sua história, costumes e tradição indissoluvelmente ligados à magia, esses são os ciganos, ou *romá*, como eles se nomeiam na língua cigana, o romanês.

Os *gadje*, desde a infância, gostam de ter visto (ou imaginado) os ciganos passarem em suas caravanas — as *kumpanias* — por amor ao onírico e, sobretudo, pelo fascínio que esses eternos circenses exercem, tentando equilibrar-se entre o real e o imaginário, o natural e o sobrenatural. Na *romanipen* — vida cigana — tais conceitos embaralham-se.

O livro em questão traz-nos o mundo dos ciganos e tem o mérito de ter sido escrito por um *rom* ou, como ele prefere, um *poshrat* (*romani* mestiço), e, neste sentido, reveste-se da maior importância por serem os ciganos um povo ágrafo, sem textos revelados, de memória oral. Autenticidade e encanto, a um só tempo, pontuam o livro. Nada mais zíngaro.

O presente é narrado como se passado fosse, já que o autor resgata o ontem, de seus



Boston Public Library
Boston, MA 02116

MAGIA & FEITIÇARIA DOS CIGANOS

Magia e Feitiçaria dos Ciganos
EPISSO AMI .noizozg



SOBRE O AUTOR

O avô de Ray Buckland foi um dos primeiros ciganos da família Buckland a abandonar o estilo de vida nômade para se instalar definitivamente em uma casa. Ray ainda tem, vívido na memória, todo o período de sua tenra infância. Naquela época, ele ouvia o seu pai e o seu avô contando histórias sobre a vida dos *romani*, e também assistia à sua avó quando ela se punha a ler as cartas e a prever o futuro. Ray Buckland vinha estudando com seriedade o Antigo Conhecimento desde a sua juventude, até que finalmente começou a escrever um número considerável de livros sobre esse tema, despertando, a partir daí, uma enorme atenção do público. Se "Buckland" já é um nome bastante conhecido entre os ciganos ingleses, Ray Buckland, por sua vez, tornou-se um dos mais afamados autores sobre a magia prática.

RAYMOND BUCKLAND

Magia & Feitiçaria dos Ciganos



Tradução
Márcia Frazão

Ilustração
Michelle Dillaire

Copyright © 1998, Raymond Buckland

Título original: *Gypsy Witchcraft & Magic*

Caderno de fotos: cortesia da The University of Liverpool Library. Referências (em ordem de publicação): SM 1.22; SM/DY 5.3; SM/F 4.2; SM/F 7.20; SM/F 31; SM/DY 4.21; SM/DY 3.10; SM/DY 5.10; SM/C .57; SM/E .51; SM/DY 1.19; SMCG F-L30; SM .43; Gal 15. jpg; SM/F 5.6; SMCG/F 7.3;

Fotos do livro: Raymond Buckland e Doug Deutscher

Capa: Rodrigo Rodrigues

Editoração: Art Line

2000

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

AL BR
POR

Cip-Brasil. Catalogação-na-fonte:
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B936m	Buckland, Raymond Magia e feitiçaria dos ciganos / Raymond Buckland: tradução Márcia Frazão; ilustrações Michelle Dillaire. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 208p. [16]p. de estampas: il. Tradução de: Gypsy witchcraft & magic Inclui bibliografia. ISBN 85-286-0794-1 1. Feitiçaria. 2. Ciganos. I. Título.
00-1491	CDD - 133.430891497 CDU - 133.4(914.99)

AL BR

BF 1566
.B765167
2000X

Todos os direitos reservados pela:
BCD UNIÃO DE EDITORAS S.A.
Av. Rio Branco, 99 — 20º andar — Centro
20040-004 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 263-2082 Fax: (0xx21) 263-6112

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

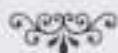
Atendemos pelo Regime Postal.

Parika tu'e sor kushtipen fon pub. Ajaw.
(Obrigado por todas as coisas boas da terra. Amém.)

Para Tara, *mandi's jivaben ta mandi's komipen,*
e para Peter Ingram, *mandi's pral.*



SUMÁRIO



PREFÁCIO ...	9
1 CORTEJO: Êxodo e Disseminação ...	13
2 CAMINHOS PARA A DIVINDADE: Crenças e Práticas Religiosas ...	21
3 OS MISTÉRIOS CIGANOS: O Crescimento de uma Reputação ...	33
4 O NASCIMENTO DA SHUVANI: A Bruxa Cigana ...	43
5 OS NÓS E OS LAÇOS: Amor, Volúpia e Fascinação ...	55
6 SAÚDE E CURA: A Manutenção Física ...	67
7 DINHEIRO E BENS: A Aquisição Mágica da Riqueza ...	89
8 PODER E SORTE: Uma Ajuda para Viver Bem ...	95
9 PROTEÇÃO E EXORCISMO: Protegendo-se do Mal ...	103
10 A VISÃO: Artes Divinatórias ...	111
11 AJUDAS MÁGICAS: Amuletos e Talismãs ...	129
12 MÁGIA SEXUAL E PODER: Extraindo Energia do <i>Self</i> ...	139
13 CHAVVIS: As Crianças Romani ...	145
14 PELES E PENAS: Amor pelos Animais e Cura ...	153
15 INSTRUMENTOS DO OFÍCIO: Auxílios e Extensões do Poder ...	163
16 XAMANISMO CIGANO: A Profundidade dos Mistérios ...	177
VOCABULÁRIO ROMANI ...	183
BIBLIOGRAFIA ...	187

Prefácio

O pêndulo balança em todas as coisas. E, no folclore dos romani (os ciganos), o pêndulo vem balançando desde o romantismo do século dezanove até entrar na dura realidade do século vinte. Tem havido, nos livros mais recentes, uma certa tendência para focalizar os ciganos sob a ótica da pobreza em que eles vivem nos seus acampamentos e da sua freqüente falta de higiene. A ênfase atual parece recair sobre uma “grande quantidade” de ciganos que precisa desesperadamente ser absorvida pela vida comum. Mas essa solicitação é tanta que eles correm um sério risco de perder a identidade por completo.

Por ser um *posbrat* (um romani mestiço) e um amante de tudo aquilo que torna a existência dos ciganos tão diferente da vida ordinária, eu gostaria de que esse pêndulo oscilasse um pouco mais para trás, na direção do romantismo cigano. E, para isso, não tentarei de forma alguma negar a realidade da situação atual dos ciganos (que não é necessariamente “problemática”); porém, na tentativa de manter o equilíbrio, prefiro simplesmente pôr um foco sobre os seus aspectos mais positivos.

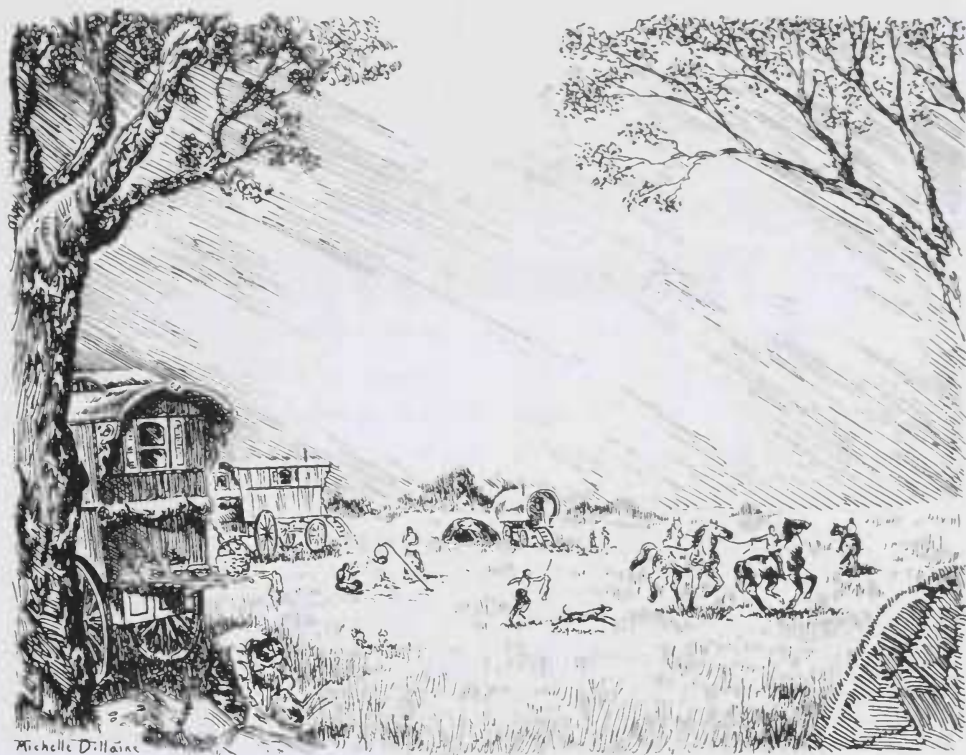
A despeito de como possa estar agora a vida dos ciganos, ela já foi colorida e cheia de esplendor no passado: vivendo em *vardos* (carroças) e *benders* (cabanas) com cores alegres e brilhantes, cozinhando em fogueiras ao ar livre, movimentando-se em grupos pelo país, em suma, levando a vida do jeito que queriam. Eu fui criado na Inglaterra desde meados de 1930 e no decorrer da minha vida testemunhei o desaparecimento gradual daquelas caravanas que atravessavam o país. Atualmente, já com o século vinte terminando, existe somente uma família romani inglesa e, se não me engano, esta é a única que ainda vive por inteiro “à maneira antiga”. Apesar de haver outras famílias que ainda mantêm o hábito das

10 caravanas, o fato é que elas já adotaram as conveniências da vida moderna (inclusive televisão portátil). E a maior parte dessas famílias já abandonou as velhas carroças puxadas por cavalos, substituindo-as pelos modernos *trailers*.

Portanto, enquanto etnia, os ciganos estão desaparecendo. O que aliás começou pouco depois da Segunda Guerra Mundial, quando as autoridades britânicas obrigaram os viajantes do país a colocar seus filhos na escola e mantê-los na mesma por pelo menos um ano. Impuseram essa lei, e os ciganos se viram subitamente sem ter como seguir a sua tradição, uma vez que, não podendo mais percorrer o país em caravanas, eles foram forçados a se fixar em residências permanentes. Caso ignorassem a nova legalidade e tentassem viajar, a polícia lhes daria voz de prisão pelo não-cumprimento da lei. Diga-se de passagem que essa norma parecia ter sido elaborada apenas para aqueles que ainda preservavam as caravanas. Conforme Pierre Derlon afirmou no seu livro *Secrets of the Gypsies* (Nova York: Ballantine, 1977): “A burocracia, juntamente com a polícia do Estado, o fanatismo nacional e a reinante mentalidade estreita e mercantilista estão eliminando o que há de melhor nos últimos *homens livres*. Houve um tempo em que a única coisa que realmente importava para os ciganos era a sustentação da sua integridade pessoal e da sua tribo, além dos poucos metros quadrados que os acolhiam por algum tempo e do telhado de estrelas que cobria o seu sono. Mas agora eles foram obrigados a ter um áspero despertar.” E acho até que foi mais do que áspero, diria eu, concordando plenamente com essa afirmativa!

A minha intenção neste livro é recapturar alguma coisa do passado, antes que ele se perca ou se vá para sempre. Se, por vezes, eu me mostrar muito romântico, isso terá sido inteiramente intencional, já que os este aspecto da existência não deve ser perdido. Ainda mais sabendo que os ciganos eram um povo amante do colorido — e alguns poucos ainda o são até hoje — e cultivadores de um orgulho e uma dignidade ímpares. Seria portanto uma pena, caso a sua aculturação fosse tanta que acabasse por lhes levar à extinção.





Uma família cigana no campo.

CORTEJO:

Êxodo e Disseminação



O argumento pelo qual os ciganos são vistos como originários do norte da Índia já está solidamente estabelecido em nossos dias. No entanto, há um aspecto nessa história, que ainda não foi esclarecido e talvez nunca seja, envolvendo as razões que ocasionaram o êxodo do povo cigano das suas terras de origem e a data exata do começo dessa evasão. Elwood Trigg, no seu livro *Gypsy Demons and Divinities* (Seacaucus, NJ: Citadel, 1973), nos diz o seguinte:

Basta apoiar-se na hipótese de que, mil anos depois do surgimento do povo ariano no norte da Índia, essa região foi continuamente invadida por diferentes exércitos, iniciando com os gregos e depois com os persas, os citas e os hamitas. Na era seguinte, os hunos e os muçulmanos também invadiram a região. Parece-nos, então, que o incessante alvoroço político e militar, causado pelas invasões sucessivas no noroeste da Índia, deslocou diversas tribos que depois vieram a ser conhecidas como ciganos. É bem provável que essa gente tenha sido forçada pelos conquistadores a se tornar sedentária, transferindo-se então para o oeste, na esperança de manter o seu estilo de vida nômade.

Enfim, seja lá qual tenha sido a razão, o fato é que, por volta de meados do século nono ou início do século dez, um grande número de grupos partiu de sua terra natal, deslocando-se para oeste. Eles atravessaram o Paquistão, o Afeganistão, a Pérsia, e acabaram por alcançar o mar Cáspio, ao norte do golfo Persa, onde se dividiram em pelo menos dois grupos distintos. O primeiro seguiu para o norte, na direção da Turquia, e depois passou por Bizâncio até atingir a Bulgária. O outro grupo, um pouco menor, rumou ao sul, percorrendo o Egito e a Jordânia.

Pelo ano de 1348, esses nômades estavam na Sérvia juntamente com outros povos que se dirigiam para o norte, tanto na direção do norte da Romênia como para a Moldávia. Por ocasião da virada daquele século, eles já podiam ser encontrados amplamente espalhados pelo sul, na região do Peloponeso e do Corfu, e também na Bósnia, Transilvânia, Hungria e Boêmia. E no início de 1400 já estavam na Europa Central: Roma, Barcelona, Orléans, Hildesheim e Paris. O grupo do sul viajou através do Egito, ultrapassou o norte da África e, cruzando o estreito de Gibraltar, avançou pela Espanha até chegar em Granada. Em 1417, já havia caravanas na Alemanha, e em 1430 elas alcançaram a Inglaterra e o País de Gales.

Alguns estudiosos decidiram que aquele povo misterioso devia ser descen-

dente dos antigos egípcios, em função da sua pele morena e de suas roupas coloridas! Essa idéia se difundiu, e eles passaram a ser chamados de “*Egyptians*” na Inglaterra, porém o termo foi abreviado mais tarde para “*Gyptians*” e em seguida para “*Gypsies*”. Entretanto, em diferentes épocas e lugares, eles também foram vistos como sendo boêmios, tártaros, mouros, e até mesmo sarracenos. Mas, na realidade, eram o resultado da mistura de diversas tribos do norte da Índia: jats, nats, dards, sindis e doms. Um dos primeiros registros do termo *romani* — que é derivado de *rom* e usado para designar o homem cigano — encontra-se num livro de contas do Lorde Tesoureiro da Escócia, o qual registra o pagamento de sete libras “para o egípcio por parte da ordem do Rei...”, datada de 22 de abril de 1505. Logo depois dessa época, começaram a surgir, por todo o Reino Unido, livros de contabilidade que estampavam os pagamentos efetuados para atores e dançarinos “egípcios” e “gitanos”.

O súbito aparecimento de milhares de nômades por toda a Europa passou a causar um certo constrangimento. Pois, afinal, quem seriam aquelas pessoas? De onde teriam vindo? Os próprios ciganos começaram a sugerir que eram oriundos do “Pequeno Egito”, denominação que eles davam quando se referiam ao seu lugar de origem. Não passou muito tempo para que fossem elaborados documentos nos quais os deslocamentos desses viajantes eram afiançados pela proteção do papa, do imperador da Alemanha e dos mais variados soberanos e pessoas influentes. Entre outras coisas, essas recomendações enfatizavam o fato de que os ciganos haviam recebido a permissão de peregrinar e pedir esmolas. Creio que por isso, como naquela época a Igreja elevava a caridade para a condição de virtude, os *romani* deviam viver muito bem!

Uma história bastante difundida, que os ciganos gostavam de contar, era a de que eles estavam vivendo sete anos de penitência que lhes fora imposta em razão do seu paganismo. Lançando mão desse expediente, eles podiam se instalar em qualquer região para desfrutar de uma vida feliz e confortável, graças à caridade dos seus vizinhos. Contudo, quando os sete anos expiravam sem que eles saíssem do mesmo lugar, a população local desconfiava da história, e a situação mudava de figura.

Justamente porque esses nômades conseguiam o seu dinheiro no exercício das funções de dançarino e cantor, passaram a ganhar gradualmente o ar e a imagem do misterioso sedutor, ajudados ainda pela leitura de mão e outras formas de oráculo que praticavam. O público ficou bastante intrigado, e logo as artes ocultas tornaram-se o cargo maior dos *romani*. Mas eles também tinham alguma habilidade no trato com os animais e os metais. Aliás, eram tão habilidosos com os metais que os ciganos bizantinos detiveram por algum tempo o monopólio da metalurgia.

Embora eles fossem bem acolhidos pelas populações de várias regiões, não demorou para que as autoridades passassem a considerá-los como indesejáveis. Jean-Paul Clébert, no seu livro *The Gypsies* (Londres: Penguin Books, 1967), cita o “Inventário Geral da História dos Ladrões”, que diz:

... para ser considerado um bom ladrão,
era necessário... conhecer todos os truques e
astúcias das atividades dos ciganos...

Os ciganos acabaram adquirindo a reputação de ladrões, e essa fama continua a persegui-los nos dias de hoje. Mas o que muita gente não sabe é que um tal renome não era merecido, pelo menos no seu início. E pensar que tudo aconteceu por causa da antiga filosofia cigana, cujo princípio básico asseverava que a existência devia dar prazer e alegria para o ser humano. Eis por que os ciganos sempre acreditaram que as árvores, as flores, os pássaros e os animais estão no mundo quase que somente para nos dar alegria. Assim, quando algum deles passava por uma estrada e via uma macieira abarrotada de maçãs, sua única alternativa era colhê-las, pois para ele ninguém tinha o direito de impedi-lo de viver esse prazer. Imbuído desse ponto de vista, quando um cigano preparava uma armadilha com o intuito de caçar um coelho ou um faisão que lhe serviria de alimento, a seu ver nada mais era do que desfrutar das dádivas que os deuses lhe concediam. Por isso nada o fazia atinar com o porquê de qualquer homem, fosse fazendeiro ou proprietário de terras, opor-se à sua atitude, uma vez que ninguém podia considerar-se dono daquilo que os deuses tinham dado de presente a todos os homens! Portanto, ao pegar o alimento na propriedade alheia, os ciganos moviam-se pela mais pura convicção de que aquela terra pertencia a todos. Enfim, não chega a nos espantar que, em sua inocência, eles adquirissem a reputação de ladrões.

Mas o fato é que essa inocência não durou muito e, na atualidade, o roubo é o resultado óbvio da luta que eles travam pela sobrevivência, pois já não possuem qualquer vínculo com sua antiga filosofia.

Por isso começaram as perseguições das quais os ciganos não se libertaram até hoje. Eles acabaram se transformando, por toda a Europa, num dos maiores problemas sociais, principalmente porque era virtualmente impossível obrigá-los a adotar um estilo de vida sedentário (justamente o oposto do seu estilo migratório). Assim, no ano de 1492, o rei Fernando banuiu da Espanha todos os ciganos que por lá andavam. E quem não quisesse abandonar o país, devia ser exterminado! Recorro, aqui, mais uma vez, a uma citação de Clébert:

As pessoas que residiam no lugar... consideravam todos aqueles que mantinham atividades itinerantes, exatamente os que não tinham residência fixa e vinham de países distantes, como sendo possuídos pelo mau-olhado... e mais ainda caso fossem morenos, usassem brincos nas orelhas, vivessem “em casas sobre rodas” e falassem uma língua que obviamente não era aquela que os cristãos falavam.

Os ciganos sempre foram equiparados às bruxas e aos feiticeiros e, por consequência, sofreram acusações de práticas de magia negra e de pactos com o Diabo. Em 1539, o Parlamento Francês fez uma proclamação, no que foi seguido em 1560 pelo Estado Geral de Orléans, na qual “todos os impostores, conhecidos pelos nomes de boêmios ou egípcios, devem abandonar o reino, sob a penalidade das galés”. E o rei Henrique VIII da Grã-Bretanha assinou um edito semelhante em 1531. Por volta de 1572, os ciganos foram forçados a abandonar Veneza e Milão. Enquanto que a Suécia os expulsou em 1662.

Felizmente, para os ciganos, o empenho efetivo para o cumprimento desses editos foi relaxado. Mesmo porque aqueles “misteriosos egípcios” tinham conseguido muitos simpatizantes no meio da população. Durante esse período, os *rom* não se sobressaíam em demasia e até assumiam uma postura bastante discreta. Ali pelo término do século dezoito, ainda eram encontrados em grande parte da Europa Ocidental: estabelecidos e em pleno desenvolvimento. Pois as autoridades haviam se dado conta de que a brutalidade contra eles só gerava um desperdício enorme de energia. E assim foram surgindo gradualmente novas sugestões no sentido de que esse povo moreno e amante das cores fosse bem-aceito. Contudo, tanto a Grã-Bretanha como a França e a Espanha combateram o problema de forma ambígua, valendo-se por um tempo da deportação dos ciganos, o que acabou ocasionando a sua disseminação por todo o mundo. A Grã-Bretanha os enviou para a Austrália e também para o Novo Mundo; a França mandou-os para a Luisiana; e a Espanha deportou-os para o Brasil.

Recentemente, ali por meados do século vinte, os ciganos foram mais uma vez perseguidos de modo selvagem. Tanto é que, na Segunda Guerra Mundial, os nazistas sitiados na França construíram onze campos de concentração só para eles. E sabe-se que pelo menos duzentos e cinquenta mil deles morreram nesses campos. Alguns pesquisadores chegaram inclusive a afirmar que uma quantidade de ciganos, superior a seiscentos mil, foi morta em todos os países que se encontravam sob o domínio germânico.

Na Alemanha, em meados do século dezoito, a reforma era vista como uma resposta ao “problema cigano”. Essa reforma foi imposta, e a religião passou a ser o instrumento mais eficaz para a mudança. Pois logo os missionários foram

18 enviados para perto dos ciganos, embora aqueles tenham sido requisitados para trabalhar principalmente com os filhos destes. No fim das contas, uma tal conversão religiosa, feita de maneira obrigatória e contínua, acabou por produzir efeitos. Aliás, podemos até traçar um paralelo com a conversão que o cristianismo impôs às tribos indígenas norte-americanas. Vejamos então o que escreveu Ed McGaa, o Homem-Águia, no seu livro *Mother Earth Spirituality* (San Francisco: Harper-Row, 1990):

O Departamento de Assuntos Indígenas, uma agência federal, trabalhou lado a lado com os missionários (cristãos) para subverter e destruir o modo de vida dos nativos... a grande maioria da juventude indígena era educada nas escolas da fronteira e separada dos seus pais por longos anos em nome da instrução, da assimilação e da salvação proselitista... A religião indígena... era tida como selvagem, pagã e sem nenhum valor para o crescimento da pessoa. Os jovens índios, habituados a ficar perto não somente dos seus pais, mas também dos seus avós, tios e tias — compondo assim a sua *tiyospaye* —, eram abruptamente afastados desse convívio íntimo, aos seis anos, e colocados numa instituição estranha, fria e artificial, totalmente privados da relação e afeto naturais que a *tiyospaye* lhes fornecia.

Diversas tribos indígenas norte-americanas foram proibidas de falar a sua própria língua, e de exercer o direito de dançar as suas danças étnicas, ou de praticar qualquer outra forma de culto religioso que não o permitido. É bem provável que o Departamento de Assuntos Indígenas tenha se inspirado na história dos ciganos, já que eles sofreram o mesmo tipo de procedimento em várias partes do mundo durante os séculos dezoito, dezenove e até mesmo no século vinte. E é Elwood Trigg quem ressalta uma vez mais:

A estreita associação entre opressão legal e conversão religiosa forçada causou um profundo impacto na mente dos ciganos, no que diz respeito às convicções religiosas de quem não pertencia ao seu povo. Talvez até os ciganos tenham preservado mais ainda os seus conceitos mágico-religiosos, enquanto adotavam simultaneamente, e de maneira superficial, as crenças da sociedade que lhes rodeava, apenas por uma questão de sobrevivência.

Apesar dos fatores contrários, os ciganos realmente “mantiveram... as suas concepções mágico-religiosas”, o que será demonstrado neste livro. Para tal, organizei, nos últimos anos, todas as informações que obtive sobre as práticas e crenças dos mais variados grupos entre os rom; a maior parte é da Inglaterra,

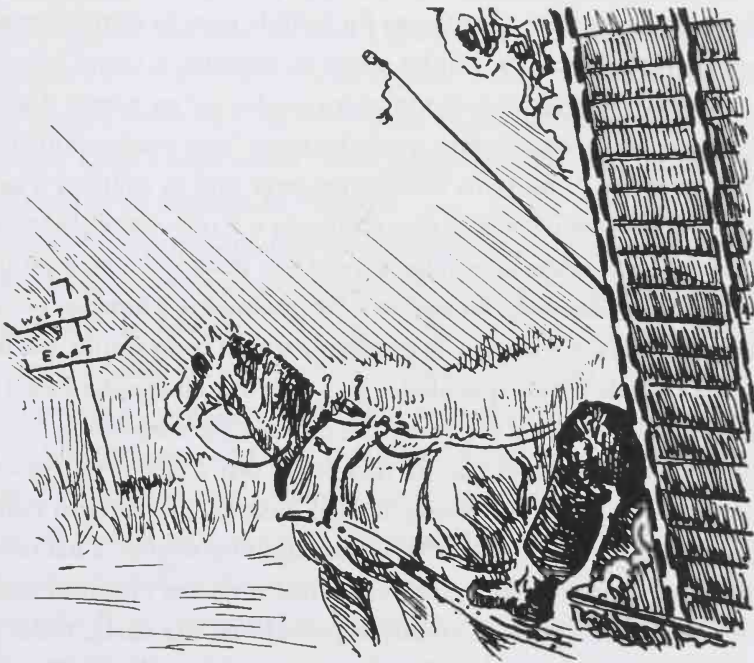
apesar de as ter colhido também de outros países. Obviamente, aqui e ali houve alguma coisa que não me foi permitido revelar, mas assim mesmo você poderá encontrar um farto material que agora apresento como *Magia & Feitiçaria dos Ciganos*. 19



CAMINHOS PARA A DIVINDADE
Magia e Feitiçaria dos Ciganos

CAMINHOS PARA A DIVINDADE:

Crenças e Práticas Religiosas



Na sua origem, as crenças religiosas dos ciganos eram pagãs; porém, com o transcorrer de muitos séculos de nomadismo, eles acabaram assimilando uma mistura de credulidades e ensinamentos não-pagãos (judaicos e cristãos). Isso ocorreu porque, independentemente do que os ciganos preservavam das suas tradições, eles tiveram que adotar — ao menos em aparência — as crenças religiosas dos seus vizinhos mais próximos, pois só assim conseguiam evitar os conflitos. É *sir* Edward Evans-Pritchard quem nos diz no prefácio que escreveu para o *Gypsy Demons*, o livro de Trigg: “Para se protegerem, os ciganos foram obrigados a vestir as máscaras de hindus, muçulmanos e cristãos, um artifício que não é nem um pouco incomum entre as minorias. Por isso essa artimanha de autoproteção não deve ser vista como uma submissão completa.” Na verdade, não-importa o quanto essa máscara foi exibida para os outros, uma vez que várias crenças permaneceram sólidas entre os ciganos, e como conseqüência diversos ritos e cerimônias vêm sendo transmitidos até os nossos dias. Elwood Trigg chega a insinuar que de fato o cristianismo “tem proporcionado, de um modo não intencional, motivos suficientes para que as práticas e as crenças mágicas dos ciganos sobrevivam sob a aparência e a respeitabilidade da Igreja”. E ele diz ainda: “Em essência, os ciganos são um povo que, mais do que qualquer outro, preza a liberdade do espírito. Normalmente nômades no seu estilo de vida, eles se reservam o direito de escolher e tomar tudo aquilo que lhes parece mais benéfico e de maior qualidade, quer esse ato de escolha recaia sobre os lugares em que irão viver, ou em torno das crenças que irão adotar.”

Encontramos algumas pistas da mitologia dos ciganos na Ásia Central, como, por exemplo, a de que houve no seu passado um intenso culto ao sol representado por Obertsshi, o deus solar. Em algumas regiões, a lua também era concebida como uma divindade; sabe-se inclusive que os ciganos escandinavos a denominavam como Alako. Durante o período da lua cheia, todas as tribos ciganas costumavam reunir os seus membros para celebrar. E não só os casamentos como também os batizados realizavam-se nessa fase da lua. Portanto, a lua cheia sempre foi e continua sendo um dos seus melhores momentos para celebrações, e — como veremos no decorrer deste livro — um período ideal para os trabalhos com a magia.

Uma das celebrações solares mais difundidas é a de *Shanti*, o Festival dedicado a Ganesha, a divindade indiana que possui uma cabeça de elefante. Os ciganos do Ocidente realizam esse tipo de festividade durante a época do Lughnasadh, o Sabá da Noite de Agosto dos seguidores da Wicca. (Embora alguns a celebrem no

solstício do verão, mas ainda dedicado a *Shanti*.) Aliás, os ciganos não gostam de olhar diretamente para a lua, enquanto ocorre esse evento, porque pode trazer azar para quem o faz.

O culto ao falo também tem sido atribuído aos ciganos. Pois, como é sabido, ele é uma forma de homenagem comum a diversos lugares da Índia — terra natal dos ciganos — juntamente com as reverências a Shiva e a veneração do *lingam* (órgão genital masculino) e do *yoni* (órgão genital feminino). O culto ao falo pode ser observado em diversas religiões primitivas através da história, uma vez que ele se prestava a ser um símbolo efetivo de fertilidade. E o termo *kar* era a forma pela qual os ciganos da Iugoslávia se referiam ao órgão genital masculino. E é Trigg quem nos diz no seu *Gypsy Demons* de 1973: “A palavra *kar* era tão sagrada... que chegou a ser incorporada nas suas preces (dos ciganos).”

Charles Godfrey Leland (1824-1903), o primeiro presidente da Sociedade da Tradição Cigana, faz uma menção à deusa cigana Gana, que ele associa com Diana, no seu livro *Gypsy Sorcery and Fortune Telling** (Londres: Fisher-Unwin, 1891). Encontrei ainda algumas referências à Gana entre os rom de duas regiões da Inglaterra. Dina é uma outra deusa similar à Diana, pelo menos no nome, que é cultuada pelos ciganos da Valáquia.

Aos olhos dos ciganos, quando uma criança vem ao mundo, ela sempre chega aqui acompanhada de forças poderosíssimas, simultaneamente positivas e negativas, boas e maléficas. Por isso toda criança deve ser “batizada”, o mais rápido possível, logo após o parto; ou seja, deve ser borrifada com água e sal, e receber de imediato um nome. (A fumigação da criança, com incenso, já é um hábito entre os ciganos, da mesma forma como os seguidores da Wicca e outros mais procedem atualmente.) Na Escandinávia, costuma-se erguer e acender uma fogueira na entrada da tenda onde o parto se realiza. O propósito do fogo é assustar e manter distante qualquer entidade maléfica que possa estar presente, até que a criança cigana seja consagrada. E, no transcurso de sua existência, ela será constantemente conscientizada a respeito da luta que é travada entre o bem e o mal na face da Terra.

O batismo cristão é aceito algumas vezes, mas por razões que dificilmente fariam com que a Igreja sorrisse. No livro *Gypsies: Wanderers of the World* (Bart McDowell, Washington, D.C.: National Geographic Society, 1970), o cigano Cliff Lee dá o seguinte depoimento: “Eu tinha o hábito de ir à igreja, mas apenas para os batizados. Pois os padres acabavam dando dinheiro para as crianças que recebiam o batismo entre eles. Ainda me lembro dos meus tempos de infância, quando nos domingos íamos a umas oito igrejas, levando o mesmo bebê

* *Magna Cigana*, 1992, Bertrand Brasil.

para o batismo em cada uma delas. E, em cada igreja, ele recebia um nome diferente. Aliás, essa criança era sempre emprestada!” Dessa forma, até mesmo os recém-nascidos geravam uma boa renda!

Em se tratando de religião, os romani preferem cultuar o feminino em vez do masculino, a despeito de serem extremamente chauvinistas. A sua “Santa” é conhecida como “Negra Sara”, ou “Sara *la Kâli*”, porém ela difere, em vários aspectos, da Santa Sara da Igreja Católica. Existem duas lendas em torno da santa dos ciganos. Na primeira, Sara é uma egípcia que foi empregada de Maria Salomé e Maria Jacobina (mães de São Jaime e São João, e parentes de Maria Madalena), e sempre as acompanhava nas suas viagens. Certo dia, depois de uma tempestade, Sara guiou-as até uma praia distante, valendo-se das estrelas.

Na outra história, bem mais interessante, a lenda conta que Sara era a cigana que estava acampada na praia, quando o bote das santas se aproximou. De acordo com Franz de Ville, na sua obra *Tziganes* (Bruxelas, 1956), os fatos se passaram assim:

Sara Kali foi o membro do nosso povo que recebeu a primeira Revelação. Ela havia nascido nobre e era a chefe da tribo que acampara sobre os bancos de areia na foz do Reno. Além de ser conhecedora de todos os segredos que os antigos haviam lhe transmitido... Nessa época, os rom praticavam uma religião politeísta e, uma vez por ano, conduziam a estátua de Ishtari (Astarte) até o mar, para receberem as bênçãos da deusa. Um dia, Sara teve uma visão na qual foi informada sobre a chegada das Santas que presenciaram a morte de Jesus e da incumbência que teria em ajudá-las. Sara foi para a beira da praia, onde avistou um barco que se aproximava. Mas o mar estava agitado, e logo o bote começou a naufragar. Sara lançou imediatamente as suas vestes sobre as ondas, improvisando uma corda com elas, e nadou até o local do acidente. As Santas se ampararam nessa corda, e assim Sara pôde conduzi-las sãs e salvas até as areias daquela praia.

Os ciganos chamam-na de Sara “*la Kâli*”, porque esta expressão, em romani (a sua língua), tanto expressa a “mulher negra” como a “mulher cigana”. Ainda existe uma estátua de Sara no local onde se supõe que as duas Marias aportaram, exatamente na cripta da igreja Saintes Maries de la Mer, que fica na ilha de Camargue, na foz do rio Reno. E milhares de ciganos fazem uma peregrinação anual a essa igreja. Até o ano de 1912, somente os rom tinham o direito de entrar nessa cripta; porém, a partir dessa data qualquer um pode visitá-la a qualquer momento. Clébert descreveu a cripta desta maneira: “Ao entrar ali, vê-se, à esquerda, um altar pagão muito antigo (alguns autores dizem que ele era usado para o sacrifício do touro, no culto de Mitra, embora não existam provas concre-

tas para essa teoria). No centro, há um altar cristão, da época do terceiro século; e, à direita, está uma estátua de Sara.” (*The Gypsies*, 1967.) Parte dos peregrinos chega nesse local na manhã de 25 de maio. Uma grande procissão encaminha-se até o mar, onde a estátua é simbolicamente submersa “tal como todos os cultos das grandes deusas da fecundidade”, conforme ainda nos diz Clébert.

A língua romani possui o termo *Duvvel* (*Devel* ou *Del*, segundo alguns grupos) para significar Deus, e *Ben* (ou *Beng*) para o Diabo. Os ciganos consideram o sol, a lua, o céu, as nuvens e as estrelas como Deus, e não têm o hábito de concebê-lo como um ser antropomórfico, enquanto o Diabo é visto muito mais como uma força negativa, em vez daquela divindade pejorativamente diabólica que todos nós conhecemos.

Os ciganos *kalderash* afirmam que Deus não é o criador do mundo. Para eles, esta Terra na qual vivemos sempre existiu, e além disso é a mãe de todos nós. Por isso, eles se referem à Terra como *De Develeski*: a Mãe Divina.

Os equivalentes asiáticos das sereias e tritões são os *nagas* (chamados originalmente de “povo do mar”). Acreditava-se, nos tempos antigos, que as pessoas desse povo do mar possuíam corpos que eram metade humano e metade peixe, ou, algumas vezes, metade serpente. Esses seres eram semidivinos, controlavam o tempo e, por causa disso, podiam trazer as chuvas. Eles ainda moram em grandes palácios típicos no fundo dos oceanos ou então nas profundezas dos rios e lagos, onde guardam enormes tesouros. Quando insultados, são vingativos; mas, quando respeitados, tornam-se grandes amigos e podem retribuir as reverências com diversas bênçãos. O fato é que eles amam as oferendas de leite, moedas e alimentos que os ciganos costumam depositar aos pés das árvores próximas das águas dos poços sagrados.

Os *kalderash* são um dos grupos étnicos no seio dos ciganos, enquanto os *gitanos* e os *manush* formam outros agrupamentos. Os *kalderash* são exímios no trabalho com metais: demonstram ser ótimos funileiros e manuseiam não só o cobre, com maestria, como também vários outros elementos metálicos. Os *gitanos* são geralmente encontrados no sul da França e também na Espanha, Portugal e norte da África. Os *manush*, ou *manouches*, são especialistas no adestramento de animais e encontram-se freqüentemente entre os artistas de circo. Angus Fraser, no livro *The Gypsies* (Blackwell, 1992), examina grupos distintos de ciganos, classificando-os de acordo com a extensão deles. Jean-Paul Clébert garante que a maior parte das divisões é arbitrária, pois cada um dos grupos se proclama como sendo de ciganos autênticos, ao mesmo tempo em que se desfaz dos demais! Clébert também afirma que é muito raro o casamento entre os diferentes grupos.

Existem então várias subdivisões entre os ciganos: os *blidari*, *rudari* e *lingu-*

26 *rari*, que produzem todos os tipos de artigos de madeira (os *blidari* especializaram-se em objetos para a casa); os *ciobatori* são sapateiros; os *costorari* são funileiros; os *ghilabari*, músicos; os *lautari*, confeccionadores de instrumentos musicais; os *meshteri lacatuschi*, serralheiros; os *salahori* são pedreiros e alveneiros; os *vatraschi* são jardineiros; e os *zlatari* são joalheiros. Apesar de a língua variar nas diferentes regiões, essas denominações são comumente reconhecidas.

O vardo é a casa sobre rodas na qual habitam as famílias ciganas. Trata-se de um vagão que, na Grã-Bretanha e em diversas regiões do mundo, é decorado com entalhes e magníficos desenhos. Esse vagão é conduzido por cavalos, e dentro dele pode ser achado tudo aquilo que uma família possui (ver Capítulo 3). Toda a família dorme no interior do vardo, mas, quando o tempo está bom, eles têm o hábito de construir uma tenda para que as crianças durmam no espaço de fora.

Segundo a concepção dos ciganos, as casas nunca devem ser poluídas com a morte ou com o parto. Os partos acontecem em uma tenda que eles próprios fabricam e instalam bem longe dos vardos. Quando a mulher está prestes a dar à luz, ela se dirige para a tenda, e o mesmo é feito com os doentes e os mais velhos que já estão aguardando a morte. Ou seja, nenhum cigano que se respeite morreria sobre uma cama dentro de um vardo.



Raymond Buckland

Uma barraca proporcionando o abrigo para a família cigana. Os partos e falecimentos sempre acontecem nesse espaço, porque alguns fatos da vida não podem poluir o vardo.

A preparação para a morte é sempre feita com a cooperação do moribundo. Enquanto ainda está naquela fase de se agarrar à vida, o homem é lavado com água salgada e vestido com roupas novas. Ao passo que as mulheres são usualmente vestidas com um grande número de saias (cinco parece ser uma quantidade especial e preferida). É assim que o moribundo se convence de que está preparado de modo adequado para empreender a sua última jornada. Nesta ocasião, a família estará reunida ao seu redor, comendo, bebendo e conversando quase que normalmente. No entanto, tão logo a morte é anunciada, há uma grande gritaria acompanhada de prantos, com o intuito de dar uma verdadeira demonstração de dor. Essa situação pode entrar pela noite adentro e às vezes encerra-se com cânticos e danças.

Após a morte, o corpo é colocado em um caixão, juntamente com algumas jóias do morto e mais um punhado de moedas de ouro. Mas às vezes também são postos alguns objetos comuns, tais como garfos e facas, ou então o cachimbo favorito e/ou o violino do falecido. Na hora do enterro, derrama-se cerveja, vinho ou rum sobre o caixão e em seguida sobre a sepultura, como forma de libação. É feita uma saudação com a frase "*Tutti suttu mishi*" ("Que você durma bem"), e logo depois os músicos começam a tocar cantigas ciganas enquanto o caixão baixa à sepultura. O enterro acontece, com frequência, em algum lugar secreto que é conhecido apenas pelos familiares mais íntimos. E o local escolhido pode ser o recanto de um bosque onde o falecido costumava ir, dentro de um campo florido ou em algum outro esconderijo agreste. No mais das vezes, não colocam marcas especiais na sepultura, embora aí possa ser encontrada uma certa quantidade de galhos de amoreira negra ou algumas poucas mudas plantadas com a intenção de manter os animais distantes do túmulo.

Em muitas regiões de uma Inglaterra mais antiga, quando morria o chefe de uma família, o seu corpo era colocado no vardo, junto com todos os seus pertences, e em seguida punha-se fogo em tudo. O resto da família ia morar com os parentes. Esse tipo de comportamento parece ter um paralelo com a prática dos egípcios e de outras culturas que enterravam os cadáveres junto com todas as suas coisas, uma vez que estas seriam necessárias na outra vida. Lembro-me de ter assistido, em 1950, a um documentário na tevê, produzido pela BBC, sobre um cigano que havia tido um funeral semelhante ao que acabei de citar. Fiquei surpreso ao saber que era um Buckland que fora queimado dentro do seu vardo. E o documentário da época dizia que aquela era provavelmente a última vez que se levava a efeito um funeral como aquele, já que ele havia sido proibido. Atualmente, com os vardos sendo vendidos para colecionadores, por um preço que vai de oitenta a cem mil dólares, e às vezes até mais, decerto não seria sensato atear fogo num deles.

As atitudes sempre variam, mas em geral há um grande medo entre os ciganos com relação aos mortos. Eles acreditam piamente em fantasmas e fazem de tudo para não correr o risco de presenciar algum espírito que esteja vagando junto aos vivos. Talvez esta seja uma das razões que os levavam a queimar o vardo: pois com a casa e todos os pertences indo embora com o morto, não haveria motivo algum para que ele retornasse ao convívio com os vivos. E, a bem da verdade, nem mesmo o nome do falecido era enunciado, já que, nada ouvindo, ele não retornaria.

Alguns ciganos não acreditam na vida após a morte, enquanto outros — como os dos grupos alemães, por exemplo — presumem que o espírito volta à terra por três vezes em corpos diferentes, num espaço de tempo de quinhentos anos entre cada encarnação. Os ciganos sérvios crêem muito mais em uma vida posterior do que na sua vida terrena, uma vez que naquela vida, que se seguirá à esta, não existe a “morte” como final.

Há um velho ditado que diz que, se alguém fizer a mesma indagação para dez ciganos, certamente receberá dez respostas diferentes! E que se for feita dez vezes uma única pergunta ao mesmo cigano, também é certo que receberá dez respostas distintas! Esse mesmo princípio se aplica a muitas crenças dos romani, inclusive à sua concepção da vida após a morte. Os ciganos de regiões heterogêneas, e até mesmo de famílias e tribos díspares, possuem crenças divergentes.

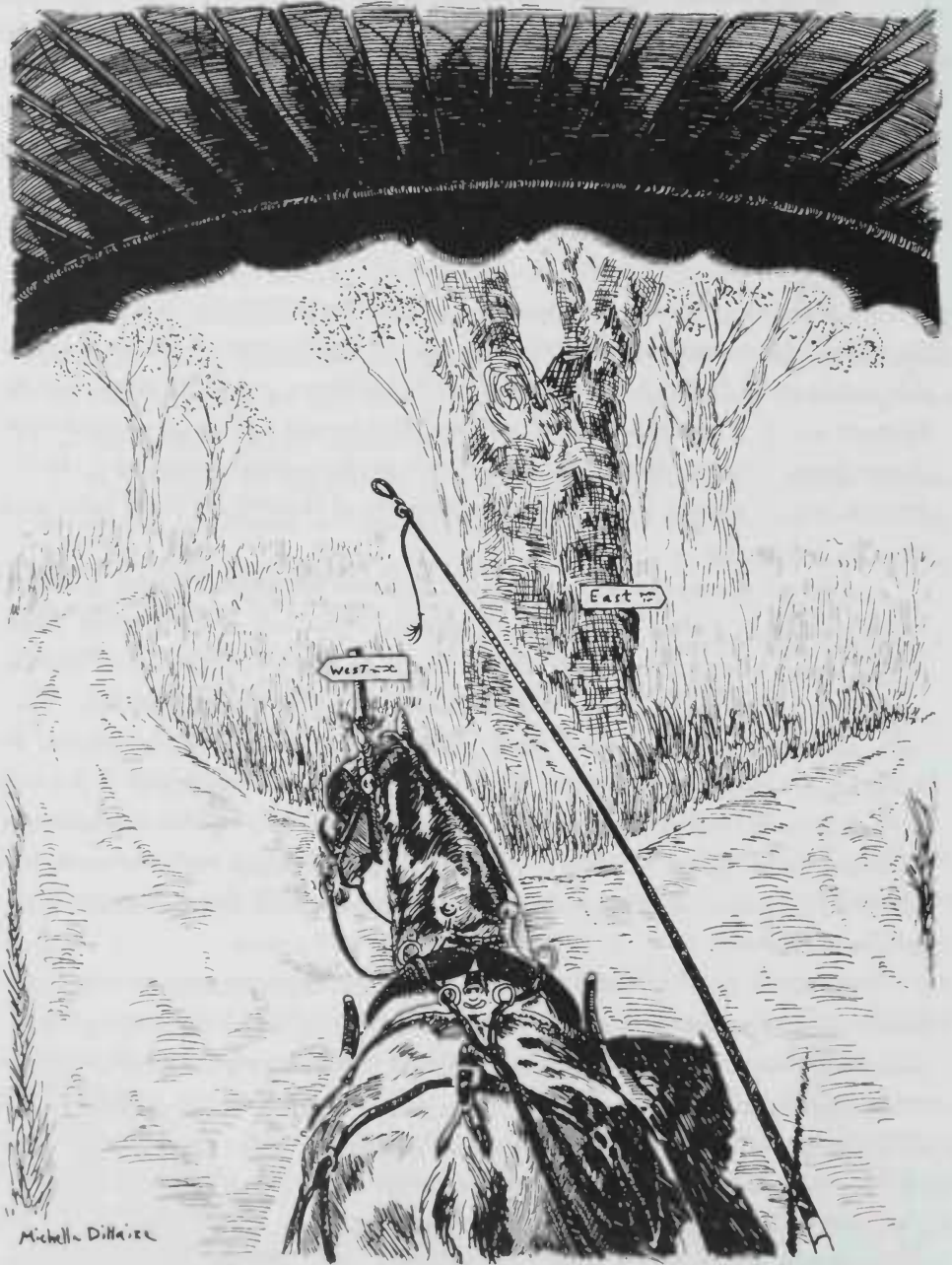
Mullo é a palavra usada pelos romani para designar o fantasma ou o espírito, embora esse termo também possa se referir aos “mortos-vivos” ou aos vampiros. E, quando há casos assim, sua convicção é a de que existe uma forte possibilidade de que a morte do falecido tenha sido provocada por alguma influência maligna. Após ter virado um *mullo*, a pessoa que morreu tenta encurralar aquele que lhe causou a morte. Mas, a despeito de tais crenças, os ciganos não sentem a menor hesitação em pernoitar nos cemitérios. Com todo o medo que têm de fantasmas, isso poderia parecer contraditório, porém eles acreditam que só os ciganos se transformam em vampiros. Ou seja, exatamente porque nos cemitérios estão enterrados os *gaujos* (ou *gorgios*), isto é, todos aqueles que não são ciganos, não há qualquer motivo para que eles temam os fantasmas desses mortos. Trigg afirma na sua obra que o *mullo* é tomado por um insaciável desejo de relação sexual, e que essa necessidade geralmente se estende à viúva, que por isso é levada a um estado de exaustão (*Gypsy Demons and Divinities*. Seacaucus, NJ: Citadel, 1973). Ele diz:

Sabe-se que, em alguns casos, os vampiros retornam para manter relações sexuais com aquela mulher com a qual não tiveram permissão para casar quando ainda estavam vivos. Mas, em outros casos, o vampiro chega inclusive a pedir à mulher para que esta retorne com ele ao mundo dos mortos, já que, assim, ambos ficarão unidos pela eternidade. Seja como for, e independente do fato de o vampiro ser casado ou não, ele pode regressar para fazer sexo com qualquer mulher de sua escolha. Existem casos de jovens que mantiveram por longo tempo um romance com alguém que, mais tarde, descobriu-se que era um vampiro. Alguns ciganos afirmam que os amantes vampiros só são visíveis para quem mantém relações sexuais com eles.

Diversos ciganos dos países eslavos crêem na existência de lobisomens. Enquanto alguns estão convencidos de que só alguém que tenha vivido uma vida totalmente dedicada ao mal pode se transformar em lobisomem, outros supõem que essa entidade é aquela vítima que teve o seu sangue sugado por algum desses seres maléficos. Assim, a vítima perderia gradativamente a capacidade de falar e, sempre que a noite chegasse, ela se transfiguraria em lobo para servir ao seu mestre.

Conforme já mencionado, os ciganos têm sido identificados com as bruxas e feiticeiros, pelo menos desde o século quinze. Pois, para se sustentarem vivos, eles se viram obrigados a fomentar a crença de que retinham certo tipo de conhecimento arcano e de que realmente eram adeptos das artes ocultas. Mais tarde, essa fama implicou em fogueira para os *rom*, uma vez que as pessoas de várias regiões presumiam que eles mantinham tratos com o demônio. E a prova disso está numa cena comum daquela época, na qual a população, ao assistir aos ciganos adestrando os animais e vendo, por exemplo, um cachorro andando sobre as duas patas, concluía que isso só podia ser fruto de algum tratado firmado com o Diabo!

Uma excelente observação de Clébert nos sugere que os ciganos eram confundidos com as bruxas, em razão de sua concepção sobre os sabás que, na época, eram bastante populares. Toda a população sabia que as bruxas realizavam os sabás nas florestas ou nas encruzilhadas das estradas. E talvez acontecessem situações em que os moradores da cidade, passando tarde da noite por uma estrada, tenham se deparado com algum grupo de ciganos tocando as suas canções, comendo, bebendo, e que estivesse acampado na floresta ou em alguma encruzilhada depois de ter viajado o dia todo. Aos olhos do cidadão comum, que normalmente morria de medo das bruxas, aquilo que ele via nada mais era senão um dos seus sabás! Esse mesmo autor também expressa a opinião de que as músicas e danças dos ciganos aproximavam-se bastante daquelas que as bru-



Jullin' a Drom (Viajando na Estrada).

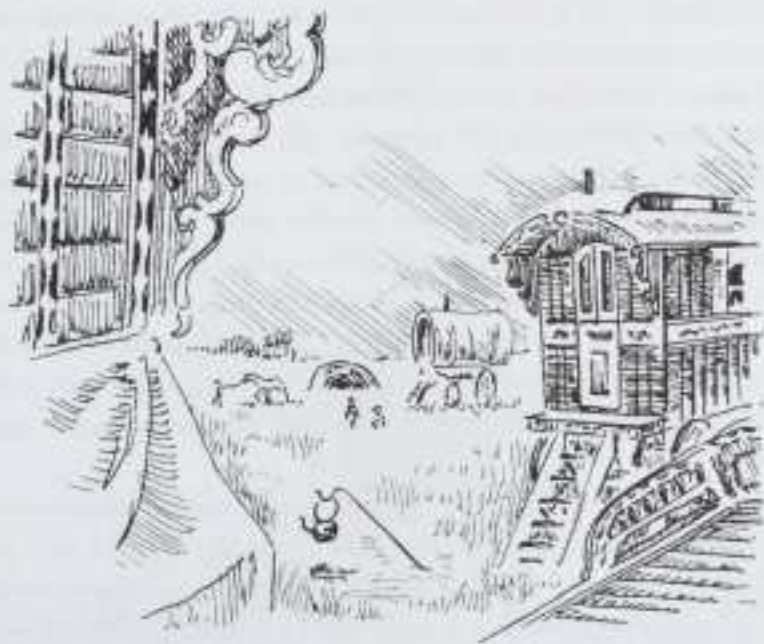
xas realizavam. Destacando para isso um texto de De Lancre, extraído do seu *Tableau de l'Inconstance des Mauvais Anges* (1613): "... com violinos, trompetes e tamborins; diz-se que essas reuniões são feitas sob o clima de um prazer e uma alegria extremos..." E Clébert faz o seu comentário: "Quem é que vai me culpar por compará-las com as danças clássicas dos *gitanos* (ciganos espanhóis), que, sob as vistas dos estranhos, são a representação mais exata do prazer sensual?" (*The Gypsies*, 1967.)

Se os ciganos realmente compartilharam as mesmas crenças da Wicca, este é um detalhe que nos é desconhecido, apesar de não haver a menor dúvida quanto às similaridades dos dois grupos. As bruxas possuíam um vasto conhecimento a respeito das ervas, por exemplo. Mas os ciganos tinham um saber semelhante. O seu estilo de vida nômade fez com que eles fossem tendo uma proximidade estreita com as ervas e flores selvagens, que iam encontrando pelos caminhos. Produziram remédios, à base de ervas, para os médicos das tribos, além de vendê-los para os habitantes dos vilarejos, dizendo que eram elixires mágicos. É, se estabeleciam um contato íntimo com a natureza, de igual modo como as bruxas, é bem provável que tenham cultuado divindades idênticas com nomes diferentes.



OS MISTÉRIOS CIGANOS:

O Crescimento de uma Reputação



Os ciganos foram e continuam sendo nômades. Eles sempre mudavam com muita constância. Até mesmo quando se estabeleciam em algum lugar da Europa, eles permaneciam ali por um certo tempo e, em seguida, dirigiam-se para outra região.

Os ciganos ingleses dos séculos dezenove e vinte viajavam na maior parte do ano, mas sempre acampavam em alguma região durante o inverno. Mas ainda é comum, neste período, encontrar-se agrupamentos de diversas famílias ou tribos acampadas e reunidas depois de uma separação pelo resto do ano. Nessas ocasiões, eles colocam os seus assuntos em dia e ainda ficam sabendo das novas fofocas. Entretanto, todos retornam à estrada com a chegada da primavera e logo tomam diferentes rumos. Alguns lugares, em particular, foram e ainda são bastante populares entre determinadas famílias ciganas, talvez por causa do relacionamento que mantinham com os proprietários dessas terras, e principalmente porque sabiam que seriam bem recebidos nesses locais a cada ano.

Há uma Feira de Cavalos, por exemplo, que sempre acontece no início de junho em Appleby-in-Westmorland, Cumbria (o apogeu das vendas é habitualmente realizado na segunda quarta-feira do mês), que reúne várias famílias ciganas interessadas pelo comércio de cavalos (aliás, quase a totalidade delas tem esse interesse!). Pois não existe tribo alguma que não meça esforços para estar em Appleby nessa época do ano. Basta saber que é a maior feira de todo o país. Mas ainda há outras feiras bem menores pelo interior: a Feira de Barnaby, a Feira de Brigg e a Feira de Lee Gap são algumas delas. Essas também atraem os mercados de cavalos.

Aqueles que ganham a vida com pequenos *shows* e também os que trabalham com dança costumam dirigir-se para a Feira do Ganso, em outubro, uma das mais famosas feiras de diversões, em Nottingham. Por ocasião das comemorações da colheita, muitos ciganos gostam de ir para Kent e para algumas outras feiras agropecuárias. Mas o modo antigo de viajar em vagões puxados por cavalos foi inteiramente substituído, na atualidade, por caravanas de *trailers*.

O vagão cigano — uma casa sobre rodas — sempre foi magistralmente decorado. Embora as suas variações sejam encontradas por toda a Europa, inclusive na América, o vagão inglês, ou vardo, é o modelo mais conhecido. Os vardos surgiram, pela primeira vez, lá pelo fim do século dezenove e início do século vinte. Até a Segunda Guerra Mundial, viam-se constantemente aqueles vardos em movimentação lenta ao longo das estradinhas ou mesmo nas estradas maiores da Inglaterra, País de Gales e Escócia.

O vardo é uma casa de um só cômodo. Ele possui uma lareira que serve para cozinhar e aquecer, uma cama e mais alguns armários. E também tem uma porta e janelas (exceto no caso das “Carroças Abertas”, como ilustrado a seguir). A porta normalmente se localiza na parte dianteira (mas há exceções), e na traseira fica uma tampa, ou uma espécie de armação. É posta uma caixa fechada debaixo dessa tampa, conhecida pelo nome de caixa das panelas, para guardar todos os utensílios da cozinha, tais como panelas e vasilhas. O vagão carrega ainda algumas caixas, como a gaiola das galinhas e outros artefatos, que também podem ser dependurados em ganchos localizados debaixo dele. Mas, no fim das contas, esse vardo não fica muito pesado, inclusive podendo ser puxado por um só cavalo.

Existem tipos diferentes de vardos. O modelo básico é o da CARROÇA ABERTA: um vagão com uma carroceria lisa e uma armação arqueada que sustenta uma cobertura bastante parecida com a das tendas (ver foto na página 39). A carroceria fixa é feita com uma base de madeira, erguida até uma certa altura, de tal modo que as laterais funcionem como paredes e possam ter uma pequena janela. A parte dianteira é totalmente aberta, como bem sugere o seu nome, e protegida por uma cortina. O teto arqueado estende-se um pouco mais para a



Um vardo aberto.

frente e com isso proporciona uma cobertura toda arrematada por um frontal de madeira trabalhada. Conforme ocorre em todos os vardos, a lareira fica na entrada, à esquerda de quem entra, e a sua chaminé é visível no topo da cobertura. Quanto à cama, esta é construída ao longo da parede de madeira.

A CARROÇA ARREDONDADA é bastante parecida com a Carroça Aberta, embora se distinga por sua porta dividida que também funciona como janela(s). A CARROÇA QUADRADA também tem um teto de lona, mas não possui armações iguais às das outras, por isso a lona fica inteiramente reta no seu teto. A porta encontra-se na parte frontal.

Talvez exibindo uma aparência mais sólida, ainda existem o VARDO DE CONSULTAS, o VARDO-BALCÃO, o BURTON e outros similares. Eles são construídos com madeira, possuem janelas, e têm a dianteira e a traseira fechadas. Encontramos com frequência uma espécie de janela no seu teto, que permite a entrada da luz natural, e mais uma ou duas janelas de cada lado. Suas laterais são magnificamente decoradas com ricas tábuas trabalhadas nos mais variados estilos; algumas chegam a ter moedas antigas pregadas na sua extensão. As suas rodas são largas, porém, em alguns tipos, as da frente são um pouco menores do que as de trás. Em geral, o vardo tem aproximadamente três metros de comprimento e pesa cerca de uma tonelada.

A decoração é o que há de mais extraordinário no vardo romani (pelo menos do ponto de vista dos gaujos), uma vez que ele exibe um trabalho elaborado de entalhes e ostenta uma pintura de cores vivas e brilhantes, acrescida com motivos dourados. São diversas as cores utilizadas, mas a preferência é pelos tons do vermelho, verde e amarelo; nunca se faz uso do preto. Peter Ingram, um romani que vive e trabalha em Hampshire, na Inglaterra, é um dos poucos e últimos artesãos capazes de executar essa tarefa. (C. H. Ward-Jackson e Denis E. Harvey escreveram um livro que talvez seja o mais completo a respeito dos vardos: *The English Gypsy Caravan — Its Origins, Builders, Technology and Conservation* [Devon, Newton Abbot: David & Charles, 1972].)

Nas estradas dos nossos dias, vê-se com muita constância uma enorme casa motorizada rebocando um pequeno carro. É claro que este segundo veículo tem a função de explorar os arredores, depois que se estaciona a casa no acampamento. Mas a sua versão cigana é bastante original. Pois o seu veículo de “passeio” é uma pequena e leve carroça de duas rodas chamada de CHARRETE ou carruagem. Ela é geralmente decorada de forma tão deslumbrante quanto a do vardo. E, quando é necessário pernoitar em algum lugar, pode ser armada com muita rapidez, bastando para isso encaixar as hastes de sua armação em pontos apropriados da carroceria e depois esticar a lona por cima. Em poucos minutos consegue-se uma ótima “acomodação” (ver ilustração da página 174).

O vardo aberto tem uma abertura na sua parte frontal. Ele geralmente possui cortinas para a proteção da chuva e dos ventos.



Raymond Buckland



Raymond Buckland

O autor Raymond Buckland (à esquerda) e seu amigo Peter Ingram posando diante de um vardo aberto.



Raymond Buckland

O vardo arredondado é fechado na parte de trás, tem uma porta dividida e janelas para proteger os ocupantes das variações climáticas.

Uma charrete Bradford feita por Peter Ingram, que também é seu proprietário. Várias gerações da família Ingram foram construtores e pintores de vardos e coches.



Raymond Buckland

Este vagão maravilhoso e todo decorado é um vardo-balcão.



Raymond Buckland

Detalhe do interior de um vardo-balcão (abaixo). Note-se o intrincado trabalho na decoração do lampião antigo.



Raymond Buckland



Raymond Buckland

O autor aparece
debruçado na porta
dividida de um vardo
arredondado.

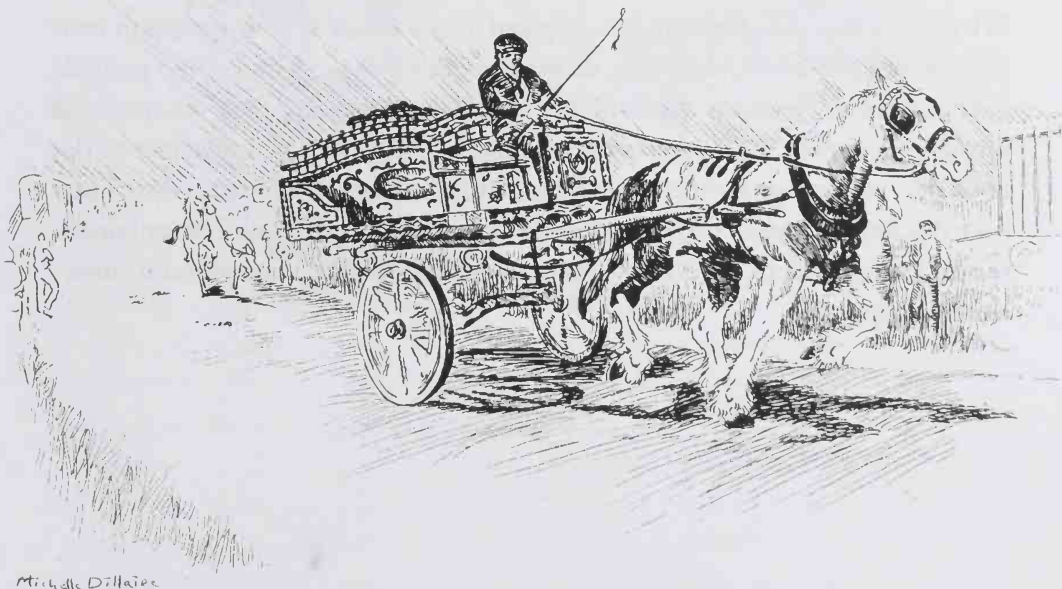


Raymond Buckland

Um vagão moderno de ciganos.

A tenda é um outro componente da casa motorizada nos dias de hoje. E, quanto a isso, os ciganos foram mais uma vez os precursores dos modernos acampamentos que já estamos acostumados a ver, principalmente nas férias e fins de semana. Eles sempre ergueram uma “tenda” do lado de fora do vardo para servir de complemento às acomodações. Para a sua feitura, os membros da tribo cortam galhos de árvore compridos e flexíveis, e depois os enterram no solo ao longo de duas fileiras laterais, com alguns galhos fincados no centro, tendo um mais alto no meio deles. Os galhos da amendoeira são os preferidos, pois com eles as tendas são levantadas com muita rapidez. Depois a tenda é coberta com lona encerada ou cobertores (ver Capítulo 15), já que assim proporciona um abrigo confortável. É feito um orifício no seu topo, por onde a fumaça possa escapar, se quiserem acender uma fogueira no seu interior para se aquecerem.

O estilo de vida cigano sempre foi visto como romântico pelas outras pessoas. E, para isso, não era necessariamente importante que os olhos alheios enxergassem a poeira e a sujeira que a falta d'água e o longo tempo de viagem nas estradas causavam. Como também não se precisava ver a esqualidez dos rom, que só por esses aspectos eram e ainda são freqüentemente excluídos de tudo, uma vez que havia outros e melhores detalhes nos acampamentos. Mas o fato é que esse romantismo foi herdado do clima produzido pelos vagões coloridos e pelas roupas cheias de pormenores e motivos festivos: saias fulgurantes, blusas rendadas e de seda, e lenços vistosos compõem as vestimentas das mulheres; enquanto os homens trajam-se com calças brilhantes, além de se adornarem com lenços.



Uma charrete Bradford dirigindo-se para a Feira de Cavalos de Appleby.

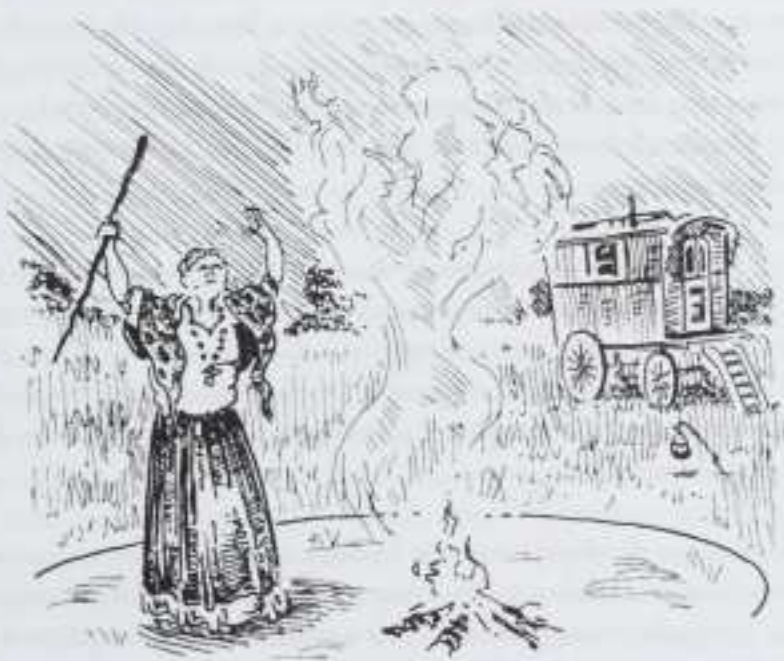
Os rom viajantes sempre ficaram felizes com a admiração que despertavam nos outros. Eles viviam nas proximidades da natureza — aliás, muito mais próximos do que se imagina — e justamente por causa disso mantinham uma estreita conexão psíquica com ela, aquela mesma que tanta gente procura em vão! Pois, a despeito dos seus diversos benefícios, a civilidade e a sofisticação acabaram nos afastando dos nossos vínculos naturais com as coisas metafísicas, ao passo que os ciganos sustentaram esta ligação e no mais das vezes as utilizam de acordo com o que é necessário para alcançar seus objetivos.

É sabido que o cigano não lança mão do seu conhecimento mágico para ajudar um outro cigano. Isso é a mais pura verdade. Por quê? Por mais que se tente pensar que isto acontece porque eles são fraudulentos ou porque não acreditam em si mesmos, a razão é outra e bem mais simples. Isso ocorre porque *todos* eles detêm realmente as tais qualidades mágicas e daí não precisam usá-las com os seus semelhantes, pois já o fazem com os gaujos. Na verdade, os rom só fazem uso dos seus poderes para as pessoas que não são ciganas e perderam o dom natural. E, com isso, a prática cigana das artes ocultas vem lhes proporcionando uma fonte de renda inesgotável, além de toda a admiração dos gaujos, que no fundo é uma combinação de respeito e medo por um povo tão singular.

A ligação estabelecida entre ciganos, bruxas e feiticeiros durante o período da Idade Média não foi inteiramente incorreta, já que os ciganos possuem um conhecimento que, apesar da tradição própria dos romani, poderia ser classificado como “Antiga Feitiçaria”, ou seja, a feitiçaria praticada pelos antigos pagãos. No entanto, este saber difere do movimento que atualmente leva o nome de Wicca, pois não enfatiza o aspecto religioso. A sua ênfase se debruça muito mais sobre a tradição do uso das ervas, da magia básica e dos oráculos como parte da vida cotidiana. Nenhum desses itens é visto como especial, uma vez que cada um deles é apenas uma parcela da existência. Em suma, o conhecimento das ervas para o emprego na cozinha, na cura e nos incensos; a utilização dos oráculos e dos augúrios para auxiliar nas decisões; a feitura de feitiços e encantamentos para direcionar os acontecimentos: tudo isso compõe a bagagem dos mistérios dos ciganos.



O NASCIMENTO DA SHUVANI: A Bruxa Cigana



A palavra romani para designar “bruxa” é *shuvihani* (cujo masculino é *shuvihano*), mas algumas vezes ela é abreviada para *shuvani* e, em certas regiões, a sua referência é *shu'ni*. (Há também uma outra forma que é *chuvihani*.) O significado dessa palavra é “bruxa”, apesar de a sua significação mais antiga ser “uma pessoa sábia”: alguém que possui o conhecimento de todos os aspectos do oculto.

Trigg afirma que as shuvanis “desempenham, no interior da sociedade cigana, a importante função de abençoar e amaldiçoar, de curar e provocar doenças... a chuvihani é aquela pessoa que tanto é respeitada pela sua sabedoria como pelo seu entendimento das crenças e práticas mágicas”. Ela também é quem detém todo o saber dos tabus sociais e dos ritos e rituais mágicos, tais como o batismo e o casamento. Não há cigano que a considere, seja lá em que momento for, como uma pessoa maléfica ou repugnante. Para eles, ela é simplesmente aquela que possui um conhecimento singular, além de ter um poder que, de acordo com seus desejos, poderá ser usado para o bem ou para o mal.

Eric Maple, no livro *The Dark World of Witches* (Londres: Robert Hale, 1972), diz o seguinte:

Os historiadores observaram que houve um súbito ressurgimento da bruxaria e feitiçaria no século quinze, e não há a menor dúvida de que a chegada dos ciganos foi uma das causas para tal evento. Esse povo nômade chegou à Europa por volta do século catorze, provavelmente oriundo da Ásia, trazendo com ele as práticas mágicas que estavam adormecidas na Inglaterra desde que a fé cristã se expandiu.

O argumento de Maple talvez seja bastante apropriado não só para a Inglaterra como para toda a Europa. Pois existe realmente uma possibilidade bem clara de que a chegada dos ciganos tenha sido a centelha que desencadeou o ressurgimento do paganismo e da prática da magia.

Não tenho a menor dúvida quanto ao fato de que os ciganos, mais do que quaisquer outros, disseminaram entre as pessoas a crença no oculto.

Leland ressalta um antigo poema romani:

*Ki shan I Romani,
Adoi san' I chov' hani.*

Aonde os ciganos vão,
Eu sei que as bruxas estão.

Eles podem ter sido charlatães sob diversos aspectos, mas não se tem como acusá-los de não possuírem certos poderes mágicos. Por isso afirmo que a fraude, o logro e a trapaça não foram a sua única bagagem ao longo de tantos séculos. Conforme nos diz o velho ditado, “onde há fumaça, há fogo”, talvez isto seja de alguma forma aplicado aqui. Mas, apesar de tudo, os ciganos também foram os Mantenedores dos Antigos Mistérios e vêm sendo, pelos séculos, um manancial do conhecimento mágico ao redor do mundo.

Clébert revela nos seus escritos que as shuwanis originam-se da união de uma jovem romani com algum espírito da água ou da terra. Ele nos diz que esses espíritos mantêm uma “união carnal” com as futuras bruxas (*The Gypsies*, 1967). Embora eu desconfie de que nenhum cigano ainda acredite, nos dias de hoje, em tal união, muitas shuwanis continuam vivenciando um tipo de experiência que é muito parecida com a busca da visão dos indígenas norte-americanos: uma espécie de teste em que se obtêm o entendimento e a realização do desconhecido. Entretanto, a grande maioria aprende os saberes mágicos com uma velha shuwaní que lhe transmite a tradição e aponta o caminho a ser percorrido.

Existem muitas superstições no seio da tradição cigana. Assim, augúrios, tabus e profecias, tudo isso faz parte da vida desses nômades. Além disso, eles crêem nos espíritos — da terra, do ar, da floresta e do campo. As shuwanis são justamente aquelas que conseguem comunicar-se com tais espíritos, e o fazem com certa regularidade. Entretanto, dentre os grupos de espíritos, três se destacam de modo especial: os do ar são bastante independentes e tanto podem ferir como ajudar os humanos. Parece que eles se sentem mais gratificados quando conduzem os humanos para o mau caminho! Por outro lado, os da terra são reiteradamente descritos como “nobres”. São amigáveis e estão sempre dispostos a dar um bom conselho. Já os espíritos da água constituem um caso à parte. Ao mesmo tempo que são gentis e ajudam os humanos, eles podem ser por demais vingativos e, se não forem completamente maléficos, não serão nem um pouco agradáveis.

Um dia, encontrei-me com uma shuwaní num lugar chamado Betws-y-Coed, que fica nos arredores de uma pequena cidade ao norte do País de Gales. Coincidentemente, este é um dos vários locais em Gwynedd nos quais as fadas, ou *Tylwyth Teg*, são vistas com frequência pelas pessoas.

Bregus Wood, a shuwaní com a qual passei algum tempo, tinha cerca de dezoito anos quando a conheci em 1990. Ela me confidenciou que fora iniciada nas artes mágicas por sua mãe, quando estava com sete anos de idade. E que, nos seus primeiros dois ou três anos, dedicou-se ao aprendizado dos nomes e

46 utilizações das flores e ervas do mato, juntamente com as suas qualidades mágicas. Mais tarde, começou a fazer unguentos, poções, tinturas, cataplasmas e pós. Pelo que parece, ela era de fato uma curadora nata; ao fazer treze anos, espalhou-se a notícia sobre os seus poderes de cura. A partir daí, os ciganos de todas as regiões do país iam visitá-la. Bregus me disse que desde então era natural para ela conseguir a cura, apenas com o toque das mãos (ver Capítulo 6), assim como se valia, com facilidade, dos encantamentos e feitiços (ver Capítulos 5, 9 e 12). Sua mãe morreu, e ela ainda não estava com trinta anos; porém, embora sendo relativamente jovem, tornou-se desde essa época a shuvani da tribo.

É Leland quem diz: “As mulheres se superam nas manifestações de certas qualidades associadas com os mistérios e as influências e poderes ocultos.” De fato, a quantidade existente das shuvanís é bem maior do que a dos shuvanos, apesar de estes últimos serem tão considerados quanto as primeiras. E Leland segue dizendo: “A magia dos ciganos não se reduz a trapaças, mesmo que também recorram a esse expediente. No fundo, eles crêem, com muita convicção, em si mesmos e nos seus encantamentos, e por isso exercitam a magia para uso próprio. Além disso, eles acham que inúmeras mulheres, e uns poucos homens, têm a posse genuína dos poderes sobrenaturais, parcialmente herdados e parcialmente adquiridos” (*Magia Cigana*, 1891).

Às vezes, uma certa marca de nascença é um indício, para os ciganos, de que aquela criança será mais sábia que as outras. Alguns deles chegam a ver esses sinais de nascimento como uma espécie de “estigma”, atribuindo-lhes algum acontecimento traumático que teria ocorrido com o pai ou a mãe do neném antes de sua concepção. Segundo a crença deles, se o pai foi, por exemplo, atingido por um coice de um cavalo, e o bebê nasceu com um sinal na forma de uma ferradura, isto é uma forte indicação de que ali está uma shuvani em potencial. Por isso é bem provável que essa criança seja levada a uma anciã para aprender a arte do conhecimento mágico. Aliás, a sua mãe passaria também a ser tratada com grande respeito, e, conforme o que o escritor Derlon escreveu em 1977, “todos a olhariam como se ela fosse a Grande Mãe, que depois disso seria venerada tal como uma estátua da Virgem Maria”.

Na verdade, não existe qualquer tipo de “cerimônia de iniciação” para fazer com que uma pessoa se torne uma shuvani ou um shuvano. Pois essa condição é alcançada a partir de um treinamento gradual, quer seja ele monitorado ou solitário. Ou seja, o aprendizado só vem com o decorrer do tempo. (Portanto, se for o caso, não use este livro de maneira apressada! Procure aproveitá-lo no tempo certo. Ao estudar aquilo que nele está escrito, leia-o com calma. E no seu término haverá uma bibliografia dos livros a respeito dos ciganos, com os quais você poderá aprender ainda mais.)

De todo modo, neste livro *você vai aprender muitos segredos das shuvasis, com a vantagem de não ser obrigado a reter cada coisa na memória. (Pelo menos de imediato. Mas espero que muitos de vocês sigam utilizando esse conhecimento, até que ele seja assimilado a ponto de ser chamado de segunda natureza.) Portanto, você poderá folheá-lo aqui e ali, passando a usá-lo conforme o momento e a necessidade. Além do mais, é provável que ele venha a ser o seu livro de referência para a feitiçaria e a magia dos ciganos.*

No próximo capítulo, iniciarei com a magia propriamente dita, abordando o aspecto mágico do amor em primeiro lugar, simplesmente porque este é um dos mais procurados: a mim me parece que é dele que as pessoas mais necessitam. Trataremos, em seguida, da saúde e da cura e, mais adiante, dos assuntos financeiros, da sorte e da proteção. No Capítulo 10, cuidarei das diversas formas de oráculo que são usadas pelos rom, e depois darei algumas explicações sobre certos modos de ajuda mágica, ou seja, os talismãs e os amuletos. Para os ciganos, o sexo é uma parte essencial da vida, sendo primeiramente reconhecido pela poderosa energia que nele é desencadeada. Por isso eles não têm o menor pudor em fazer uso do sexo com propósitos mágicos. E falarei também dele no Capítulo 12, seguido pelos animais mágicos e pela cura.



Uma shuvani no seu trabalho mágico.

Finalizarei com alguns detalhes sobre a construção de uns tantos instrumentos mágicos que são utilizados pelos viajantes, dando demonstrações de como fazê-los de acordo com a maneira cigana. Mas, antes de entrar nesses temas específicos, eu gostaria de me deter um pouco para falar algumas palavras sobre a magia e de como se trabalha com ela.

Toda a magia praticada pelos ciganos envolve o uso de elementos naturais, ou melhor, daquilo que é encontrado na natureza. A não ser que haja muita necessidade, é raríssimo ver-se um rom comprando alguma coisa manufaturada (mesmo que seja algo bastante simples, como uma faca ou algum utensílio similar). E a razão disso se deve apenas ao fato de que os ciganos costumam fazer tudo aquilo do qual precisam e se utilizam. E também porque eles acham que os objetos naturais possuem vibrações muito mais puras do que as dos produtos manufaturados: principalmente aqueles que são fabricados a partir de materiais sintéticos.

Em alguns casos, é necessário que se procurem e se percorram estradas, florestas e campos por um tempo considerável, até que se encontre o elemento perfeito para o feitiço. E na verdade essa busca é uma parte importantíssima do trabalho mágico, já que a expectativa e a tênue tensão da procura ajudam a fortalecer o poder que será transmitido ao objeto, no momento em que ele for encontrado e utilizado.

Em se tratando de magia, nunca se apresse! Pois são vários os atos mágicos que precisam ser realizados no tempo certo, quer seja numa determinada hora do dia ou da noite, ou mesmo num certo período do mês. Portanto, não deixe de planejar com esmero tudo aquilo que deverá ser feito. Jamais tente trabalhar com a magia, movido apenas pelo impulso momentâneo, uma vez que raramente se consegue o sucesso quando se age assim. A magia — ou melhor, a magia bem-sucedida — vai sempre depender da energia, especialmente da energia pessoal de quem a está realizando. Porque essa energia (ou “poder”, ou qualquer nome que se queira dar a ela) é absorvida pelos instrumentos que são fabricados e manipulados, pelas palavras que são enunciadas, pelas ações que são representadas, e ainda pelo direcionamento dado no sentido de se obter o resultado.

Procure realizar apenas a magia positiva. Certifique-se, com cuidado, de que aquilo que você irá fazer não causará dano a nenhum ser. Aliás, faça mais do que isso: assegure-se de que o seu ato mágico não irá interferir no livre-arbítrio de ninguém. Isso é particularmente importante nos casos da magia amorosa. Sou abordado com frequência por pessoas que sofrem profundamente por causa de um amor não correspondido. E elas, quase sempre, me indagam: “O que posso fazer para que ela (ou ele) me ame?” A resposta para esse tipo de pergunta nunca se limita à afirmação de que *não se pode* fazer uma determinada coisa, já que tam-

bém há o *não deve* fazê-la. Portanto, se você estiver vivendo uma situação semelhante, antes de tudo pergunte-se a si mesmo se gostaria de fazer amor com alguém que naturalmente não o ama. Pois certamente você não gostaria disso! Eis por que tenho enfatizado esse aspecto nos meus livros e continuarei enfatizando.

Talvez em função do modo pelo qual os ciganos têm sido tratados ao longo dos séculos, infelizmente eles e muitas outras pessoas não se interessam por algo que lhes seja superior. Conforme já mencionei, a shuvani tanto pode curar como amaldiçoar. E, geralmente, elas não têm o menor pudor em submeter quem quer que seja para conseguir o que desejam. Embora eu não concorde com isso, incluí neste livro alguns feitiços e magias que nem sempre seguem o princípio de não magoar ninguém. Ainda que esses trabalhos sejam somente uma das formas do procedimento mágico dos ciganos, eles foram admitidos aqui para que a atmosfera ficasse mais completa e verdadeira. Portanto, examine qualquer feitiço, em suas minúcias, antes de realizá-lo, procurando entender aquilo que ele de fato promete como resultado, e, caso seja possível fazê-lo (talvez modificando-o ligeiramente), tente seguir os princípios positivos. Pois existe um sem-número de coisas que *podem* ser feitas de maneira positiva, bastando para isso que você as utilize com bom senso.

Entre os integrantes da Wicca, acredita-se que tudo aquilo que se faz retorna triplicado. Assim, se fizermos o bem para uma pessoa, ele retornará três vezes, com a sua energia intensificada. Mas, se fizermos o mal, se magoarmos alguém, teremos o retorno da infelicidade, triplicada de uma maneira terrível. Essa crença é o corolário de uma lei da Wicca: *Faça o que quiser, desde que não magoe ninguém*. Isso significa, basicamente, que todos nós somos livres para fazermos qualquer coisa, mas que devemos nos atentar para que nossas ações não prejudiquem os outros. Eu, por minha vez, também assino embaixo dessa certeza.

Já tenho assistido, por diversas vezes, a esse “retorno triplo” e aos seus efeitos, tanto positivos como negativos. Eis por que é extremamente importante que você, ao trabalhar com a magia dos ciganos, fique atento em não magoar ninguém, além de não interferir no livre-arbítrio de quem quer que seja. E é sempre bom ter em mente este velho ditado: “Faça com os outros aquilo que você gostaria que lhe fizessem.”

Outro aspecto indispensável do trabalho mágico é a necessidade de levar em conta o estado mental. E, para isso, você deve estar sempre calmo, centrado, habilitado a focalizar aquilo que deseja e, principalmente, capaz de controlar as suas emoções. Já que as emoções desempenham um papel fundamental no trabalho com a magia, nunca é bom que isto seja esquecido.

Embora normalmente seja preciso jogar muita emoção em cima daquilo

que se está tentando obter, não é por isso que se deve ficar enredado no emocional, a ponto de perder o controle de si mesmo, uma vez que a melhor atitude é canalizar essa emoção para que a energia seja bem-direcionada.

A concentração também tem a maior relevância. Pois é necessário que você tenha a faculdade de se concentrar em uma e somente uma só coisa, excluindo tudo o mais. Em meio à vida cotidiana, são muitas as vezes nas quais nos sentamos diante de uma pilha de papéis do banco, ou de uma lista do supermercado, ou do planejamento da aula, com a nossa mente “estando em outro lugar”, divagando em torno da festa que iremos à noite, ou ainda pensando no filme que vimos no dia anterior. Mas acontece que a concentração é o ato de se ter um único pensamento na mente, repito, nada mais do que um só pensamento na mente. Esse é um dos aspectos mais importantes da magia. E, como é preciso muita prática para adquirir essa habilidade, comece a agir agora!

A visualização está sempre ao lado da concentração. Por isso, vou lhe perguntar: Até que ponto você é bom na arte de visualizar? Ao pensar — *realmente* pensando — em uma rosa, você consegue enxergar todos os aspectos dela? Será que você terá a aptidão de detê-la por um certo tempo *em sua mente*, de perceber a diferença que existe entre as suas pétalas, de distinguir as gradações de sua cor, de ver os detalhes das folhas e espinhos da sua haste? Será que você vai conseguir “focar” a sua visão no centro dessa rosa e ali olhar as gotas de orvalho acumuladas sobre as pétalas? Saiba então que é exatamente isso que quero dizer quando falo em concentração e visualização. E repito, uma vez mais, que isso só pode ser aprendido com muita prática.

A pureza é outro aspecto fundamental quando se trata de magia. Os gaujos geralmente consideram os ciganos como um povo “sujo”. E na verdade existem bons motivos para tal juízo. Já que eles *estão* constantemente sujos, em razão de suas seguidas viagens por estradas empoeiradas. A água é quase sempre escassa, e, quando ela é encontrada, seu uso na culinária e para matar a sede acaba sendo mais prioritário do que para o asseio pessoal. Isto significa que só poderíamos afirmar que eles são sujos, no sentido de que não tomam banho, sem jamais querer dizer com isso que eles são seres abjetos ou cultivadores de perversões e impurezas.

Obviamente, se essa questão só dependesse dos ciganos, eles estariam sempre limpos e perfumados, e de fato eles se mostram desse modo quando encontram água em abundância. Basta supor o que acontece quando aparece um rio ou um riacho no meio da jornada, pois nem preciso dizer que eles logo aproveitam a chance para mergulhar na água, ávidos do banho que irá livrá-los da sujeira acumulada na viagem. Enfim, ao trabalhar com a magia, tente imaginar-se como um cigano acampado à beira de um regato! Assegure-se de estar limpo fisi-

ca e mentalmente, e a partir daí adquira o hábito de tomar um banho demorado, antes de qualquer trabalho mágico.

A respiração é outro requisito indispensável; mas, para alguns, talvez esta frase soe redundante, embora eu esteja aqui me referindo ao ato de respirar corretamente. Os rom não têm o hábito de fazer exercícios matinais, e muito menos de encher e esvaziar os pulmões, conforme a descrição feita pelos autores nos seus livros sobre o desenvolvimento psíquico. Tampouco se dão ao trabalho de refletir sobre o modo pelo qual estão respirando. No entanto, eles nunca deixam de estar atentos ao fato de que a capacidade de concentração é necessária à prática mágica (como já comentei antes). E também sabem que, para se concentrar, é preciso respirar devagar e calmamente. Assim, caso você esteja agitado ou excitado, certamente a sua respiração estará muito rápida e pesada. Em suma, inconsciente ou conscientemente, a sua mente deverá estar apenas absorvida pelo ato de respirar, deixando de se preocupar com o resto das coisas, para que todo o seu corpo se acalme e adote uma respiração tranqüila e relaxada.

E o que dizer a respeito do local propício ao trabalho? Os livros que tratam da magia se referem com certa regularidade — pelo menos um grande número entre eles — a um “templo” ou “espaço mágico” onde será feito o trabalho mágico. Obviamente por isso os ciganos não se dedicam à magia cerimonial. Pois nenhum deles possui um espaço sagrado de reserva. Exatamente como as bruxas tradicionais, eles operam a magia em qualquer lugar que ela possa ser feita. E tanto pode ser dentro da mata como em algum campo aberto, ou mesmo no interior de uma velha cabana. Mas creio que o lugar para isso não tem lá essa importância.

Bregus Wood, a shuvani galesa, relatou-me que algumas vezes trabalha dentro do seu velho vardo; outras, nos arredores do seu acampamento. Mas ainda há ocasiões em que ela ergue uma tenda e ali realiza as suas tarefas mágicas, isso quando não sai em busca de uma encruzilhada para efetuar os seus sortilégios exatamente no centro desse local onde os caminhos se cruzam. Ela me disse que, ao longo de sua vida, tem feito o seu “*bok ta kushiti bok booti*” (literalmente, o seu “trabalho de boa ou má sorte”) em todo tipo de lugar, esteja ela sentada numa charneca ou mesmo debaixo de um vardo! E disse ainda: “O lugar é o que menos importa, pois o que vale mesmo é aquilo que você faz.”

Um dos aspectos da magia cerimonial, que, para muita gente, desperta um prazer enorme, é o “vestir-se” com os trajes mágicos. E não seremos nós que estragaremos essa felicidade. Já que o ritual da vestimenta pode ser realmente valioso, no fim ele acaba tendo um lugar de destaque na preparação mágica, até mesmo quando essa roupa ritualística não passa da mera combinação do *jeans* com a camiseta, usados com esse único propósito. Entre outras coisas, um traje

52 apropriado sempre será aproveitável nas apresentações teatrais dos mágicos, tão conhecidas de todos, dando a eles uma imponência cênica maior, que termina por se expressar em palavras, gestos, presença no palco etc. Além disso, a cor da roupa é fundamental, sob o ponto de vista da magia, bem como a escolha do material (a seda e o algodão, ou linho, são os preferíveis, devendo-se evitar todo tipo de material sintético, como o náilon e outros). Quanto ao estilo — manto, túnica, camiseta, calça, saia, ou mesmo a nudez —, deve ser escolhido de acordo com o tipo de magia que se vai realizar.

Tenho visto rapazes bem “comuns”, daqueles que não costumam receber um segundo olhar, transformarem-se em personalidades magnéticas, por vestirem os mantos da ordem mágica à qual pertencem, tão logo assumem o papel de magos. O trajar-se com as vestes do mago é o mesmo que investir-se dessa personalidade, imbuindo-se da majestade e autoconfiança do verdadeiro Mago. Sabendo que a vestimenta é muito importante para a maioria das pessoas, especialmente quando se trata da prática mágica, é claro que ela não podia deixar de ser também para os ciganos. Por que então não experimentar vestir-se como eles? Creio que, a essa altura, muitos de vocês estarão entusiasmados com essa proposta, ou desculpa; no entanto, agora falando sério e conforme o que acabei de dizer, vestir um personagem significa vivenciá-lo. Mas o problema é que nesse caso não existe uma vestimenta cigana “típica” propriamente dita, pois o que aparece é apenas um estereótipo do seu traje.

A maneira de eles se vestirem é bastante apurada em várias regiões. Os rom parecem ter uma preferência por aquilo que eles chamam de “moda antiga” de se vestir.

As mulheres têm o hábito de se cobrir com saias longas e volumosas, que se estendem até os pés ou um pouco acima dos tornozelos. Suas saias normalmente estampam os tons dos coloridos brilhantes, tendo diversas anáguas por baixo. Aliás, as suas saias feitas com tecidos em xadrez ficaram em grande voga na Inglaterra, por vários anos. Os corpetes apertados também eram bastante comuns. As blusas — freqüentemente decotadas — exibem fartas mangas bufantes que se alongam até a altura dos cotovelos, onde quase sempre são arrematadas por um laço. Um avental ricamente elaborado (conhecido como *jodaká*), ornado com bordados e rendas, também é comumente trajado. Mas esse avental, que é um dos itens mais significativos da indumentária cigana, não é igual àquele da “cozinha” (ver Capítulo 15). Um lenço de seda (*diklo*) pode ser usado sobre a cabeça, tanto na forma de turbante, como amarrado à trança, ou então poderá ser colocado em torno do pescoço, com um lindo broche. O xale pode substituir o *diklo*, assim como pode fazer um conjunto com este. Os colares de contas de âmbar e azeviche, como também os de coral, são costumeira-

mente utilizados. Os sapatos são quase sempre altos, mas as mulheres ciganas têm uma grande preferência pelas botas. Os seus cabelos são geralmente longos e soltos, ou presos com prendedores vistosos e ricamente trabalhados. As jóias de ouro são outro item essencial, principalmente os grandes anéis e os brincos. Quanto à prata, ela não é muito usada, a não ser nos cavalos!

Os homens ciganos adoram as calças de veludo cotelê, embora também usem tecidos mais pesados e resistentes. Essas calças costumam ter uma bragui-lha dupla, com sete fileiras de pespontos na extremidade. Em sua grande maioria, são cortadas na altura dos joelhos para facilitar as cavalgadas. Os casacos também são confeccionados com tecidos pesados, quase sempre em tons de verde-musgo ou marrom, e amarrados por uma faixa preta. Os seus bolsos possuem



Raymond Buckland

Colete masculino de um cigano, bordado e adornado com moedas.

Repare-se o *diklo* usado na região da garganta.

54 uma fileira quádrupla de pespontos. E ainda é habitual o uso de um “bolso secreto”, profundo, na parte de dentro. É preciso ressaltar que os botões das calças são feitos de chifres. As botas são bastante resistentes, e as mais comuns são de montaria. Um outro acessório, usado com freqüência, é o chapéu de abas largas (*stardi*). As camisas, regularmente coloridas, não são tão vistosas quanto as das mulheres. Eles gostam de pôr um cinto largo juntamente com um suspensório. Mas, tal como a mulher, o homem cigano se apraz com um lenço em volta do pescoço, e dá preferência aos de seda. E é possível ver algumas vezes um rom trajado com fraque e colete. O uso das jóias, feitas com ouro maciço, continua se sobressaindo. Por falar em jóias, como os ciganos estão sempre em movimento, eles quase nunca recorrem aos bancos, pois geralmente investem as suas riquezas em jóias.

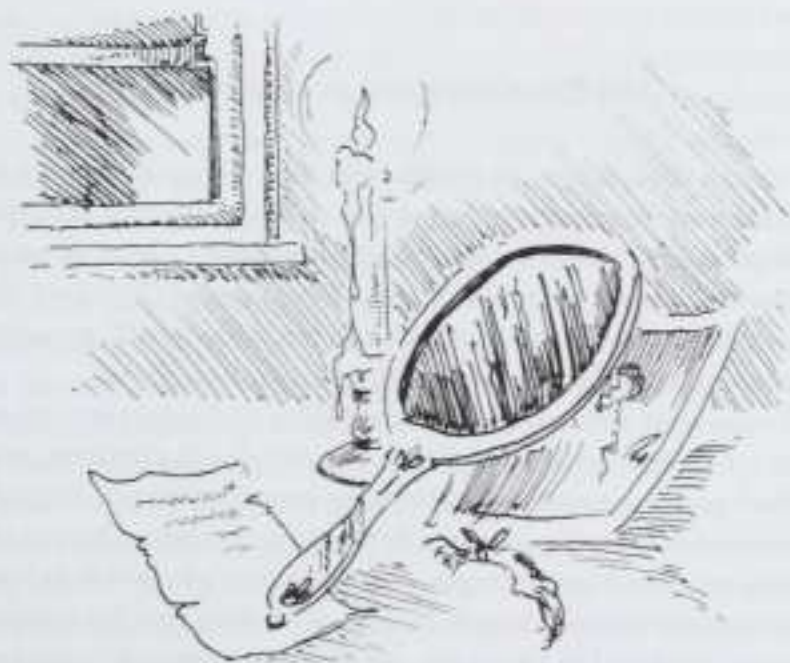
Sob a ótica do trabalho mágico, você tem toda a liberdade de usar qualquer coisa que faça você parecer “cigana”. Além do mais, como os rom sempre tiveram o hábito de adquirir suas coisas de segunda mão, são muitas as possibilidades para que você acabe se vestindo e parecendo com um cigano. Procure observar as fotografias atentamente. Verifique a bibliografia no final deste livro, e escolha alguns livros mais sobre os rom para ler. E não se esqueça de que a magia valoriza quem se *sente* bem por vestir-se apropriadamente.

No Capítulo 15, tratarei dos instrumentos mágicos. Mas é sempre bom lembrar que o instrumento necessário dependerá daquilo que se intenciona realizar. E, por agora, vamos dar uma olhada em alguns trabalhos mágicos.



OS NÓS E OS LAÇOS:

Amor, Volúpia e Fascinação



Uma das formas mais procuradas e utilizadas da magia é, sem sombra de dúvida, a amorosa. Além de ser uma via positiva da trilha mágica, ela é um meio eficaz para desfrutar o prazer. Esmiucei este tema o mais que pude no meu livro *Secrets of Gypsy Love Magic* (St. Paul: Llewellyn, 1990) e o dividi em três seções: para o namoro, para os recém-casados e para a união familiar. Mas, apesar de essa divisão ser convincente, não farei o mesmo neste livro. Em vez disso, apresentarei aqui uma variedade de procedimentos mágicos relacionados com o amor, deixando por conta do leitor a decisão de utilizá-los conforme a necessidade da situação. Pois, no fim das contas, aquilo que é bom para uma situação de conquista amorosa, poderá ser igualmente interessante para os recém-casados, e vice-versa.

UM FEITIÇO DE NÓ DO AMOR

Desde os tempos mais antigos, os nós têm sido usados magicamente nos feitiços. E eles se prestam ao emprego em todos os aspectos amorosos, quer seja na sedução dos namoros, pelos recém-casados, ou para reavivar o amor de um casal depois de muitos anos de casamento. No meu livro *Secrets of Gypsy Love Magic*, descrevi uma fita vermelha com sete nós e ainda um *diklo* atado. E, para ilustrar como os nós mágicos podem ser efetivos, eis aqui uma história real:

Ivral Fergus junto com seus irmãos e irmãs vivem na fronteira ao norte entre a Inglaterra e a Escócia, no decorrer de todos os períodos da primavera, verão e outono. Mas logo que o inverno se aproxima, eles cruzam a fronteira, dirigindo-se ao sul, para passar os meses frios na região de Sussex, na Inglaterra. Durante a época de moradia no norte, a família Fergus se movimenta no lado escocês da fronteira, no mais das vezes perto do famoso Paredão de Hadrian, que fica justamente entre Linton e Dumfries. Diz a lenda que, um dia, um monstruoso dragão residiu no topo de uma pequena montanha de Linton, e que ele foi morto por um jovem herói do lugar. Essa lenda ainda diz que o jovem rapaz adicionou uma certa quantidade de trufa fervente na sua lança e cravou-a na garganta do dragão.

Pois bem, Ivral, a mocinha cigana, apaixonou-se perdidamente por um primo de segundo grau que se chamava Daniel Young. Seu primo era um bonito rapaz de olhos castanhos que estudava Direito, na esperança de se tornar um dos primeiros advogados romani. As famílias ficaram felizes com o namoro, e tudo parecia correr às mil maravilhas, até que uma firma de advocacia ofereceu um

emprego a Daniel. E o jovem exultou, não só porque a partir daí jamais seria um simples contínuo, como também, conforme ele disse para Ivral, esse emprego era uma ótima oportunidade para ele estar mais perto daquilo que almejava para o seu futuro. Além disso, quem sabe aonde ele poderia chegar? Ivral escutou tudo o que Daniel lhe falou e, se por um lado ficou contente com a situação por outro ficou tristíssima, só de pensar nos longos meses de inverno sem o seu amado. Mas a “Velha Liz”, a *puridai* da tribo, percebendo a melancolia da moça, chamou-a a um canto e em seguida ensinou-lhe o segredo dos Nós Amorosos.

Nessa altura dos acontecimentos, devo frisar que a sociedade romani é demasiadamente chauvinista. As tribos são governadas por um concílio de anciãos, e todos são homens. Além do mais, todas as decisões, sejam elas grandes ou pequenas, são tomadas por esses homens: em que lugar acampar, quem deve trabalhar com o quê, quando e para onde partir e, em inúmeras ocasiões, quem deve casar com quem. Porém, sempre há no interior da tribo uma mulher idosa — geralmente uma avó ou bisavó da família —, que é muito respeitada. É justamente essa mulher que faz a função da *puridai* (palavra originária de *puri*, que significa “velha”, e de *dai*, que quer dizer “mãe”). Ela não precisa ser uma shuvani, mas muitas vezes desempenha esse papel. (Apenas quando não há na tribo alguém que seja de fato uma shuvani ou um shuvano.)

Em geral, os homens fazem um grande alarde quando tomam as decisões e dirigem os outros; porém não deixam de escutar os conselhos das *puridai* antes de anunciar as suas deliberações para o resto da tribo. Quando eles estão se aconselhando com uma *puridai*, basta um simples meneio afirmativo de sua cabeça para que todos saiam correndo e anunciando as novas determinações. Mas se porventura ela disser algo assim como “hummm... vocês acham mesmo que levaram tudo em consideração?”, ou se fizer alguma crítica mais direta, o líder marca imediatamente uma nova reunião para repensarem o assunto! Portanto, quando é anunciada a decisão final, esta será sempre a que teve o consentimento da *puridai*, por esta achá-la mais correta. Enfim, daí só podemos chegar a uma conclusão: a despeito da fachada, os homens ciganos vivem sob um regime de sociedade matriarcal!

Voltando então à história, Ivral foi chamada a um canto para receber os conselhos equilibrados da pessoa mais sábia da tribo. E o que a *puridai* disse à jovem foi o seguinte:

Nem sempre estar ao lado de alguém significa estar dentro do coração dele. Ele pode se distanciar fisicamente e pensar noite e dia em você, só tentando imaginar a hora em que irá revê-la. Mas, para que isso aconteça, você precisa atar o seu coração no dele. Pegue um retalho de alguma roupa do seu amado, que pode ser um lenço de bolso ou mesmo um *diklo* (lenço de pescoço), ou qualquer

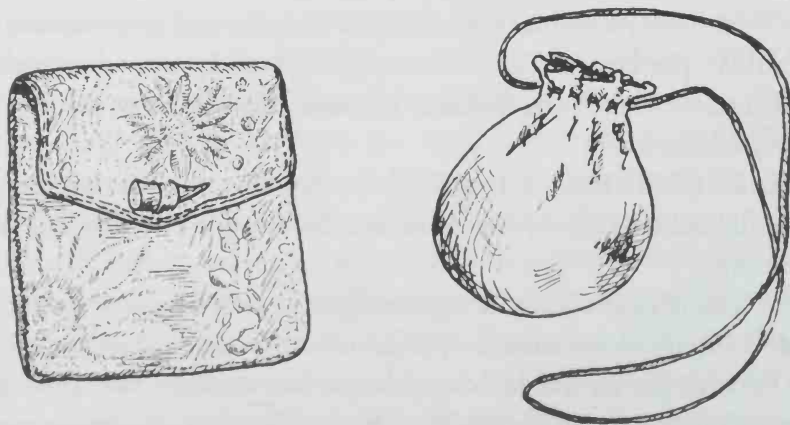
58 outra. Mas é preciso que essa peça tenha sido usada várias vezes por ele. E não importa se foi lavada, pois é até melhor que esteja limpa, já que o importante mesmo é que venha sendo usada por ele há muito tempo. Aliás, o ideal seria um acessório do vestuário íntimo, podendo inclusive ser um retalho da camisa ou da camiseta que ele veste por baixo. Desenhe então um coração nesse retalho e depois escreva dentro o seu nome e o dele.

Antigamente, as moças tinham que bordar o coração e os nomes, concentrando o pensamento, a cada laçada da agulha, na imagem dos dois parceiros sempre juntos. Hoje em dia, as coisas ficaram mais fáceis, e as moças já podem riscar o desenho com uma simples caneta ou outro material parecido. E é exatamente isto que você deve fazer (mas caso queira pôr no feitiço o máximo de poder, faça-o à maneira antiga!), lembrando-se de que, ao realizar essa tarefa, é fundamental concentrar-se na união de vocês dois. Os nomes devem ser escritos com tinta verde, e o coração, traçado com tinta vermelha.

Enrole o pedaço de pano ao comprido, até que ele fique igual a um canudo estreito. Depois dê um nó no meio e outro nó em cada extremidade: três nós ao final de tudo. Enquanto estiver dando o nó no meio, diga (em voz alta) o seu nome e o dele. E, ao dar os outros dois nós, repita apenas o nome dele.

Ponha esse pedaço de pano com nós em contato com a sua pele por três dias e três noites. Durante o dia, você pode colocá-lo preso à sua roupa de baixo, e à noite na sua camisola ou pijama. Ao fim desse período, dê para o seu amado, acompanhado de um beijo. Esse presente deverá ser mantido sempre com ele, para que você não venha a ser esquecida. Assim você estará constantemente na memória dele.

O fato é que Ivral seguiu os conselhos da mulher e fez o feitiço, presentando-o para Daniel. E ele o pôs dentro de sua *putsi* (bolsa cigana), que sempre



Uma *putsi* cigana, ou bolsa, pode ser similar a estas.

esteve dependurada por um cordão em torno do seu pescoço e oculta debaixo de sua camisa. Quando Ivral retornou à Escócia, na primavera, Daniel a recebeu de braços abertos e com todo o seu amor por ela, inteiramente renovado.

Esse feitiço pode ser realizado em qualquer situação semelhante à de Ivral e Daniel. Pode ser feito entre o marido e a esposa, a mãe e o filho, ou qualquer outra combinação de seres que se amam e desejam permanecer unidos, quando da separação provocada pelo afastamento de um membro do par. Muitas vezes, preparam-se dois panos com os três nós, e depois um deles é dado à mulher e o outro ao homem. Mas, neste caso, o homem deve confeccionar o seu e dá-lo para a mulher.

O simples fato de ter que encontrar um nó no meio da natureza já é uma magia amorosa especialmente poderosa. Por isso quando se acha uma videira que tenha um nó, ou os galhos de um salgueiro onde haja ocorrido o mesmo, é um forte sinal de boa sorte. Os ciganos de algumas regiões acreditam que foram os espíritos ou as fadas que deram esses nós nas plantas. Caso algum homem encontre esse tipo de nó e o coloque na cama (debaixo do colchão?) da mulher amada, a união será tanta que os dois acabarão se tornando uma só pessoa. Pelo menos é o que afirma uma velha crença. O mesmo acontecerá, se a mulher puser esse nó na cama do seu amado.

FEITIÇOS COM CABELOS

Uma outra maneira poderosa e capaz de unir duas pessoas, ou de mantê-las unidas, é colher uma mecha do cabelo de cada um dos dois. Mas o cabelo deve ser cortado no período da lua crescente. Em seguida, ligue as duas mechas e amarre-as com uma fita de seda vermelha, ou então com uma linha da mesma cor. Ao manipular as duas mechas, visualize a si mesmo e a outra pessoa juntos e felizes; e, enquanto amarrar a fita, repita o seguinte encantamento:

*Kay o kám, avriável,
Kiya mánge lele beshel
Kay o kám tel' ável,
Kiya lelákri me beshav.*

Onde o sol se levanta
Estarei com o meu amor.
Onde o sol se põe,
Lá estarei com o meu amor.

Depois prenda as mechas com um alfinete e use-o como um broche, preso um pouco acima do coração. Esse é um feitiço legado pelos ciganos húngaros.

No livro *Magia Cigana* (1891), Charles Leland nos diz que, no Tirol, não se podiam cortar ou desembaraçar as crinas dos cavalos que tinham sido embaraçadas e enroladas pelo Chagrin (um demônio malévolo), a menos que fossem ditas as palavras *Cin tu jid', cin ádá bálá jiden* (“Que sua vida seja tão longa quanto a duração destes cabelos”). Esse autor ainda nos diz que, na Europa, persiste a crença de que os nós, que se formam nos cabelos, geralmente foram feitos pelas bruxas, e que ninguém os desembaraça simplesmente porque todos tremem de medo só de pensar em desfazer um feitiço que não conhecem. Os ciganos crêem que as shuvanís têm o poder de impregnar os nós com a boa ou má sorte, e por isso mesmo os nós nos cabelos são freqüentemente vistos com muita suspeita.

Costuma-se dizer que, se você dormir com a pessoa amada e der um nó no cabelo dela sem que isso seja percebido, será impossível que ela pare de pensar em você.

Se uma mulher conseguir infiltrar-se no quarto de um homem que esteja dormindo, e, sem que ele veja, cortar com muito cuidado uma mecha do cabelo dele, ela terá o amor desse homem enquanto carregar consigo essa mecha. Porém, se o homem despertar no momento em que ela estiver cortando o seu cabelo, ou caso alguma outra pessoa presencie o ato, ele a desprezará pelo resto da vida!

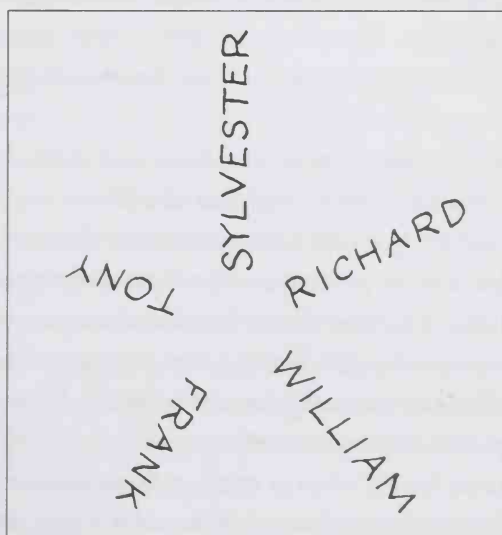
Para terminar um romance, corte uma mecha do cabelo da outra pessoa sem que ela perceba, e queime-a numa noite de lua nova. Antes mesmo que a próxima lua nova apareça, o romance terá terminado.

Os ciganos de New Forest usam um amuleto feito com o cabelo da crina ou do rabo de um pônei selvagem. Mas esse animal deve ser malhado e preferentemente nas cores branca e preta. Eles trançam os fios desse cabelo e o transformam numa pulseira, que passa a servi-los para a sorte. Os ciganos espanhóis dão primazia ao cabelo do rabo de uma égua negra. Aliás, costumam fazer muitos amuletos com esses fios trançados.

Existem vários meios para você encontrar aquela pessoa que vai se encaixar perfeitamente no tipo ideal com quem você espera casar. Um desses meios — que foi herdado dos velhos tempos de *jallin' a drom*, ou “viajando na estrada” — aconselha a mulher a pegar as sementes de uma maçã que ela tenha comido, para misturá-las num punhado de terra molhada que foi recolhida debaixo do vardo ou da tenda onde ela dormiu na noite anterior. Depois ela deve espalhar essas sementes e a terra no centro de alguma encruzilhada. Se a primeira pessoa que pisar nessas sementes for um homem, ela irá se casar com um jovem solteiro. Mas se, pelo contrário, a primeira pessoa a pisá-las for uma mulher, com certeza o seu futuro marido será um velho que provavelmente já foi casado.

Eis aqui uma outra forma de oráculo com a maçã: Primeiro você precisa obter uma maçã das mãos de uma viúva, sem agradecer a ela por isso. Em seguida, coma a metade da fruta, pouco antes da meia-noite, e reserve a outra metade para comê-la logo após a meia-noite. Depois durma, pois certamente você sonhará com seu futuro marido. Alguns ciganos asseguram que isso deve ser feito na Noite de Santo André (em 29 de novembro, embora muitos ciganos ainda sigam o Antigo Calendário, celebrando esse evento na noite de 10 de dezembro). Outros afirmam que deve ser feito numa noite de lua cheia. E outros mais dizem que a data não é importante!

Se por acaso você está vivendo uma situação na qual é preciso escolher um dentre vários pretendentes, experimente valer-se do pêndulo cigano. Escreva os nomes dos candidatos numa folha de papel, de tal maneira que sejam traçados a partir do centro, para formar a figura de uma estrela (conforme é mostrado aqui ao lado). Faça com que cada um dos nomes fique diretamente oposto ao outro. Depois dirija-se até a mata para encontrar uma bolota de carvalho. E ate essa semente na ponta de uma linha vermelha com vinte centímetros de comprimento. Mas amarre-a muito bem, para que a semente possa funcionar seguramen-



62 te como um pêndulo. Agora sente-se diante da folha de papel, segurando o pêndulo um pouco acima dela. E repita em voz alta todos os nomes que foram escritos. Logo após, faça com que a sua mente fique inteiramente livre deles, concentrando-se apenas no parceiro ideal. O pêndulo começará a balançar para frente e para trás, até ficar oscilando sobre a linha onde está escrito um dos nomes, que será justamente o nome de quem é mais adequado para você. Se o pêndulo balançar exatamente em cima de dois nomes, escreva-os numa outra folha de papel, com um deles na horizontal e o outro na vertical, repetindo tudo. E aí o pêndulo oscilará apenas sobre um dos nomes.

As shuwanis ciganas fazem uso regular dos pêndulos, especialmente para determinados problemas de saúde. Muitas vezes, elas os guardam dentro das suas *put-si*, ou então usam-nas dependuradas no pescoço. E são as próprias shuwanis que fabricam os pêndulos, geralmente de madeira ou de algum osso atado a uma corda. Os de madeira costumam ser decorados com símbolos mágicos (ver Capítulo 15).

Um outro modo cigano e antigo de decidir entre diversos pretendentes é o de escrever o nome de cada um deles em tirinhas de papel e depois enrolar cada uma das tiras numa bolinha de argila. E essas bolinhas devem ser jogadas dentro de um caldeirão cheio de água fresca. A primeira tira de papel que vier à tona mostrará o nome do melhor candidato.

Os ciganos da Transilvânia determinam que as práticas divinatórias, que se referem ao futuro consorte, devem ser feitas na noite do Ano-Novo. Eles ainda aconselham a pessoa a lançar, nesta época, um velho sapato para o alto de um salgueiro. Caso o sapato fique preso a um galho — ou mesmo que leve alguns instantes para cair —, quer dizer que aquela pessoa se casará no ano seguinte.

Os ciganos alemães garantem que o ato de escrever na terra as letras do alfabeto é bastante eficaz. Mas elas não devem ser escritas na sua ordem linear; aliás, é até melhor que não sejam transcritas dessa maneira. Pois as pessoas devem escrevê-las sem se preocupar com uma ordem particular, mantendo um espaçamento generoso entre elas, e fazendo com que todas sejam reproduzidas dentro de um espaço circular. Em seguida, pegam-se duas ferraduras de cavalo e toma-se uma distância de nove passos do círculo. Vira-se então de costas para as letras, já que as ferraduras serão arremessadas por cima dos ombros na direção do círculo. As duas letras, sobre as quais as ferraduras caírem, serão as iniciais do nome daquele com quem a pessoa irá se casar. Caso uma das ferraduras caia em cima de uma

só letra e a outra fora do círculo, significa que apenas uma inicial foi revelada e que esta tanto pode ser do nome como do sobrenome. Se as duas ferraduras caírem fora do círculo, deve-se fazer tudo de novo. Porém, três vezes é o máximo que se pode tentar nessa empreitada; se nenhuma letra for apontada nessas tentativas, decerto a pessoa não se casará naquele ano.

Um dia, conheci uma família de ciganos na região que se estende ao longo da fronteira entre a França e a Bélgica. Uma das *raklies* (mocinhas) me falou sobre um feitiço, que ela havia aprendido com a sua avó, cujo objetivo era desvelar o rosto da pessoa com quem iria se casar. E tornei a ver esse mesmo ritual no Missouri. Para fazê-lo, é preciso cozinhar um ovo; depois retire cuidadosamente a clara e remova a gema. Role a gema sobre um prato com sal e, em seguida, recoloque-a dentro da clara. Antes de se deitar para dormir, coma o ovo inteiro. Durante a noite, certamente você terá um sonho no qual se verá sentindo sede, e assim o seu desejo ardente por um pouco de água fará com que alguém lhe traga uma jarra com esse líquido. E você estará vendo claramente o rosto da pessoa com quem você se casará no futuro.

PROJETANDO ALGUÉM PARA VOCÊ

Muitas vezes a pessoa que é o alvo do seu desejo simplesmente parece não saber que você existe. Eis aqui então um feitiço que me foi dado por um velho shuvano chamado Plato Sheen, em *Nevi Wesh* (termo cigano para designar a região de New Forest, na Inglaterra). Plato era aquele tipo que normalmente é denominado como um “sangue negro” (*kaulo ratti*), isto é, um romani genuíno. Na época, ele me assegurou que esse feitiço sempre deu certo!

Procure por treze pedras brancas. Não importa onde elas sejam encontradas, mas o melhor é que você caminhe por um bom tempo enquanto as for recolhendo. Talvez seja preciso fazer várias caminhadas até conseguir as treze pedras brancas, por isso não desanime se não encontrá-las de imediato. Depois de achá-las, espere chegar a primeira sexta-feira após a lua nova, e aí ajeite-as no solo, de maneira a obter o desenho de um pequeno coração. Em seguida, deite-se no chão de tal forma que o seu coração fique em cima do coração contornado pelas pedras. Feche os seus olhos e concentre-se naquela pessoa que você quer que o(a) perceba. Procure pensar em todas as coisas que fazem parte dela: aparência física, interesses, trabalho e por aí fora. Depois sente-se e arrume as pedras, de forma a compor as letras iniciais do nome dessa pessoa.

Deite-se novamente sobre as pedras, tomando o devido cuidado para que o

64 seu coração fique em cima das letras. E, dessa vez, concentre-se sobre si mesmo(a): aparência, interesses, sentimentos e, principalmente, no seu entusiasmo por essa pessoa. Fique nessa posição por algum tempo e depois recolha as pedras, embrulhando-as dentro de um pano branco. Carregue o embrulho com você até chegar a lua cheia. Ao longo desse período, certamente a pessoa perceberá que você existe.

Mas agora deixe-me ressaltar uma coisa: *Não concentre os seus pensamentos no sentido de ter a pessoa completamente apaixonada por você.* Pois isso seria um modo de impor o seu desejo sobre o livre-arbítrio do outro. E não se esqueça de que, procedendo assim, você estará entrando numa área cinzenta, quando o único objetivo do feitiço é fazer com que alguém o perceba. Portanto, dependerá apenas da outra pessoa, se ela vai amá-lo ou não. Mas não se depreenda daí que estou querendo dizer que ela não se apaixonará por você, pois, conforme diz o velho ditado, é melhor deixar que a natureza siga o seu próprio curso.

Uma jovem e bela cigana de Hampshire me disse que, quando desejava sonhar com um dos seus namorados, ela escrevia os nomes de todos eles (eram sete!) numa folha de papel. Depois, ao ir para a cama, ela dobrava esse papel e o colocava entre os seios. Era infalível, pois ela sempre sonhava com um deles e logo passava a prestar mais atenção naquele rapaz. Essa moça ainda me falou que, quando sonhava com o mesmo homem por três noites seguidas, ela via nisso uma forte possibilidade de casar com ele.

Em Devon, uma outra jovem cigana me afirmou que a melhor maneira de atrair alguém, ou de fazer com que uma pessoa se interessasse por ela, era obtendo alguma coisa que pertencesse a essa pessoa. E sem se importar se era um retalho de roupa, uma luva, um sapato, uma carta, um lenço de bolso, ou mesmo uma moeda que tivesse sido dela por um longo tempo (pois presumia que, fosse qual fosse essa coisa, ela já teria absorvido a energia do seu dono). Portanto, para realizá-lo, pegue qualquer um desses objetos — seja o retalho, a luva ou o sapato — e encha-o com arruda. Se acaso o objeto não puder ser preenchido, ponha-o dentro de um saco branco repleto de arruda (se for uma carta ou um outro papel, tenha o cuidado de nele fazer somente três dobraduras). Em outras palavras, dependendo do objeto, preencha-o com arruda ou enterre-o no meio dela. Após fazer isso, pendure o feitiço na cabeceira da sua cama, e deixe-o aí pelo período que vai da lua nova à lua cheia. Depois de passar esse tempo, a pessoa do seu interesse vai certamente procurá-lo(a).

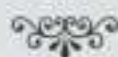
Em North Yorkshire, na Inglaterra, costuma-se fazer um feitiço bastante incomum. Nele faz-se um conjuro para que o espectro do futuro parceiro apareça. Primeiro várias moças sentam-se em torno de uma fogueira, distantes do resto da tribo. Elas ficam em silêncio enquanto cada uma delas vai enrolando cuidadosamente uma mecha do próprio cabelo e algumas aparas de suas unhas numa folha verde. Depois disso, colocam a folha sobre as brasas da borda da fogueira. Dizem que, se elas continuarem bem concentradas e em silêncio, conseguirão olhar o futuro marido, sob a forma fantasmagórica, aproximando-se até a fogueira e movendo a folha para que não se queime.

FEITIÇOS AMOROSOS

Pierre Derlon, no seu livro *Secrets of the Gypsies*, de 1977, refere-se a um feitiço que também encontrei em diversas regiões da Inglaterra e da França. Derlon nos sugere que o feitiço é usado para promover a amizade entre um homem e uma mulher, mas eu soube que ele vem sendo muito mais utilizado para firmar o amor entre ambos.

Sempre se recorre a esse feitiço quando uma *juvvel* e um *mush* (mulher e homem ciganos) pertencem a duas tribos diferentes, ou a dois ramos distintos da mesma família. Pois às vezes eles ficam juntos, quando as tribos se encontram durante os longos meses de inverno, como também acontece de se reunirem uma vez por ano na grande feira de cavalos, para depois se separarem pelo resto do ano. Então, quando aqueles que serão os dois lados de uma parceria se avistam pela primeira vez e com isso se apaixonam, a *juvvel* faz a promessa de que topará com uma muda de roseira brava, antes que eles estejam juntos outra vez. Daí separam-se e tomam caminhos diferentes. A partir desse dia, o *mush* recolhe, toda noite, um punhado de terra debaixo do seu vardo e o põe dentro de um saco. Mas, ao efetivar essa operação, ele procura sustentar o saco no ar, distante do solo, para ir colocando a terra no seu interior. Esse ato é repetido por ele no decorrer de todas as noites, e com isso o saco vai enchendo gradativamente e ao mesmo tempo os dias de separação vão encurtando. Depois que o período de um ano é cumprido, os dois se encontram de novo; nesse momento o *mush* está levando nas mãos um saco cheio de terra. Ele o oferece então para a *juvvel*, que por sua vez planta a muda da roseira brava nessa terra. A partir daí, isso será um símbolo da união e do desejo que ambos têm de ficar juntos. Finalmente, à medida que a roseira começar a desenvolver e a florescer, o amor entre eles também florescerá.

- 66 Quando uma mulher se apaixona por um homem casado, o melhor que ela pode fazer é dar a ele uma pedra branca depois de a ter recolhido de um córrego. Mas primeiro ela precisa guardar essa pedra dentro de um pequeno saco de seda branca e levá-lo entre os seios ao longo de um ciclo completo da lua. E, só após ter feito isso, é que ela deve dá-la de presente para ele na lua nova. Caso o homem carregue essa pedra por um mês inteiro (um outro ciclo da lua), a sua esposa o abandonará, e a mulher se tornará a sua nova amante.



6

SAÚDE E CURA: A Manutenção Física



As bruxas e bruxos ciganos, ou melhor, as shuvanias e os shuvanos, são excelentes curandeiros. E isso porque os ciganos têm conseguido cuidar satisfatoriamente da sua própria saúde há muitos séculos. Os rom jamais procuram um médico gaujo, a não ser que seja absolutamente necessário. Eles simplesmente não confiam nesses médicos: uma das palavras usadas pelos rom para doutor é *mullomengro*, cujo significado é “o homem que faz a morte”, ou então “fazedor de fantasmas”.

As shuvanias detêm um considerável conhecimento a respeito das ervas, que serão justamente as primeiras a serem aplicadas para a saúde e a cura. Por isso, a meu ver, o capítulo “Herbalismo” do meu livro *Buckland's Complete Book of Witchcraft* (St. Paul: Llewellyn, 1986) pode perfeitamente ser estendido a este livro, já que o conhecimento das ervas entre os seguidores da Wicca e os ciganos é quase que semelhante, apesar de os últimos acompanharem o uso que fazem das ervas com cânticos mágicos e feitiços. Richard Lucas, no seu livro *Common and Uncommon Uses of Herbs for Healthful Living* (Nova York: Prentice-Hall, 1969), nos fala do “saber extraordinário que os ciganos possuem a respeito dos remédios produzidos com ervas. Nas suas caravanas, sempre vemos aquelas caixas misteriosas repletas de ervas frescas sendo conduzidas de cidade em cidade, para serem vendidas nos mercados aromáticos. Além disso, eles ainda fazem um relato da tradição herbática para os moradores das diferentes regiões, procurando esclarecer que toda essa instrução vem dos tempos misteriosos do passado”.

Neste capítulo, serão narradas algumas das formas de cura mais importantes entre os ciganos, e também os aspectos e as utilizações mágicas a que elas se prestam. Iniciarei pela parte superior do corpo e daí irei percorrendo gradativamente todas as outras áreas, até chegar aos membros de baixo. [*Nota do Editor: Alguns remédios descritos neste livro envolvem o uso de substâncias que poderão não ser seguras. Mas esta não é uma obra de medicina e sim um estudo das práticas de um grupo, sob as perspectivas cultural e histórica.*]

PROBLEMAS DA CABEÇA E DO PESCOÇO

Calvície e Cabelos Ralos

O alecrim (*Rosmarinus officinalis*) é ótimo para dar impulso ao crescimento dos cabelos. Os ciganos têm o hábito de ferver um punhado de alecrim seco num pouco d'água, para depois deixá-lo em infusão por cinco minutos. Logo que o

líquido esfria, eles o esfregam no couro cabeludo. Essa operação deve ser feita sob a luz da lua, somente em sua fase crescente, e nunca durante a lua minguante. E, ao mesmo tempo em que se aplica essa solução no couro cabeludo, devem-se repetir as seguintes palavras por três vezes:

Te del amen o gulo

Del eg meschibo pa amara choribo

Esses termos são dos ciganos da Transilvânia e, apesar de a minha tradução não ser literal, de qualquer modo significam o seguinte: “Que Deus nos dê um remédio para a nossa miséria.”

Um outro remédio para a calvície, do qual um sem-número de ciganos franceses estão sempre fazendo uso, é uma mistura de uma dracma (1.771 gramas) de Angelim-araroba (ou o pó de “araroba” que é extraído da *Andira araroba*) com 60 gramas de gordura de porco. Depois esfrega-se bem essa mistura no couro cabeludo. Faça isso todos os dias, pois certamente crescerão novos fios de cabelo, eu garanto!

No intuito de acabar com a queda dos cabelos, vários ciganos do sudoeste da Inglaterra fazem uma mistura de sebo e pó de cerejeira silvestre, adicionada às raspas de velhas peças de montaria (de preferência do freio do cavalo). Esse composto deve ser aplicado no cabelo como um creme restaurador. No entanto, se você quer que o seu cabelo tenha um bom crescimento, experimente pegar a água de um córrego com a sua mão esquerda, de tal forma que ela seja posta contra a corrente, e depois despeje a água sobre a sua cabeça.

Existe uma cura para a caspa, que consiste apenas em lavar os cabelos com o chá feito das folhas do pessegueiro junto com uma pedrinha de enxofre. Uma outra cura, para esse problema tão desagradável, obtém-se pela lavagem dos cabelos com um chá feito das cascas de cerejeira silvestre, ou então com algumas folhas frescas de sálvia. Além de curar a caspa, esses chás vão restaurando pouco a pouco a cor dos cabelos que embranqueceram.

Parece que há uma unanimidade entre os ciganos em jamais cortar os cabelos durante o período da lua minguante, pois isso faz com que eles cresçam muito lentamente, ao passo que cortá-los na lua crescente estimula o seu crescimento. Partindo desse princípio, podemos afirmar com tranqüilidade que o crescimento da lua está diretamente ligado ao desenvolvimento dos cabelos.

Existem vários métodos romani para curar às dores de cabeça, e todos eles são excelentes. Os ciganos da região de Essex, na Inglaterra, disseram-me que é muito bom esfregar a cabeça com uma mistura de água morna e vinagre de cidra, da forma mais vigorosa possível. E, enquanto se estiver fazendo a fricção, deve-se entoar o seguinte canto:

Oh, dor na minha cabeça,
 A origem de todos os males,
 Olho agora para ti!
 Ó tu que me lançaste esta dor.
 Vai embora com ela!
 Vai, vai embora para casa,
 Vai para o lar do Diabo!
 Vai embora depressa!
 Que aquele que está na minha sombra,
 Padeça com esta dor!

As duas últimas linhas do verso acima são remanescentes de um antigo encantamento para acabar com o terçol na vista:

Terçol! Terçol! Do meu olho vá embora!
 E pegue aquele que passa na rua agora!

Um outro encantamento resume-se em usar um lenço de seda azul na cabeça até a dor passar... e passará. Algumas pessoas preferem usar uma fita azul pelo lado de dentro do chapéu.

Os ciganos galeses preparam um tônico para dores de cabeça, servindo-se da casca do salgueiro (*Salix alba*) e erva-de-são-joão (*Hypericum perforatum*). Eles ensinam que devem-se pulverizar as raspas do salgueiro e picar a erva-de-são-joão. Depois de se fazer isso, devem-se pôr seis colheres de chá dessas raspas pulverizadas do salgueiro junto com 3/4 de colher de chá da erva-de-são-joão dentro de um caldeirão (assegurando-se de que ele não seja de alumínio), e cobrir com mais ou menos quatro xícaras de água. Coloca-se essa mistura para ferver em fogo baixo por mais ou menos 15 minutos; depois retire do fogo para esfriar. Logo que estiver devidamente esfriado, esse tônico deve ser coado para que possa ser tomado três ou quatro vezes ao longo do dia.

Os ciganos ainda acreditam que as dores de cabeça também podem ser tratadas apenas com a magia, e que você pode se livrar de uma forte dor, pegando uma

mecha do seu cabelo e depositando-a debaixo de uma pedra. Mas, depois de pô-la nesse lugar, você deve se retirar de costas e apressadamente, repetindo nove vezes as seguintes palavras: *Sherro shookar*.

Os ciganos escoceses garantem que, para se livrar de uma dor de cabeça, a melhor coisa é ferver 50 gramas de raiz de cipripédio (*Cypripedium pubescens*) num pouco de água. Ferve-se essa mistura por mais ou menos 10 minutos. Logo depois que estiver fria, ela deve ser servida, de uma em uma hora, e numa taça de tamanho regular.

Problemas dos Olhos

Petulengro, um cigano inglês muito famoso na década de 1930, sugeria para olhos vermelhos e inflamados uma quantidade de vitríolo azul que desse para cobrir uma antiga moeda inglesa (do tamanho do dime norte-americano), enfatizando que essa substância tinha de ser guardada dentro de um vidro. Esse vidro deveria ser enchido com água fervida e sacudido até que o vitríolo se dissolvesse completamente. Depois que o líquido estivesse inteiramente frio, poderia ser usado como um colírio comum. É preciso ressaltar que a água deverá estar bem morna quando for posta no vidro para que o vitríolo consiga se dissolver.

Minha avó costumava utilizar esta antiga receita cigana dos Buckland: despeje uma colher de chá de sementes de erva-doce (*Foeniculum officinale*) dentro de uma chaleira contendo uma xícara de água, e coloque para ferver em fogo baixo até que o líquido adquira uma cor dourada. Logo que tenha atingido essa cor, apague o fogo e deixe esfriar. Minha avó achava que esse colírio era ótimo para a cura de olhos irritados e fatigados.

Eis aqui o que era exigido para uma antiga receita galesa para pálpebras inflamadas: 7 gramas de óxido de mercúrio, 28 gramas de óleo de coco purificado e 21 gramas de gordura pura, que seriam misturados e passados sobre as pálpebras sob a forma de pomada. [Nota do Editor: Essa fórmula não é recomendável, pois o óxido de mercúrio é classificado como veneno.]

A eufrásia (*Euphrasia officinalis*), ou consolo-da-vista, conforme se pode deduzir do seu nome popular, é uma excelente erva para os problemas oculares. Mas o açafraão (*Carthamus tinctorius*) também é normalmente usado pelos ciganos. Eles em geral colocam essas ervas dentro de água pura e fresca, e usam a solução como colírio. E, ao lavarem os olhos com essa solução, costumam dizer as seguintes palavras:

Ó dor dos olhos, vá para a água,
 Vá para a água, vá para a erva,
 Vá para a terra. Para o Espírito da Terra.
 Lá é a sua casa; lá você estará bem.

Uma outra planta comumente usada para os problemas oculares é o sabugueiro (*Sambucus canadensis*). Ela é amplamente difundida entre os ciganos de todo o mundo. De acordo com Lucas, eles se referem ao sabugueiro como “a árvore mais curativa da terra”. Ela certamente poderá também ser usada na cura das tosses e resfriados, e serve ainda para diversos unguentos medicinais. Para lavar os olhos, os ciganos têm o hábito de fazer um colírio com flores dessa planta junto com água pura e fresca. O chá de artemísia (*Artemisia absinthium*), que é feito de maneira similar, também é um ótimo colírio para lavar os olhos.

Os ciganos apresentam muitos problemas nas vistas, justamente porque estão sempre viajando pelas estradas poeirentas. E, para isso, o que eles mais gostam é de pingar duas gotas de azeite morno diretamente no globo ocular.

Há um feitiço bastante interessante que alguns ciganos do sudeste da Inglaterra costumam realizar. Eles cortam o pêlo do rabo de um gato preto e colocam dentro de um pequeno saco de seda verde. Depois, o saquinho é esfregado nos olhos, acompanhado das seguintes palavras: *Shoon, dick, ta rig dre zi*. Foi-me dito por alguns ciganos que esse feitiço é excelente para os problemas oculares e até mesmo para as cataratas.

Problemas dos Ouvidos

Um antigo remédio para a dor de ouvido, do qual se servem tanto os ciganos como os gajjos, é encher um saquinho com sal, esquentá-lo no fogo ou no forno (mas tome cuidado para não esquentá-lo em demasia), e então pô-lo sobre o ouvido que está doendo, ou então depositá-lo sobre o travesseiro e depois deitar com o ouvido em cima dele.

Um remédio rom, que tanto serve para a dor de ouvido como para a dor de cabeça, resume-se apenas em manter-se um osso branco debaixo da língua.

Ao ter algum problema nos ouvidos, muitos ciganos fazem uso de um extrato feito com tanchagem (*Plantago major*), administrando-o por vários dias, caso seja necessário. No entanto, outros utilizam uma mistura de alecrim (*Rosmarinus officinalis*), betônia (*Betonica officinalis*), erva-carvalinha (*Teucrium*

canadensis), agárico (*Viscum album*) e bolsa-de-pastor (*Capsella bursa-pastoris*). Esses ingredientes são misturados em partes iguais, e em seguida colocam-se duas colheres de chá dessa mistura em uma xícara de chá, para finalmente despejar-se água fervente sobre as ervas. Deve-se deixar em infusão por aproximadamente cinco minutos e só então o chá pode ser tomado. Os ciganos de Cornwall sempre adicionam um pouquinho de mel e leite, o que certamente torna o paladar muito mais agradável.

O *hotchi-witchi*, o porco-espinho europeu, é bastante apreciado pelos rom. Além de ser saborosíssimo, possui qualidades curativas. Dentro dele há uma glândula azul, muito parecida com uma saquinho, que contém um óleo excelente para o tratamento das dores de ouvido.

Dor de Dente

Os ciganos acreditam que não há nada melhor para a dor de dente do que carregar ou usar em torno do pescoço uma saquinho guardando a pata de um porco-espinho. Se a dor é muito forte, a pata deve ser chupada esporadicamente no decorrer do dia. Outro método de cura temporária para essa dor é pôr um saquinho de chá entre o dente afetado e os lábios. No tempo em que esses saquinhos ainda não eram conhecidos, os ciganos faziam um de musselina somente para essas ocasiões.

Um velho cigano galego me disse que, quando ele era criança e sofria com dor de dente, seu tio o levava até a floresta e o fazia ficar encostado em uma árvore (ele não tinha certeza se era de cedro). Daí, seu tio pregava uma ferradura no tronco da árvore, na altura do dente que estava doendo. Ele se lembra perfeitamente de que, quando o tio se dedicava a isso, o dente parava de doer, como que por encanto, e nunca mais o incomodava.

Um outro método de cura utilizado por muitos rom é carregar uma pequena bolsa (*putsi*) dependurada no pescoço. Dentro dessa bolsinha especial, eles põem um dente de cavalo. A bolsa também é usada para aliviar as dores provocadas pelo nascimento dos dentes nos bebês. Nesse caso, a *putsi* geralmente é colocada debaixo do travesseiro da criança. Mas uma outra forma de aliviar essas dores é pendurar uma moedinha de prata num cordão também de prata e colocar no pescoço do bebê.

Charles Leland, no seu livro *Magia Cigana*, de 1891, relata que os ciganos da Transilvânia costumam curar uma dor de dente, amarrando uma palha de ceva-

74 da em torno de uma pedra, e depois arremessando-a nas águas de um córrego, dizendo as seguintes palavras:

Ó dor no meu dente, não me cause um problema tão grande!
E não se chegue a mim porque a minha boca não é a sua casa.
Eu não tenho amor por você; fique longe de mim.
Quando esta palha cair no rio, suma dentro da água e vá embora.

Existe um outro encantamento contra a dor de dente, que é encontrado no norte da Inglaterra. E ele se resume simplesmente nestas palavras:

Pedro estava sentado sobre uma pedra-mármore
E Jesus passou por ali.
Aí Pedro disse: “Ó meu Deus, Ó meu Senhor,
Meu dente está doendo tanto!”
Jesus lhe disse então: “Pedro, fique são!
E também todos aqueles que com essas palavras Me pedirem ajuda,
Nunca mais dor de dente terão.”

Há também, no norte da Inglaterra, uma antiga tradição cigana para se livrar da dor de dente: “Quem está sofrendo deve carregar um pequeno saco feito de flanela vermelha, contendo uma pedra de carvão, um pedacinho de pão e um pouco de sal”. O mais interessante desse sortilégio é que os seus ingredientes são os mesmos que eram usados em uma antiga tradição escocesa chamada de “a primeira visita” (para a primeira pessoa a entrar na casa no primeiro dia do Ano-Novo). Quando atravessasse a soleira da porta, essa pessoa deveria carregar um saquinho com esses itens para trazer prosperidade àquela casa pelo resto do ano.

Rosto

Existe um maravilhoso “restaurador facial”, feito com o pó da araroba, sobre o qual já fiz menção quando falei dos problemas da calvície. Esse pó amarelo é extraído da Angelim-araroba, uma árvore encontrada nas florestas brasileiras, sendo bastante popular entre os curadores europeus. É usado em qualquer tipo de problema com a pele, simplesmente porque contém o ácido crisofânico. Para fazer o creme facial, misture o pó de araroba com vinagre e suco de limão, ou glicerina, para formar a pasta, e depois aplique sobre a pele.

Para a acne, nada melhor do que um chá feito das flores de uma planta chamada mil-folhas (*Achillea millefolium*) junto com a raiz de cardo (*Dipsacus sylves-*

tris). Os ciganos dizem que o cardo deve ser colhido depois da primeira lua cheia do outono e que logo após deve ser posto num lugar escuro para secar. Coloque o cardo num recipiente (mais ou menos uma mão-cheia) e cubra com um quarto de litro de água. Ponha para ferver em fogo baixo por uns dez minutos, depois retire o recipiente do fogo. Disponha então um bom bocado (cerca de uma mão-cheia) das flores de mil-folhas dentro de um outro recipiente e despeje o chá de cardo sobre elas. Cubra e deixe descansar por quinze minutos antes de coar. Tome, duas vezes ao dia, uma xícara desse chá, de preferência na hora de acordar e de dormir.

Muitas mulheres ciganas acham que o melhor creme facial que existe é o sêmen de um formoso rom! (Mas devo declarar que não me foram revelados os métodos para obter esse ingrediente.) Contudo, deve-se precaver para não deixar que o sêmen caia nos olhos.

A aplicação do orvalho fresco da grama sobre o rosto e também o banho da face com o leite gordo eram antigos remédios para a pele seca e as espinhas. Mas muitas mocinhas ciganas, as *raklies*, cobrem seus rostos com rodela de pepinos. Além disso, o chá de sassafrás (*Sassafras varifolium*) é excelente para manter a aparência sempre jovial e saudável.

As compressas de lama são outra preferência de várias mulheres, mas as ciganas não hesitam em fazer uso de uma mistura, à base de lama e esterco de vaca! Elas afirmam que essa composição é maravilhosa. Uma outra ajuda, de uso bastante popular, é a água retirada de um balde no qual o ferreiro tenha esfriado as ferraduras.

Foi o cigano Petulengro que me deu esta receita de unguento de beleza: 80 gramas de espermacete, duas colheres de chá de óleo de amêndoa, 30 gramas de cera de abelha (ou lanolina; mas o óleo de coco também é macio e fácil de ser trabalhado) e 15 gramas de calamina preparada. Todos esses ingredientes devem ser misturados e colocados dentro de uma panelinha em fogo baixo, para serem coados depois com um pano fino. O unguento deverá ser guardado num vidro bem fechado. Ele pode ser aplicado à noite, antes de ir para a cama, ou então durante o dia.

Um outro creme de beleza excelente, recomendado pelas mulheres ciganas, é feito com a seguinte composição: 30 gramas de raiz de sanguinária, 60 gramas de flores de sabugueiro, 60 gramas de vaselina boricada, e 60 gramas de gordura de

76 porco. A raiz da sanguinária é picada juntamente com as flores de sabugueiro e, em seguida, colocadas dentro de uma panela de barro com a gordura de porco. Põe-se para ferver em fogo baixo por aproximadamente uma hora e meia. Depois o composto é coado, acrescentando-se então a vaselina boricada; em seguida mistura-se tudo até que esfrie. Esse creme é de fato um ótimo purificador da pele, pois executa uma limpeza geral, atuando principalmente contra as manchas escuras do rosto.

Doenças do Nariz e da Garganta

Para um nariz que esteja sangrando, Charles Leland recomenda no seu livro *Magia Cigana* (1891) a receita de um feitiço muito estranho (usado não só para as hemorragias nasais como também para estancar qualquer tipo de sangramento excessivo). O feitiço consiste em se dizerem as seguintes palavras:

O Tolo sentado no monte
Tinha uma criança tola nos braços.
O monte se chamava Tolo
E Tolo era o nome da criança.
Ó sagrado Tolo,
Cure (abençoe) esta ferida!

O sortilégio no seu todo pode parecer bobo, mas em verdade ele sempre foi muito eficaz, tanto é que continuou sendo usado por inúmeras gerações. Mas não faça a menor idéia de como e por que ele funciona.

Um outro feitiço rom para estancar os sangramentos, especialmente a hemorragia nasal, consiste apenas em olhar para o leste, erguendo os dois braços e gritando o nome da pessoa que está tendo a hemorragia no nariz, e ainda dizendo as seguintes palavras: “Pare, sangue! Pare!”

Os ciganos de Devon e Cornwall nos sugerem que gritemos: “Três rosas em nome de Gana! Pare, sangue, pare!”

Quando se trata de sangramento, Irene Soper afirma que os ciganos manouche da Alsácia-Lorena costumam aplicar o cogumelo bufa-de-lobo amassado sobre a ferida, não só para estancar o sangue como também para auxiliar na cicatrização.

Uma das melhores curas para a inflamação da garganta é um chá feito com a erva-das-feridas (*Prunella vulgaris*). Use 30 gramas dessa erva para um pouco de

água, e faça um chá. Tome um cálice (morno ou frio) três vezes ao dia. Esse remédio é realmente de uma enorme eficácia.

Os ciganos de New Forest preparam algo que eles chamam de xarope de abrunheiro para dor de garganta. Os frutos maduros do abrunheiro são colhidos dos galhos, retiradas as suas folhas, e por fim dispostos num recipiente em camadas alternadas com açúcar. Ou seja, enche-se o recipiente de tal forma que as camadas fiquem uma em cima da outra. Depois de cheio, coloca-se uma tampa, e ele é guardado por três semanas num lugar escuro. Ao fim desse período, os frutos já terão murchado e assentado no fundo do recipiente. Esse é o momento de o xarope ser coado e transferido para um vidro. Administre uma colher de chá para a garganta inflamada. (Os frutos do abrunheiro deverão ser picados do mesmo jeito que se faz com os da ameixeira-brava.)

Para curar ou prevenir a amigdalite, as crianças ciganas carregam uma moeda de ouro antiga num cordão dependurado no pescoço. E as moedas vitorianas sempre foram as preferidas na execução desse sortilégio. Atualmente (1998), uma moeda de ouro vitoriana está custando entre quatrocentos e quinhentos dólares.

DOENÇAS DO PEITO

Asma

Um tratamento para asma, sempre usado pelos ciganos espanhóis, é um chá feito com tussilagem (*Tussilago farfara*), flores de lavanda (*Lavandula officinalis*), pulmonária (*Pulmonaria officinalis*) e flores de malva (*Althea officinalis*). Você deve misturar as ervas em partes iguais e depois preparar um chá, fazendo uso de uma colher de sopa desse composto em mais ou menos meio litro de água. E deixe em infusão por meia hora. Ele é tomado quatro vezes ao dia. Há pessoas que o adoçam com mel; mas, se você conseguir suportá-lo, é melhor que não seja adoçado.

Muitos ciganos secam os frutos do sumagre (*Rhus glabra*) e o transformam em uma espécie de fumo, que em seguida é pitado num cachimbo para curar a asma. Quando esses frutos são colhidos no final do outono, sua qualidade é elevada. Eles devem ser espalhados em cima de uma lona para exposição ao ar. E, depois de secos, devem ser tostados ao forno em fogo brando. Por fim, são mais uma vez esparramados sobre a lona e aí deixados por 24 horas. Vários fumantes já disseram que esse fumo é bem melhor do que o tabaco mais fino. Alguns ciga-

78 nos também secam as folhas e as utilizam. Outros preferem combinar os frutos ou as folhas com o tabaco que costumam fumar.

Uma boa cura para a asma é conseguida quando se pega uma truta viva para respirar profundamente por três vezes dentro de sua boca, soltando-a, depois, de volta ao rio.

Para o alívio da asma, muitos ciganos recomendam que se queimem as folhas secas da urtiga (*Urtica dioica*) para inalar a fumaça. Um velho rom galês me assegurou que, para prevenir ou até mesmo curar a asma, é necessário que se pegue a pele seca da toupeira e grude-a no peito com um pouco de mel.

Para o tratamento da asma e de outras complicações do peito, o cigano Petulengro recomenda que se fervam 30 gramas de folhas do castanheiro (*Castanea vesca*) com um pouco mais de um litro de água. Isso deve ser feito em fogo baixo, e o composto final deve ser coado e posto para esfriar. Depois adicionam-se 15 gramas de mel junto a 15 gramas de glicerina. Toma-se um cálice desse chá pela manhã, ao se levantar, e um outro à noite, na hora de ir para a cama.

Câncer nos Seios

As mulheres ciganas têm o hábito de usar uma pata de toupeira, dependurada numa fita ou num fio verde, ou mesmo escondida entre os seios, com o intuito de se livrar desse tipo de câncer.

Resfriado Comum

Entre os ciganos de New Forest, existe uma receita de um xarope de sabugueiro que era tido como bastante eficaz no tratamento do resfriado comum. Colha os frutos do sabugueiro, ponha-os dentro de dois ou três quartos de uma jarra de pedra e a cubra com um prato. Em seguida, coloque a jarra dentro de uma panela com água fervente e deixe aí até que os frutos produzam um sumo. Depois remova todo o conteúdo para uma peça de musselina e o esprema no interior de um recipiente. O suco adquirido nesse processo é posto numa panela, utilizando-se meio quilo de açúcar para um quarto de suco. Acrescente alguns cravos e leve para ferver, por algum tempo, em fogo baixo. Depois de fervido o bastante, retire a panela do fogo e deixe esfriar, antes de pôr a solução em vidros devidamente esterilizados. Guarde os vidros num lugar fresco e tome uma colher de chá do xarope três vezes ao dia.

Há um velho remédio inglês (não só dos ciganos) que consiste em se fazer um chá com as folhas de amora-preta, raízes secas de amor-perfeito, lascas do tronco do carvalho, folhas de roseira e folhas secas de sálvia. Misture todos os ingredientes, mas as folhas de amora devem estar-na quantidade de uma mão, e as demais, de duas. Logo que as ervas estiverem misturadas, guarde tudo dentro de um recipiente muito bem vedado. Para fazer o chá, disponha de uma colher de sopa para cada xícara de água. Leve a água para ferver e depois despeje-a sobre as ervas. Cubra e deixe descansar por quinze minutos em infusão. Coe em seguida e bote para esfriar. Tome uma xícara, ao dia, desse chá frio.

PROBLEMAS ESTOMACAIS

Dor de Estômago

Um cigano da Flórida me disse que o seu povo, da sua Hungria natal, fazia uso de um antigo sortilégio para combater esse tipo de dor. Sempre que alguma criancinha da tribo estava padecendo com dor de estômago, eles queimavam um punhado de pêlos de um cachorro preto. Depois misturavam as cinzas com um pouco do leite da mãe e um tanto das fezes da criança para formar uma pasta. A mistura era embrulhada num pano e presa na altura do estômago da criança, à maneira de uma compressa. Ela devia dormir a noite toda com essa compressa em cima do estômago, que, pela manhã, era retirada e levada para o mato. Ali procurava-se um tronco que tivesse um buraco onde se pudesse pôr a compressa. Depois o buraco era tampado com um pedaço de madeira, e a shuvani ou a própria mãe da criança pronunciava as seguintes palavras:

Vai embora da barriga,
Vai viver dentro da árvore!
E aí permaneça para sempre,
Pois lhe ordeno que fique neste lugar!

Os ciganos do sudoeste da Inglaterra têm o costume de cortar a moela de uma galinha para fazer um chá com ela. Eles garantem que esse chá é um remédio extraordinário para as cólicas estomacais e para qualquer outra espécie de dor de estômago. Em algumas regiões, fervem-se 30 gramas das lascas do tronco do carvalho com um quarto de litro de água, para a cura da gastrite. Essa fervura deve ser feita em fogo baixo, até que o líquido adquira uma cor dourada. Ele é então

80 retirado do fogo e posto para esfriar. Depois de ser coado, esse chá deve ser tomado num cálice após as refeições.

Problemas na Vesícula

O pé-de-leão (*Alchemilla arvensis*) é uma erva excelente para as complicações da vesícula. Ponha 30 gramas do pé-de-leão num pouco de água e ferva por um minuto. Deixe esfriar, coe e beba um cálice duas vezes ao dia. Um chá bem forte, feito com a erva eupatório (*Eupatorium purpureum*), também é ótimo para os problemas da vesícula. Para tanto, ferva um quarto de litro de água, acrescente uma colher de sopa dessa erva e deixe ferver em fogo baixo por aproximadamente cinco minutos. A raiz da grama-de-ponta (*Agropyrum repens*) é igualmente eficaz. Basta ferver, por uns cinco minutos, cerca de 20 gramas dessa erva para uma xícara de água. Depois deixe esfriar, coe e beba um cálice, seis vezes ao dia.

Em diversas tribos ciganas (como também entre os índios ozarks), as relações sexuais são tidas como um ótimo meio para resolver as dificuldades da vesícula e dos rins das mulheres.

Hemorróidas

Existe uma pomada tradicional, sempre usada pelos ciganos no tratamento das hemorróidas, que é feita com as folhas da tanchagem (*Plantago major*) e da hera terrestre (*Nepeta glechoma*) misturadas com gordura. Junte 120 gramas de gordura, 30 gramas de tanchagem e 15 gramas de hera terrestre. Ferva todos os ingredientes numa panela, por aproximadamente 10 minutos. As folhas devem ser muito bem pressionadas contra a gordura para que se retire o máximo possível do seu extrato. E, depois de obter uma quantidade razoável desse extrato, coe, ponha num vidro de boca larga e deixe-o esfriando. Para prevenir-se contra o aparecimento das hemorróidas, carregue regularmente uma castanha-da-índia (*Aesculus hippocastanum*) ou uma castanha texana (*Aesculus glabra*) dentro do bolso ou numa bolsa.

BRAÇOS E PERNAS

Reumatismo e Artrite

Existem muitos remédios que são usados pelos ciganos para o reumatismo e a artrite. O mais simples deles talvez seja aquele que é obtido ao se cozinarem alguns talos de aipo — de preferência com as folhas — num pouco de leite, para depois comê-los e beber todo o líquido. Esse tratamento deve se estender por

um período de pelo menos uma semana. Um outro método excelente de prevenção é o de beber um suco de lentilhas, conseguido depois que elas ficam de molho em um pouco de água por algum tempo. Uma família cigana me garantiu que, quando se carrega uma noz dentro do bolso ou da bolsa, obtém-se também um ótimo meio de se livrar do reumatismo. Mas outros ciganos me disseram que a noz-moscada apresenta resultados mais eficientes. Outros preferem usar um bracelete de cobre para o mesmo propósito. A raiz do dente-de-leão (*Taraxacum officinale*) é outro ingrediente muito comum no tratamento do reumatismo. Para tanto, basta ferver 30 gramas dessa raiz em aproximadamente um litro de água. Depois de fervido, coe e deixe que o líquido esfrie. Tome um cálice desse chá duas vezes ao dia.

Vários ciganos ingleses acreditam que, quando se ata a pele de uma cobra ou de uma enguia em torno da junta afligida, consegue-se um método eficiente para aliviar as dores causadas pelo reumatismo e pela artrite. Alguns chegam a dizer que a melhor prevenção é obtida quando a pessoa carrega diariamente uma pele de cobra junto a ela. Isso também é muito bom para qualquer tipo de problema nas juntas, como joelho inchado, cotovelos feridos e outras seqüelas. Os ciganos eslavos costumam espetar pedacinhos de madeira em um ovo. Depois eles o embrulham e o dependuram em algum lugar do varado. À medida que o ovo for minguando, o inchaço diminuirá.

Um bom tratamento para o lumbago, usado pela maioria das tribos ciganas, consiste em se extrair o óleo dos frutos do junípero (*Juniperus communis*) para esfregá-lo na região afetada.

Verrugas

Existem diversos tipos de sortilégios e encantamentos cujo objetivo é extirpar as verrugas. O velho modo cigano dos Buckland adota o método de esfregá-las com a metade de uma batata crua. Entretanto, à medida que se faz isso, devem-se repetir as seguintes palavras:

So must mandi ker'te ker tutti mishto?

Lel a-drom waffedi; latcher sasti.

O que devo fazer para que você fique boa?

Feiúra, vai embora; vai encontrar a beleza.

Leva-se depois a metade dessa batata para que ela seja enterrada, com o seu corte voltado para cima, em uma pequena cova na terra, com aproximadamente quinze centímetros de profundidade. Tão logo a batata comece a criar raízes, a verruga irá desaparecer paulatinamente. Posso afirmar isso com toda certeza, porque realizei várias vezes esse feitiço e obtive resultados excelentes. Um outro método similar é praticado pelas shuvanís, com a diferença de que elas amarram uma linha em torno da verruga, e repetem as mesmas palavras. Depois retiram a linha com muito cuidado, para que o “nó da medida” não se desmanche, e enterram-na em algum lugar que ninguém saiba. Em nove dias a verruga desaparece.

Há muitas pessoas que cospem sobre a verruga para friccioná-la com um pedacinho de papel. Depois o papel é jogado numa encruzilhada, e a verruga será herdada pela primeira pessoa que passar por ali. Há uma outra crença que nos diz que, se alguém esfregar a verruga com um pedaço da pele de toucinho e logo em seguida pregá-lo no tronco de uma árvore, a verruga desaparecerá aos poucos. Os ciganos de New Forest me disseram que, para fazer com que uma verruga seja eliminada, deve-se procurar uma pedra que seja parecida com a verruga, esfregando a pedra sobre a verruga; depois joga-se a pedra dentro de um córrego.

O sumo do alho silvestre é um outro meio muito bom para se remover uma verruga. Pincele-o simplesmente sobre a verruga, por nove vezes, debaixo do luar de uma noite de lua cheia, deixando que a verruga fique exposta a essa lua por três minutos. Um cigano espanhol me afirmou que, durante esses três minutos, o interessado deve pensar que a verruga está indo embora, e então pronuncia as seguintes palavras:

Verruga ruim, vai embora!

Vê se me abandona e não fiques mais aqui.

Verruga ruim, vai embora!

Os ciganos gregos são capazes de jurar que, quando se quebram os ramos e galhos da figueira, o líquido branco ou “leite” que se extrai daí também é um remédio miraculoso no combate às verrugas. Basta esfregá-las com esse leite e em pouco tempo já não haverá mais vestígios delas. O leite do dente-de-leão também é bastante eficaz e pode ser encontrado no final do talo dessa erva; o único trabalho é aplicá-lo em cima da verruga. Os ciganos garantem que, se o líquido for empregado três vezes ao dia, a protuberância rugosa começa a escurecer, até cair de vez.

Diarréia

Em se tratando de diarréia, nada é mais eficiente do que os frutos do sabugueiro. Eles podem ser comidos secos, cozidos, ou misturados aos cereais. E, independente da forma pela qual vão ser ingeridos, eles sempre são um ótimo remédio no tratamento da diarréia. Um outro meio curativo muito eficaz contra essa doença é o chá feito com a cauda-de-raposa ou avoadinha (*Erigeron canadense*). Há, ainda, outra forma de cura, conseguida com o chá de ambrósia em água fria (*Ambrosia artemisiaefolia*).

Prisão de Ventre

Encontramos, para o extremo oposto, a casca do tronco da árvore da noz branca, ou nogueira branca (*Juglans cinerea*), que é um excelente laxante. Os ciganos costumam fervê-la até que atinja o ponto de um xarope encorpado. Depois adicionam um pouco de farinha de trigo e por fim transformam em pílulas a massa resultante. Alguns as cobrem com uma camada fina de açúcar para que o sabor fique mais agradável. O dente-de-leão também é uma erva que possui propriedades laxativas; por isso os ciganos gostam de pô-la nas saladas, com frequência.

Frieiras

O tratamento das frieiras geralmente apresenta um resultado mais do que satisfatório, quando são cuidadas com uma mistura de suco de limão e glicerina. E a fricção da frieira com urina fresca foi um outro remédio que me foi passado, com grande cerimônia. O cigano Petulengro me aconselhou a usar a água com a qual as pastinagas são fervidas (sem sal). Para meio litro de água, adicione uma colher de sopa de pó de alumínio e misture muito bem. Banhe com esse líquido, por uns 20 minutos, a região afetada, e depois deixe secar naturalmente.

Enfermidades Diversas

Para a irregularidade do ciclo menstrual, ferva em fogo baixo 60 gramas de raiz de vacínio (*Caliphylum thalictroides*), junto a pouco mais de meio litro de água, por aproximadamente 20 minutos. Coe em seguida e ponha o líquido dentro de um vidro com tampa. Tome um cálice duas vezes ao dia. Quanto às cólicas menstruais, os ciganos asseguram que a salsa (*Petroselinum sativum*) é uma erva milagrosa.

Para as contusões, ferva um pouco de gordura de porco com um punhado de bagas de sabugueiro (colha-as, de preferência, quando o sol estiver sobre elas). Mas não se esqueça de amassar as bagas antes de adicioná-las à gordura. Logo

84 que a mistura estiver suficientemente fria, esfregue-a sobre a região contundida. O restante poderá ser guardado num recipiente, para ser usado no futuro.

Para os problemas da pele, a urtiga (*Urtica dioica*) é normalmente usada pelos ciganos. Caso você esteja com alguma complicação desse tipo, faça um chá com um punhado de folhas de urtiga junto a um quarto de litro de água. Deixe em infusão por uns 10 minutos e coe quando estiver frio. Beba uma xícara três vezes ao dia. Mas você também pode fazer um suco de urtiga fresca, acrescentando uma pitada de fermento, e tomar uma colher de chá seis vezes ao dia.

Para as doenças da pele como dermatites, eczemas, herpes, acnes e furúnculos, misture 60 gramas de flores de trevo (*Trifolium pratense*), 30 gramas de raiz de bardana (*Arctium lappa*), 30 gramas de raiz de lírio azul (*Iris versicolor*) e 15 gramas da casca do tronco de sassafrás (*Sassafras variifolium*). Coloque um quarto dessa composição em meio litro de água fria e cozinhe em fogo bem baixo por 20 minutos. Depois deixe esfriar e coe. Tome um cálice três vezes ao dia.

Para eliminar a ardência dolorosa da queimadura, a shuvani cobre o ferimento com as mãos e murmura as seguintes palavras:

Dois ciganos chegaram do leste.
Um trouxe fogo, e o outro, gelo.
Sai fora, fogo! Fica aqui, gelo!

Todos são unânimes em dizer que, quando a shuvani retira as suas mãos, a ardência some por completo.

O cigano Petulengro tem uma ótima receita que ele mesmo chama de “Supertônico”. Ela é feita com 30 gramas de urtiga, 30 gramas de lúpulo, 25 gramas de malte preto, 10 gramas de alcaçuz, 2 batatas de tamanho médio, 60 gramas de açúcar mascavo e 30 gramas de fermento. Primeiro adicione as ervas, o malte e o lúpulo num caldeirão cheio de água. Ponha no fogo para ferver e, depois que a fervura levantar, acrescente as batatas e o alcaçuz. Mas, antes de ir para a panela, as batatas devem ser lavadas, furadas com um garfo e deixadas com as cascas. Cozinhe essa mistura em fogo bem baixo até que o líquido tenha se reduzido a meio litro. Em seguida, coe tudo, remova a solução restante para um recipiente de barro, e acrescente o açúcar e o fermento. O açúcar e o fermento devem ter sido previamente misturados com um pouco dessa solução quente e logo depois postos à parte para esfriar. Quando introduzi-los ao líquido na vasilha de barro,

procure mexer, até que se diluam inteiramente. Coloque então esse recipiente num lugar frio. Cubra-o com um pano e deixe-o descansar por 24 horas. Depois de passado esse tempo, retire com uma escumadeira toda a espuma que tenha se formado sobre a solução e remova-a para alguns vidros. A colocação das tampas se dá em duas etapas; em primeiro lugar, devem-se deixar as tampas ligeiramente frouxas por um período de 12 horas e, no segundo momento, aí, sim, devem ser apertadas. Se você quiser que o composto final fique com uma forte coloração vermelha, acrescente aos ingredientes uma maçã vermelha. Petulengro também sugere que se adicionem alguns pregos enferrujados para uma boa dose de ferro! Ponha de lado os vidros por alguns dias e, para que a mistura fique mais apurada, tenha cuidado em não sacudi-los quando se servir do líquido.

MÃOS QUE CURAM

Há várias shuvanís e vários shuvanós que são curandeiros soberbos, pois não se limitam a trabalhar apenas com as ervas e os feitiços, mas também com o uso curativo das mãos. Alguns outros rom são igualmente excelentes nessa capacidade de cura, embora a maioria deles tenha sido especialmente escolhida e ensinada por uma shuvani.

Pierre Derlon, em seu livro *Secrets of the Gypsies* (1977), discorre sobre o “palmeamento” e ainda dá um outro método de cura, produzido com as mãos e utilizado pelos ciganos da França, que é chamado por eles de a cura do “Sol e da Lua”. Tive a oportunidade de me deparar com métodos similares ao longo das Ilhas Britânicas. Nesse método, a curandeira romi faz uso de suas próprias mãos para simbolizar a Sol e a Lua, como se elas fossem o microcosmo. O Sol é representado pela mão direita, e a Lua, pela esquerda (isso no caso de ela ser destra, pois, se for canhota, a disposição é invertida). A mão direita ajusta-se como se fosse uma garra, de forma a enviar os raios do Sol para curar. E a mão esquerda se põe espalmada, para refletir a luz do sol tal como faz a Lua. A posição básica da curandeira é diante do lado direito de quem receberá o passe. As suas mãos movimentam-se sobre o corpo da pessoa — a mão direita fica na parte frontal da pessoa e a esquerda na parte de trás —, para que os raios de cura possam *espalhar-se* pelo corpo todo: na verdade, essa é efetivamente a segunda parte do ritual, já que a primeira parte é iniciada com o banimento da negatividade presente, e, nesse estágio, as mãos ainda se colocam de maneira natural.

O receptor do passe põe-se de pé, tendo os olhos fechados e as pernas ligeiramente abertas. Em diversos casos de cura, tanto a curandeira como o pacien-

86 te se despojam das roupas e ficam inteiramente nus (ou *nangi*, conforme se expressam os ciganos), tal como acontece entre os integrantes da Wicca. O início da cura se dá com o estabelecimento de uma conexão entre as duas pessoas. A curandeira se põe perante o receptor, segura as suas mãos, e ambos começam a respirar de maneira profunda e pausada para que um se interligue ao outro. Esse procedimento dura alguns minutos, até que os dois se abraçam; em seguida, a curandeira dá um passo para trás, dispondo as suas mãos nas têmporas do receptor. A partir daí, através de uma pressão suave dos seus dedos, ela promove de fato a conexão necessária e começa a “limpeza”. Essa limpeza nada mais é senão a eliminação da negatividade que se encontra naquele corpo e que precisa sair.

Depois ela percorre vagarosamente com as mãos todo o corpo do receptor: iniciando pelo rosto, descendo pelos braços, passando pelos quadris e pernas, e por fim chegando ao solo. Exatamente nessa área, a curandeira sacode as suas mãos, livrando-se então de toda negatividade que se aderiu a elas. E logo depois desce, apenas com a mão direita, pelo lado esquerdo do receptor, iniciando pelo lado interno do braço dele e tendo a palma da mão voltada para o corpo. Ao atingir o quadril, ela atravessa a região do púbis para descer pelo lado interno da perna esquerda até o chão, onde sacode mais uma vez a sua mão.

Existem cinco tipos de passes que são executados em conjunto: um deles é feito com as duas mãos baixando pelo lado exterior do corpo; depois são dados mais três passes com a mão direita declinando pela parte interna do corpo e o cruzando; o mesmo é feito, em seguida, com a mão esquerda. A conjunção final dos passes é dada pelas duas mãos que pendem ao longo da área externa do corpo do receptor. Cada passe é finalizado pela sacudidela das mãos, com o intuito de banir a negatividade. Portanto, quero expressar o termo “conjunção” como a combinação de passes feitos com a mão direita e a mão esquerda.

Tendo realizado essa série de passes, a curandeira põe as suas mãos na cabeça do receptor e a ele se conecta outra vez. Bem próxima dele, ela coloca a mão direita em forma de “garra” sobre a sua testa e comprime a parte de trás de sua cabeça com a mão esquerda “espalmada”, passando então a se concentrar nas suas energias curativas, descendo pelos seus próprios braços, alcançando os seus dedos, para por fim penetrar no receptor. A irradiação das energias emana da mão esquerda e reflete-se na direita, cabendo à curandeira sustentar mentalmente o vaivém constante da força energética que percorre as suas duas mãos. É justamente a sua experiência pessoal que vai lhe dizer quanto tempo deve permanecer nesse ponto. Em seguida, ela se volta para a nuca e aí repete a mesma pulsação de energia. Da nuca vai ao coração. Depois para a mama esquerda e

88 para a mama direita. As suas mãos baixam então até a região abdominal, para finalizar no púbis.

Dá para perceber nitidamente que as energias curativas são trabalhadas em cima dos pontos correspondentes aos centros de força energética chamados de chakras. Assim, o primeiro ponto se relaciona com a posição do terceiro olho, que por sua vez é o sexto ou o sétimo chakra (alguns textos entendem que o terceiro olho é o sexto chakra, enquanto outros invertem essa lógica). Na seqüência, a garganta é naturalmente o quinto chakra; o coração, o quarto; o estômago (ou o plexo solar), o terceiro; e a região dos genitais abrange o primeiro e o segundo chakras. Creio que, em sua origem, essa correlação foi importante para os ciganos, e que por isso mesmo eles estavam perfeitamente cientes da existência dos chakras e das energias de *kundalini*, embora nos dias de hoje eles já não façam a menor idéia do que significa “chakra”. Eles sabem apenas que a cura se processa nessas zonas.

Devo ressaltar que as mamas não constam da relação dos chakras, mas até nisso temos uma forte indicação de que os ciganos estavam mais uma vez à frente do seu tempo, já que um dos problemas atuais, dos mais comuns entre as mulheres, é o câncer de mama ou a sua ameaça. Portanto, ao incluir as glândulas mamárias no seu ciclo de cura, os rom atuam de modo a produzir uma ação curativa total, o que aliás não é oferecido por vários outros sistemas de cura.

Já tendo conversado previamente com o receptor a respeito de sua saúde, a curandeira identifica mais facilmente a área causadora do problema e daí pode se concentrar especialmente nela. Caso seja necessário, ela retorna para aplicar uma “segunda dose” no ponto afetado. Tenho escutado relatos maravilhosos de curas que estão muito próximas dos milagres e que são resultantes do método chamado de “Sol e Lua” que é praticado com as mãos, principalmente quando ele é operado por uma shuvani poderosa.

Ainda são realizados outros métodos menos elaborados de cura com as mãos, e por isso muitos curandeiros possuem as suas técnicas secretas de trabalho. No entanto, todos eles parecem ter um vasto conhecimento da tradição do uso das ervas, dos encantamentos e dos feitiços. Portanto, não causa o menor espanto o fato de os ciganos quase nunca recorrerem ao *mullomengro*.



DINHEIRO E BENS:

A Aquisição Mágica da Riqueza



Ao nos depararmos com os ciganos, chegamos logo à conclusão de que eles não são ricos. Viajando com certa regularidade pelo país e mudando-se com frequência, acabam não se interessando em utilizar os serviços dos bancos, mesmo quando há necessidade para isso. A bem da verdade, é preciso que se diga que os rom talvez façam uso eventual desse sistema nos dias de hoje, já que estamos em meio à realidade das máquinas eletrônicas, com as quais as pessoas já não precisam ficar presas a um banco local; porém, ao que tudo indica, ainda nutrem uma certa desconfiança quanto aos serviços bancários e por isso preferem carregar o dinheiro com eles mesmos. Mas os ciganos geralmente o investem em jóias: moedas de ouro que adornam as suas roupas, anéis e braceletes nas mãos, e brincos em suas orelhas. Desse modo, toda a riqueza deles está sempre à mão, ainda que também sirva para outros propósitos.

Sob a ótica dos ciganos, o ouro é tão essencial para posse como para uso. E os brincos de ouro são especialmente necessários. Eles acreditam que esse metal tem o dom de trazer as bênçãos das riquezas, uma vez que atua como um autêntico ímã para o dinheiro: costumam dizer que, quanto mais alguém o possui, mais dinheiro será atraído. Ao passo que a prata é um metal de pouca serventia para o seu ornamento pessoal, embora seja usada pelos condutores de cavalos.

Há uma crendice muito difundida, segundo a qual os rom têm o hábito de guardar o seu dinheiro em esconderijos que só eles conhecem. E, de fato, algumas evidências chegam a nos indicar que talvez isso possa ter ocorrido no passado, embora seja muito pouco provável que ainda aconteça nos dias atuais, com a ínfima quantidade de ciganos que seguem viajando pelas estradas.

Na verdade, os ciganos não dão demonstrações de querer muito dinheiro só pelo prazer de possuí-lo, como é de costume entre os gaujos. Apesar disso, um sem-número de gaujos crêem que os rom guardam os seus segredos com relação às maneiras inusitadas para se obterem riquezas, que na maioria das vezes seria através dos meios mágicos; exatamente por isso fazem mil perguntas para as shu-vanis sobre como tal coisa poderia ser feita. Mas, no que se refere a esse assunto, o que pode ser dito é que existem muitas explicações, embora sejam bem maiores as superstições.

Uma dessas superstições é a de que, se uma formiga vermelha passear sobre o corpo de alguém, essa pessoa ficará rica no prazo de um ano. Outra crendice é a de que, se um pássaro vermelho — ou algum outro que tenha um pouco

dessa cor na plumagem — sobrevoar a cabeça de alguém, evidencia a aproximação do dinheiro. E essa vai além, pois, caso esse pássaro voe da esquerda para a direita, o dinheiro estaria a caminho; porém, se ele voar na direção inversa, seria um sinal de que a pessoa perderia dinheiro. Em função disso, os tordos, os cardeais e os melros com asas vermelhas são cuidadosamente observados.

Existe uma velha crença, que até hoje persiste entre os ciganos, segundo a qual, se alguém olhar para a lua nova e simultaneamente revirar uma moeda no bolso, certamente a riqueza virá no futuro. Entretanto, a pessoa tem de virar a moeda e não olhar de novo para a lua. Além disso, os ciganos acreditam que o ato de segurar uma moeda de prata, ao mesmo tempo em que se olha para a lua, também pode trazer a sorte financeira. A relação da lua com a prata é tão estreita que a maior parte dos feitiços, para ganhar dinheiro, só pode ser realizada em determinadas fases da lua.

Uma outra superstição é a de que, se uma mulher tem pêlos nos seios, ela se tornará muito rica! E, caso o homem tenha na barba algum fio de cabelo vermelho, é um forte indício de que ele nunca passará por privações financeiras.

Embora os rom não encorajem as suas chavvis a acreditarem na fadinha dos dentes-de-leite, existe a crença de que, se alguém enterrar um dente ciso num cemitério, o dinheiro será obtido com toda certeza nos próximos seis meses. Os ciganos de Yorkshire afirmam que, quando se enterra o maxilar de uma raposa no pé de um carvalho, a fortuna advirá para quem o enterrar; e os ciganos galeses acreditam que o mesmo resultado será conseguido, se uma pessoa tirar os espinhos de um porco-espinho, escondida atrás de um salgueiro.

Quando alguém se desespera à procura de dinheiro para resolver uma emergência, há um meio de ganhá-lo, conforme nos afirma o velho Zorka, um shuvano que conheci na Escócia. Logo que a lua estiver em quarto crescente, vá até um bosque para encontrar sete sementes redondas, três pedras brancas e uma camada de musgo que tenha o tamanho de sua mão. O musgo deve ser retirado de uma pedra, com muito cuidado; ou então do tronco de uma árvore ou do lugar que for, contanto que não se despedace ao ser retirado, porque terá que se apresentar como se fosse um retalho de pano. Coloque as sementes e as pedras no centro do pedaço de musgo, exatamente no seu lado verde, e depois o dobre de maneira que ele fique parecendo um pequeno embrulho. Amarre-o com linha, barbante, ou até mesmo com um pedaço de cipó, para que fique bem fechado.

92 Mas pode-se também fazer esse embrulho com um retalho de pano branco, caso assim se deseje. Depois ponha esse embrulho debaixo do seu travesseiro e vá para a cama na hora do pôr-do-sol. Durma com ele até a meia-noite e levante-se da cama rigorosamente nesse horário. Pegue então o embrulho e dirija-se para fora de casa. Enterre-o, sob a luz da lua, numa profundidade de pelo menos vinte centímetros, debaixo de algum arbusto que tenha muitos espinhos (amoreira, roseira, morangueiro silvestre, ou qualquer outro). Dê três voltas em torno do local onde o embrulho foi enterrado, sem se esquecer de que os giros devem ser feitos no sentido horário, dizendo as seguintes palavras:

Mi Douvel opral, dick tule opré mande.

Meu Deus que está no alto, olhe por mim aqui embaixo.

Repita essas palavras a cada giro, mas elas só poderão ser ditas três vezes. O velho cigano garante que o dinheiro surgirá, antes que chegue a lua cheia.

Há muita gente já convencida de que, para se ganhar dinheiro, é preciso que se tenha algum dinheiro, ou seja, dinheiro faz dinheiro. E essa idéia de que uma pequena semente de dinheiro acaba atuando como uma espécie de “ímã” para as finanças parece mesmo que dá certo. Uma vez, vi uma família Boswell, que se deslocava freqüentemente ao longo da região leste da Inglaterra: Essex, Suffolk, Norfolk, Cambridgeshire e Lincolnshire. Logo que me aproximei dela, todos me pareceram muito bem-sucedidos. Intrigado com aquela abundância, indaguei a Stan Boswell, o chefe da tribo, qual era o segredo para o êxito deles. A princípio, ele não quis admitir que houvesse um segredo, mas a minha insistência fez com que ele acabasse admitindo, a contragosto, que aquele ramo da família sempre tinha se saído muito bem com as questões financeiras.

Stan ainda disse: “E tudo isso graças ao meu velho avô *purodad*” (que, na verdade, era o avô do seu pai, ou seja, o seu bisavô). E seguiu dizendo: “É, parece que ele sabia realmente das coisas; eu ainda era um pequeno chavvi quando a minha velha puridai me contou a história!” A sua avó lhe contou que um dia o seu pai pegara uma moeda de ouro de cada membro da tribo — todos faziam parte de um ramo da família Boswell e viajavam juntos — e depois derreteu-as para fazer uma noz-moscada toda de ouro. Após ter feito essa jóia, ele a enterrou em um cemitério numa noite especial. Stan me disse que jamais poderia revelar o lugar exato onde a jóia fora enterrada, pois isso era um segredo que só o líder da tribo (o rei cigano) sabia. Ele ainda me confidenciou que, quando a tribo passava, uma vez ao ano, pela região do país onde houve o evento, o líder dos Boswell visitava o local e entoava um encantamento em cima da área, exata-

mente onde a jóia estava enterrada. No entanto, mais uma vez ele me disse que também esse encantamento não poderia ser revelado.

“Você pode rir, se quiser”, falou-me com um olhar seriíssimo. E arrematou em seguida: “Mas o fato é que desde então nunca presenciei um só membro da família passar por necessidades!”

Em geral, a família cigana cresce quando há o casamento dos filhos. Pois logo eles adquirem os seus próprios vardos para abrigar os novos integrantes que virão. E dessa maneira a tribo vai se desenvolvendo: todos os vagões viajam juntos e acabam dando ensejo à constituição de novos ramos daquela mesma família. Assim, o mais velho dos homens, que foi justamente quem deu origem à quase-totalidade dos membros, passa a ser nomeado o “rei” daquela família ou tribo. É bem provável que a grande maioria dos rom não reconheça a palavra “rei”, porém alguns deles acham que ela descreve excepcionalmente o sentido do que é um líder de tribo. Às vezes, um determinado filho e sua família optam por abandonar a tribo para peregrinar solitariamente. E, quando isso acontece, geralmente eles têm todas as bênçãos do pai — o que só não ocorre no caso de a partida ter sido provocada por alguma desavença — e quase sempre são bem-



O moderno vardo da família Vicker.

94 acolhidos, quando resolvem retornar à tribo. Mas há também o caso de partes separadas de uma mesma família se reagruparem em certas ocasiões do ano, o que ocorre normalmente no inverno. Quando o líder morre, em geral o filho mais velho herda a sua posição e, logicamente, o seu título. As "jóias" do rei cigano costumam ser um anel de ouro com uma pedra preta e uma bengala com uma cabeça de cavalo no cabo.

Quase não se vêem, atualmente, aqueles grupos que viajavam em caravanas, e os que ainda fazem isso são em número reduzido: constituídos por somente três ou quatro veículos (ou casas motorizadas, como hoje eles são chamados). Nos velhos tempos, até pouco antes da Segunda Guerra Mundial, eram bastante comuns as viagens em caravana com uma dúzia ou mais de vagões coloridos.



8

PODER E SORTE:

Uma Ajuda para Viver Bem



Uma das coisas que mais se deseja é o dom de se ter poder sobre os outros. A habilidade para fazer com que o nosso semelhante tome uma decisão que nos favoreça; conseguir afastar do nosso caminho alguém que só nos traria ruína; unir aquelas duas pessoas que todos acham que foram feitas uma para a outra; torno o que é negativo em positivo: tudo isso e muito mais são coisas que a maioria de nós adoraria ser capaz de fazer. E sem levar em consideração o fato de que a magia branca e os seguidores da Wicca desaconselham a interferência no livre-arbítrio de uma outra pessoa. (O que, aliás, já foi citado no Capítulo 4.) Entretanto, os ciganos não hesitam, um só instante, em fazer aquilo que vêem como certo, e por isso se diz que as shuvanís são guiadas apenas pelos seus próprios pensamentos e sentimentos.

É sabido que a tentativa de fazer pressão sobre uma outra pessoa não passa de “magia cinzenta”, quer dizer, não é algo bom nem ruim. Entretanto, essa atitude parte, na maioria das vezes, de alguém que quer ver outra pessoa tomando uma decisão que poderia levar um tempo enorme para ser tomada, caso não se fizesse alguma coisa para tal. Em função disso, aos olhos dos rom, esse aspecto dos acontecimentos sempre foi muito importante. O que é perfeitamente justificável pelo seu estilo de vida, uma vez que as suas constantes mudanças de um lugar para o outro os obrigam a tomar decisões com muita rapidez. Mas, no fundo, eles nunca procuram influenciar o conteúdo das decisões dos outros e sim fazer com que elas sejam assumidas.

De acordo com alguns ciganos de New Forest, um dos modos mais eficientes para pressionar uma pessoa é a simples aquisição da sua foto. A fotografia é posta à luz do dia, no solo, em cima de um canteiro de terra, e logo após a shuvani se ajoelha diante dela, concentrando os seus pensamentos em torno da decisão que deve ser tomada. Depois de muita concentração, ela entoia o seguinte encantamento:

Kolliko; to-divvus; akno!

Av, mi shookarengro,

Mendi jal a drom;

Mendi jal a drom.

Amanhã; hoje; agora!

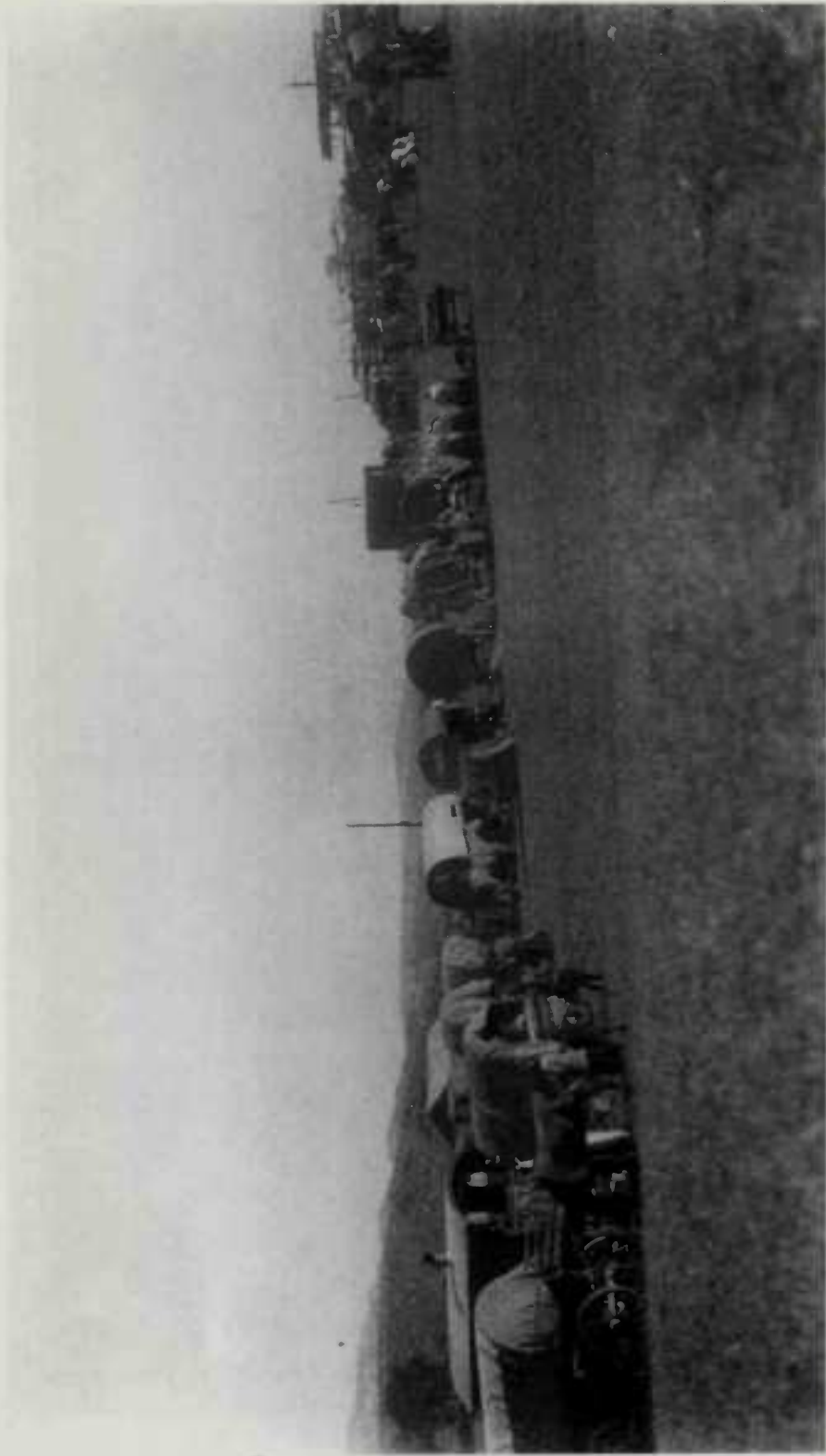
Venha logo, meu atrasado,

Nós viajamos na estrada;

Nós viajamos na estrada.



Sentada na entrada de um *varado*, esta menina cigana trabalha na confecção de um suporte de madeira para flores, o qual será vendido para os *gaujos*. (Fotografada no Acampamento de Boswell, em Lock's Bottom, Orpington, Kent, Inglaterra, em outubro de 1912.)



Uma reunião de ciganos num *atchin'ian*, ou acampamento. Este grupo é da Galícia, e eles são conhecidos pelos seus trabalhos com metais, especialmente o cobre. (Fotografado em The Kursaal, Southend-on-sea, Essex, Inglaterra, em junho de 1914.)



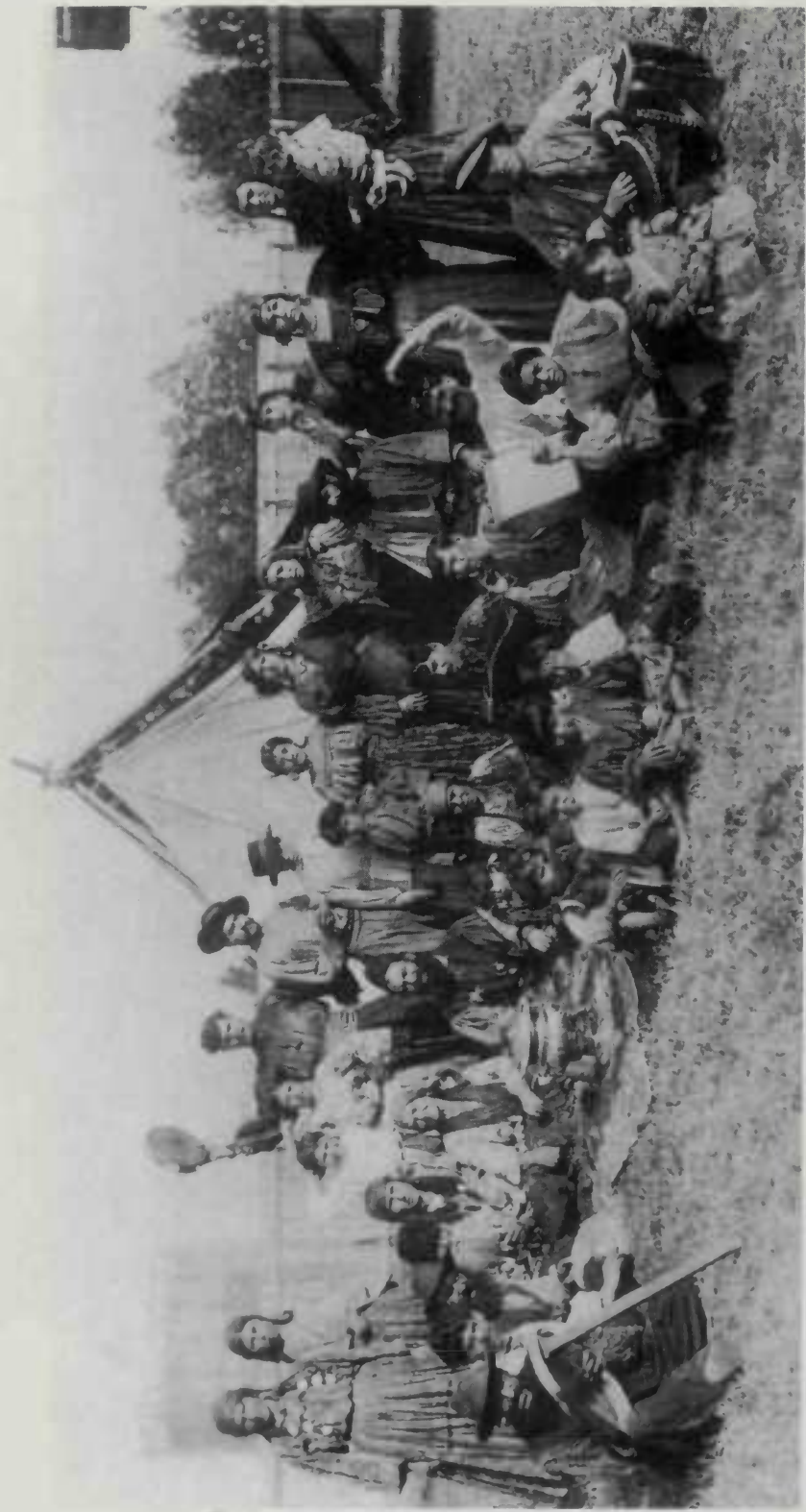
Os Smith e os Carey fazendo pregadores de roupas enquanto descansam na grama. Estas famílias viajaram no *vação* de teto arqueado que aparece à esquerda da foto, e armaram a tenda que está à direita para obterem um espaço extra. (Scott Macfie Albums, Lock's Bottom, Orpington, Kent, Inglaterra.)



Amolar facas e resouras era uma excelente maneira de viver. Nesta foto, Charley (Moti) Lovell trabalha com o seu amador. Vê-se atrás dele uma pequena *tenda* que foi usada como espaço adicional neste acampamento cigano. (Foto tirada nos arredores de Llangefni, Gwynnd, País de Gales, em 1914.)



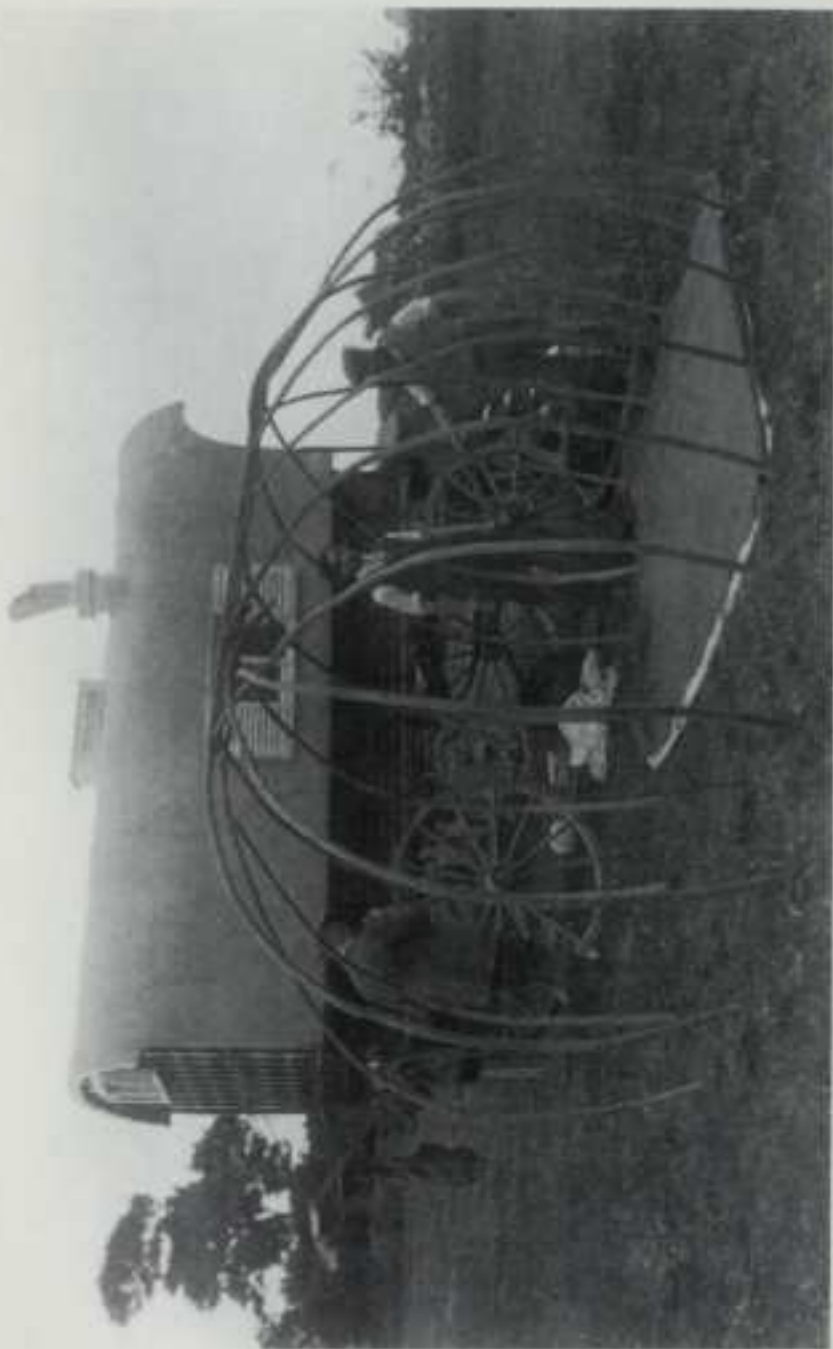
Esta foto foi tirada no momento em que o *varado* de Helen Shevlin tinha sido queimado, por ocasião de sua morte, em 1933. Todos os seus pertences foram colocados dentro do *vagão* para serem consumidos, pois assim seria dado um fim completo à sua existência. Depois disso, o seu nome nunca mais seria mencionado por sua família e seus amigos.



A Feira de Brough Hill em Yorkshire, Westmorland (Cumbria), Inglaterra, em 1913. Este é um lugar de encontro bastante difundido entre os ciganos. E a Feira de Cavalos de Appleby, que fica nas proximidades, é o local mais antigo, famoso, e com maior espaço para esses encontros. Os ciganos de toda a Grã-Bretanha reúnem-se em lugares como este.



Este maravilhoso *carro* inteiramente decorado era a casa de George, Berti, Rodi (nascida Wainwright) e Jim Heron. Ele foi magnificamente ornamentado com entalhes. (Fotografado em Cumbria, nos arredores da Inglaterra, em 1911.)



A construção de uma *tenda* (ver Capítulo 15). Este abrigo temporário foi erguido a partir dos galhos da aveleira. Atrás da *tenda* encontra-se um *carro* com teto aquecido, no qual toda a família viajava. (Foto tirada nos arredores de Carmarvon, Gwyned, País de Gales, em 1914.)



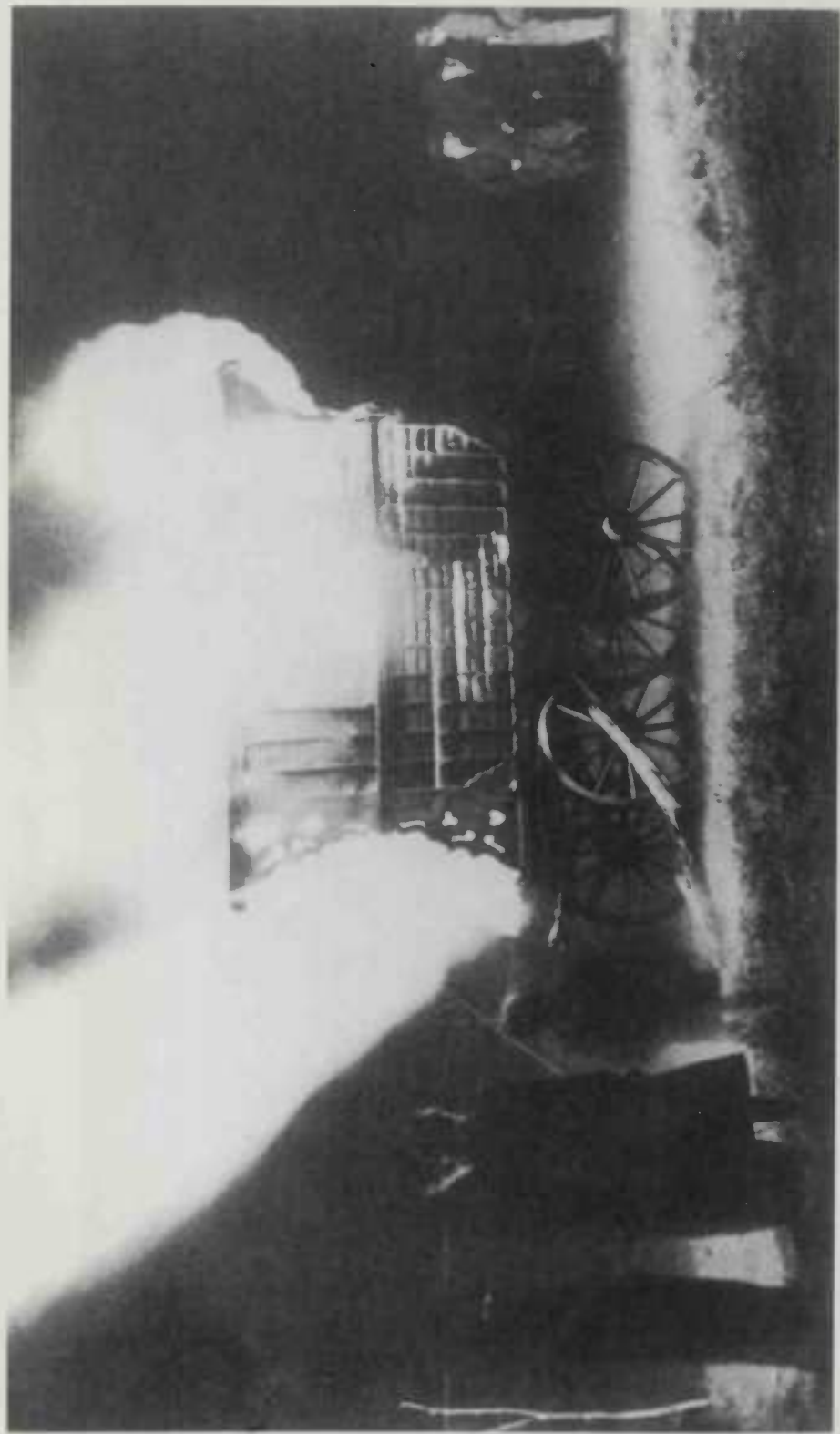
Uma mãe cigana lavando roupas na frente de uma *tenda*.



Omi juntamente com Levi Carey e seu filho Harry fazendo *kipsies* (cestos) e balaio para vender. (Foto tirada nos arredores de Sevenoaks, Kent, Inglaterra.)



Ciganas *raskites* (mulheres jovens). Elas ajudam as mais velhas nas tarefas domésticas e ainda tomam conta das *charrites* (crianças). (Foto tirada em Birkenhead, em 1911.)



O *vagão*, que era habitado por um velho cigano, sendo queimado depois do seu funeral. Esta prática é incomum nos nossos dias, principalmente porque os *vagões* são vendidos para os colecionadores, por um preço que pode atingir mais de cem mil dólares.



Doas mulheres velhas, que trabalham no artesanato com cobre, fotografadas em Wandsworth, em agosto de 1911. São muitas as mulheres ciganas que fumam cigarros ou cachimbos. A matriarca da tribo é conhecida pela expressão *puri dai*.



O braço forte da lei? Aqui, os "soldadinhos" ingleses retiram uma mulher cigana e o seu filho de um acampamento, com o intuito de evacuá-lo. Esta cena de violência contra os ciganos era bastante comum, e ainda é observada nos dias de hoje.



O interior de um *vardo* de teto arqueado que pertenceu a Gildroy Gray. Foto tirada na vizinhança do Poço Vermelho, perto de Carnforth, Lancashire, Inglaterra, em 1916.



Matthew Wood posando ao lado do seu amolador de facas e tesouras. Foto tirada em 1914, nas proximidades de Bala, Merionethshire.

Em seguida, ela cospe em cima da foto e começa a esfregá-la circularmente com o polegar de sua mão direita, acompanhando a direção dos ponteiros do relógio. Até que, por fim, ela vira a face da fotografia para o solo, cobrindo-a com terra, e pisa no local diversas vezes. Assim, quem tem que tomar uma decisão, decide em vinte e quatro horas.

O ato de cuspir é, sem dúvida, uma característica de um grande número de feitiços ciganos. No antigo e maravilhoso filme *Golden Earrings* (estrelado por Marlene Dietrich e Ray Milland), a personagem vivida por Dietrich cospe inúmeras vezes, sempre que tem que esperar pela sorte, ou para acompanhar uma determinada ação. Há uma cena, no início do filme, na qual a personagem reza aos “espíritos da terra e da água” e cospe logo em seguida. (Para representar o seu papel com maior competência, Marlene Dietrich pesquisou diretamente com o rom, chegando inclusive a morar por um certo tempo num acampamento cigano. Ela mesma desenhou os trajes típicos que usou, contrariando as ordens emanadas de Hollywood. Murvyn Vye, um membro de uma tribo romani, representa um pequeno papel e também interpreta a canção que deu título ao filme.)

Yaksa (cuja pronúncia é “Yak-sha”) é o nome coletivo dado, no folclore indiano, aos espíritos dos campos, florestas, rios etc. Por sua condição de seres pré-védicos antiqüíssimos, as referências a eles situam-se dentro da Tradição Sagrada. Dizem que os yaksas tinham um fascínio particular pela Árvore da Vida, que era sagrada para toda a comunidade. E, exatamente porque freqüentavam esse lugar, a população dependurava guirlandas nos galhos das árvores, além de pequenas lamparinas, bolos e outras oferendas depositadas aos seus pés. Pois bem, os ciganos continuam reverenciando as árvores, e alguns ainda deixam oferendas sob sua copa.

Segundo um costume tradicional, se um rapaz cigano insistir em se casar com uma moça gadji, ela só poderá ser autorizada a se juntar à tribo, se houver o consentimento do líder, mas jamais será vista como um membro da família e será sempre tratada como uma estrangeira. No entanto, se no caso inverso a mulher cigana se casar com um homem gaujo, ela será obrigada a abandonar a tribo para viver com ele, o qual, por sua vez, nunca será aceito. Eu soube do caso de uma família rom de Shropshire que passou por enormes turbulências quando uma das sobrinhas do patriarca, uma moça de beleza deslumbrante, apaixonou-se por um gaujo. Pois a grande maioria dos seus primos, tanto de primeiro como de segundo grau, nutria um amor intenso por ela e daí se ressentiu profundamente com a “intrusão” daquele estrangeiro. E, para complicar a questão, o restante dos membros da família também não aceitava a idéia de perdê-la para um gaujo.

Foi nesse momento que a puridai (matriarca da família) achou que era necessário fazer alguma coisa para o bem de todos. Ainda mais porque a moça já tinha sido aconselhada por vários anciãos da tribo, mas mesmo assim estava determinada a partir com o gaujo. Por isso a puridai decidiu que deveria ser feito algo para que o rapaz perdesse o seu interesse por ela, o que provavelmente a deixaria magoada por algum tempo, mas, de qualquer modo, ela acabaria por superar o sofrimento, e, com isso, tudo voltaria ao normal. A partir daí, alguém ficou encarregado de conseguir uma mecha de cabelo do rapaz, enquanto uma outra pessoa teria que cortar um retalho de pano do casaco da moça.

O cabelo do gaujo foi enrolado dentro do retalho, e todo o conjunto foi atado por uma fita de seda vermelha. O feitiço foi deixado assim, por doze horas; em seguida a fita de seda foi desatada e queimada. Daí a puridai pegou o rolinho de pano que continha o cabelo do rapaz e dirigiu-se vagarosamente para o alto de um morro. Lá, ela o desenrolou paulatinamente, até que, com todo o pedaço de pano aberto, voltou-se para as quatro direções. À medida que a puridai se posicionava em cada uma das direções, permitia que o vento carregasse alguns fios do cabelo. Por fim, já não havendo mais qualquer daqueles fios, ela sacudiu o retalho e o enterrou.

Ao saber que o gaujo partira subitamente, sem ao menos se despedir, a moça ficou inconsolável por vários dias. O que aconteceu foi que a família do rapaz lhe informara que ele havia recebido uma proposta maravilhosa de emprego numa outra cidade, e, com toda a excitação, sua partida acabou se dando da maneira mais rápida possível. Com isso a tribo cigana também partiu, e a moça seguiu com a sua gente. Dois anos mais tarde, ela se casou com um primo de segundo grau e, juntos, construíram uma família cigana feliz.

Tenho um amigo — mestiço como eu (metade rom) — que viveu por quase dois anos com uma família cigana. Ao longo desse tempo, ele viajou pelas estradas e acampamentos, e passou por todos os lugares que podia. Isso ocorreu por volta dos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, quando a maneira tradicional de os ciganos viajar em caravanas começava o seu declínio. Por isso os locais de acampamento, ou *atchin'tans*, já não eram encontrados com tanta facilidade. Os fazendeiros já não estavam permitindo que os ciganos acampassem em suas terras, sem falar nas cidades que já não consentiam que eles permanecessem em seus territórios. Apesar desses entreveros, meu amigo me garantiu que o sofrimento dos rom não era tanto quanto se imaginava ao ver a situação de fora. Segundo ele, os ciganos tinham o dom de tornar confortável qualquer *atchin'tan*. Assim, não importava se eles tinham que parar na beira de uma estrada para acampar debaixo de uma árvore, se iam pernoitar na fronteira de alguma cidade que não lhes daria as boas-vindas; ou mesmo se ficariam em

algum tipo de lugar pantanoso e longe da atenção de todos. Portanto, independente do fator espaço para acampar, os ciganos acabavam fazendo com que os arredores adquirissem uma ambiência especial, de tal forma que o meu amigo se sentia como se estivesse no melhor lugar do mundo.

Mas nem por isso deixei de conversar bastante com ele para entender melhor aquilo que me era dito. Até que, por fim, o meu amigo fez um comentário a respeito de um velho rom chamado Cliff, que lhe dissera: “Oh, sim, tudo isso acontece porque a velha Matty toma conta da gente!”

Matty era a shuvani da tribo. Era uma mulher de muita idade — pelo que me foi dito, já beirava os noventa anos —, mas gozava de uma saúde fora do comum. Embora pequena e de aparência frágil, ela ainda sustentava a força no falar, e, com isso, todos, sem exceção, paravam para ouvi-la. Fumava um velho cachimbo, como era costume entre inúmeras mulheres ciganas, e, quando alguém lhe fazia alguma indagação, ela soltava longas baforadas e ficava em estado pensativo antes de responder. No instante em que os vagões se desviavam da estrada para o pernoite em algum local escolhido, a velha Matty pegava uma vassoura, feita com ramos secos de ervas, e ia caminhando em torno do acampamento para varrer todo o solo que circundava os vardos. Cliff confabulou ao meu amigo que ela, ao fazer isso, estava de fato “varrendo a *waffedi* para fora do acampamento”. Ou seja, ela varria toda a sujeira e as coisas ruins da atmosfera ambiente. Eis por que então, a despeito de onde estivessem, a velha Matty tinha o poder de transformar o lugar em um recanto aconchegante e maravilhoso.

Certa vez, um cigano me disse que somos nós mesmos que fazemos a nossa própria sorte. Em outras palavras, eu diria que nós não podemos ficar esperando pela “sorte”, já que devemos trabalhar para nos tornarmos “sortudos”. E, na vida dos ciganos, conseguimos observar diversas maneiras de se fazer a própria sorte. Quando, por exemplo, um deles ganha um colete ou uma camisa nova, ele veste imediatamente a roupa, mesmo que isso não faça parte dos seus planos.

Portanto, esse cigano nunca deixará de vesti-la, nem que seja por uma só vez. Pois, com esse gesto, a sua pretensão é fazer com que a sorte nunca se afaste dele. De modo idêntico, caso uma mulher ganhe um lenço novo (ou diklo), ela o põe de imediato em volta do seu pescoço. Só depois disso, é que ela fica à vontade para largá-lo de lado; o mesmo é feito com qualquer outra roupa ou com um simples acessório.

Em se tratando de sorte, os ciganos acreditam que não é nada produtivo varrer a sujeira da casa depois do momento em que o sol se pôs. Eles têm uma enorme reverência por qualquer espécie de espírito, e sabem que ele geralmente aparece quando o dia escurece. Por isso não é bom, varrer a sujeira para fora de

casa, justamente nessa hora, uma vez que ela poderia atingir algum espírito que estivesse passando por ali!

Não são poucos os ciganos que jamais empreendem uma jornada em uma sexta-feira, e que nunca concluem um negócio nesse mesmo dia, pois é o dia consagrado à Parashakti (que, na Índia, é a mãe de todos os deuses). Aliás, nesse dia, eles não fazem qualquer uso de agulhas ou tesouras. Leland nos explica que “as tosas são emblemas da morte e por isso são naturalmente avessas à Vênus, que é a fonte da vida” (para essa deusa a sexta-feira é sagrada). Leland ainda faz uma menção ao hábito dos ciganos romenos de nunca lavar coisa alguma nos sábados (*Magia Cigana*, 1891).

Vários ciganos ingleses asseguram que é verdadeira a crença de que não se deve dar uma tesoura de presente a um amigo, pois “cortaria” a amizade entre ambos. Portanto, para que se dê uma tesoura a um amigo, é necessário que ele também pague alguns centavos por ela. E se alguém deixar cair acidentalmente uma tesoura e ela cravar-se no solo, aí estará o indício de que é hora de abandonar a casa. Isso também indica que não será realizado nenhum desejo que tenha sido enunciado pouco antes de a tesoura cair.

Certamente a sorte poderá ser reforçada de diversas maneiras. Os funileiros andarilhos irlandeses (que não são realmente ciganos, e de quem os rom em geral não gostam e desconfiam) tentam “forçar” a sorte, repetindo várias vezes aquilo que desejam. Assim, quando querem comprar um ótimo cavalo na feira eqüestre, eles vão repetindo pelo caminho: “Eu vou comprar a melhor égua negra da feira.” Se, por outro lado, o seu desejo é vender os cestos que fabricaram, eles falam muitas vezes: “Eu vou vender todos os meus cestos. Eu vou vender todos os meus cestos. Eu vou vender todos os meus cestos.” E isso deve ser sempre feito com afirmações positivas, evitando expressões do tipo “espero que...” ou “desejo que...”, e dando preferência ao “eu vou...”. Eles costumam repetir a mesma frase por três vezes, ou então nove vezes. Mas nunca encontrei qualquer cigano inglês que fizesse isso.

OS NÓS MÁGICOS

A corda (*shello*) sempre foi muito importante para os ciganos e vem sendo usada por eles desde os primórdios. Haja vista os ciganos das estepes da Ásia que eram muito habilidosos na confecção de cordas de cipó, uma arte que hoje em dia está quase em extinção entre os rom. A confecção dessas cordas constituía-se em um evento anual da tribo. Enquanto as demais pessoas (não-ciganos) faziam suas colheitas de feno, os rom preferiam colher o capim dos campos para fabricar as suas cordas. O capim era recolhido pelos homens, e depois as mulheres o

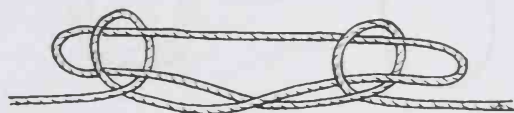
trabalhavam, enrolando-o até que se formassem tiras compridas que seriam trançadas para se transformarem em cordas resistentes (a partir do momento em que as cordas eram trançadas, homens e mulheres trabalhavam juntos). Se fosse necessário, trançavam duas ou três cordas para produzir uma outra extremamente forte. Essa operação se alongava por três dias, e eles ainda fabricavam um excedente para ser trocado ou vendido.

Um dos primeiros protótipos de corda, muito apreciado e mantido entre os rom, era fabricado com os pêlos do cavalo. Ela era tida como mágica e poderosa. Todos os pôneis tinham arreios e cabrestos feitos com esse tipo de corda. Os pêlos do rabo do cavalo eram desembaraçados, trançados e depois tecidos por meio de numerosas técnicas que os tornavam verdadeiras obras de arte. Às vezes, mesclavam alguns pêlos de cores diferentes para que os padrões ficassem mais interessantes. Chegava-se inclusive a tingir os pêlos, embora isso fosse considerado um trabalho de “má qualidade”. Pois o consenso geral era o de que uma corda de cor vermelha teria que originar-se de um cavalo vermelho, e por aí adiante. Por vezes, desses pêlos eram feitos braceletes, prendas de amor, faixas para chapéus, e muitas outras coisas.

Enfim, a conexão íntima entre os ciganos e as cordas acabou por fazer com que os nós viessem a ser um dos seus interesses mais especiais, e a partir daí deu-se início à tradição dos nós mágicos, da qual já fiz um pequeno esboço no Capítulo 5.

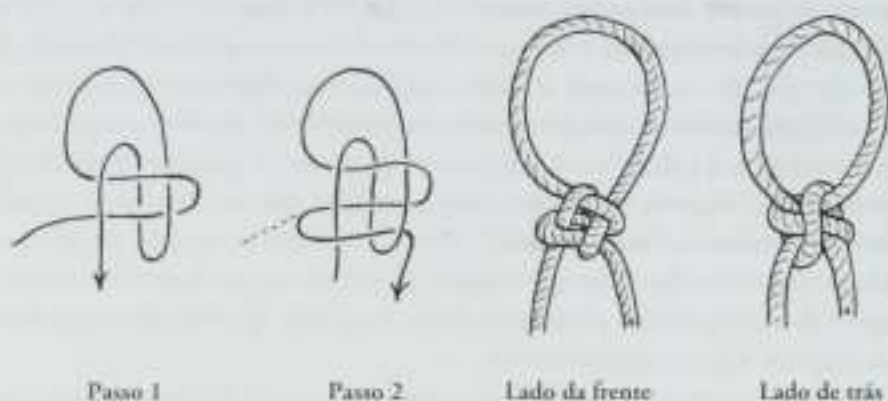
Nó Catau

Este nó é o mais comum, não pertence exclusivamente à esfera dos ciganos, e entre eles é conhecido como o “Nó do Casamento”. Talvez tenha sido dado esse nome, em razão das duas laçadas que são feitas simultaneamente — aqui vemos uma semelhança com a relação que existe entre o yin/yang — e também porque os dois juntos se tornam fortíssimos. Ele é geralmente utilizado na magia amorosa, sendo costume deixá-lo para o amado como uma mensagem de amor.



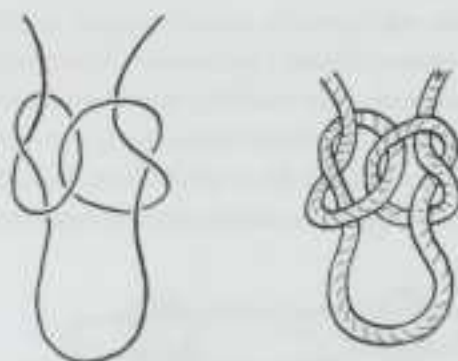
O objetivo principal do nó catau é encurtar a corda, sem que seja preciso cortá-la. Ele pode ser usado para fazer a liga das cargas com o vagão, e ainda para reforçar uma outra corda mais fraca. Uma de suas vantagens é que pode ser interposto no meio de uma corda, sem precisar aproximar-se de suas extremidades. E o seu segredo está em conseguir sustentar a corda tensionada o tempo todo.

Este nó é a versão romani da suástica, um símbolo que foi reverenciado por toda a Índia, além de ser consagrado ao sol, ao fogo e às quatro direções. Ele é usado em cordões e cordas, e é excelente para amarrar o diklo (lenço) quando se veste uma camiseta ou blusa decotada. Afora esses atributos, também pode ser usado para amarrar as faixas e as capas.

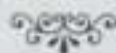


Nó dos Verdadeiros Amantes

Este nó é frequentemente usado para dependurar o talismã em torno do pescoço.



Devo ressaltar que, quando se dá qualquer um desses nós, repetem-se habitualmente as seguintes palavras: *Diavel varter opré mandi* ("Deus toma conta de mim").



PROTEÇÃO E EXORCISMO:

Protegendo-se do Mal



A despeito de serem considerados pelos gaujos como um povo “imundo”, os ciganos são asseados e bastante preocupados com a necessidade de limpeza. Conforme já mencionado, a escassez de água é a única razão para que algumas vezes eles não tomem banho. Assim, quando fica difícil para se conseguir água, aquela que está disponível acaba sendo usada prioritariamente para beber e cozinhar. No entanto, quando a tribo acampa às margens de algum rio, uma das primeiras coisas que todos fazem é banhar-se nas suas águas. A prova da importância dada ao asseio pelos ciganos está no seu esforço para manter a espiritualidade limpa. Eles acreditam piamente em coisas tais como mau-olhado, maldição, magia negra e muito mais. E, em função dessas crenças, detêm vários modos de limpeza espiritual e exorcismo.

Entretanto, os ciganos não têm o hábito de lançar feitiços e maldições sobre os outros, apenas para se divertir, como os filmes e os romances de terror tentam nos fazer acreditar. Mas certamente nunca hesitarão em mandar de volta a negatividade que por exemplo um gaujo lhes tenha enviado. Com essa atitude, eles diferem dos seguidores da Wicca, uma vez que não costumam ficar sentados para esperar que os deuses se incumbam de devolver a retribuição, já que eles gostam de assumir o controle dos problemas e agem com muita presteza. Ao perceberem que algum mal lhes foi direcionado, sem que consigam identificar quem assim o fez, não são poucas as maneiras que eles têm para se livrar disso. É exatamente a shuvani, a bruxa cigana, que é especialista nesses assuntos.

Os rom levam em consideração o “mau-olhado”. Para eles, é perfeitamente possível que uma pessoa possa fazer o mal à outra apenas com o olhar, apesar de esse tipo de mal nem sempre ser deliberado, já que muita gente carrega o mau-olhado sem se dar conta disso.

Há uma tradição dos ciganos romenos que consiste em prestar contas ao diabo na cerimônia do casamento, com a intenção de que ele não jogue o seu mau-olhado naquela união. No instante em que está se preparando para a cerimônia, a noiva põe uma moeda debaixo do seu braço esquerdo e, por todo esse tempo, permanece com o seu braço colado ao corpo para que a moeda não caia. No momento de encerramento da cerimônia, a noiva e o noivo se retiram do recinto, e só então ela afrouxa o braço para que a moeda possa cair no chão. Segundo esses ciganos, aquele que achar a moeda terá sete anos de felicidade, riqueza e saúde.

A maior parte das crianças ciganas faz uso dos amuletos para se proteger do mau-olhado (ver Capítulo 11). E, nesse quadro, a concha lumache é um dos símbolos protetores mais populares entre os rom. Aliás, essa concha é universal-

mente vista como um símbolo da genitália feminina. Leland nos ensina que qualquer coisa associada com reprodução, geração, amor e prazer, pode ser usada para espantar o mal simplesmente porque “se contrapõe à insensibilidade, à destruição, à negação, e a toda espécie de sofrimento e esterilidade” (*Magia Cigana*, 1891).

Um remédio bastante eficaz contra o mau-olhado, encontrado entre quase todos os ciganos, é ir até um riacho com um caldeirão para enchê-lo de água, mas tendo o cuidado de pô-lo a favor da corrente das águas e nunca contra ela. Em seguida, colocam-se sete mãos cheias de carvão e sete dentes de alho dentro do caldeirão, que é posto no fogo para que a água ferva. Depois ele é mexido com um garfo de três dentes, dizendo-se as seguintes palavras:



Uma mulher cigana mascateando os seus utensílios: amuletos, talismãs, alfinetes etc.

Se o mau-olhado cair sobre ti,
 Que ele se extinga ali!
 E depois, que sete corvos
 Arranquem estes olhos ruins.
 Se o mau-olhado cair sobre ti,
 Que ele se extinga ali!
 E que muita poeira embace este olhar,
 Até que nada mais ele possa enxergar.
 Se o mau-olhado cair sobre ti,
 Que ele se extinga ali!
 E que estes olhos ardam e ardam
 No fogo do bem!

Para saber se um bebê está ou não sob a influência de um “mau-olhado”, ou seja, para ficar sabendo se alguém jogou-lhe esse tipo de olhar, a mãe dever ir com ele até um riacho para fazer uma consulta às águas, e ali colocar o rosto da criança o mais próximo possível da correnteza, repetindo as seguintes palavras:

Água, água, vem depressa!
 Olhe para cima e para baixo.
 Que mais água corra e lave os olhos
 De quem sobre ti lançou o mau-olhado.
 E que este mal pereça.

Se o ruído da correnteza ficar mais forte, é sinal de que a criança foi enfeitada. Mas, se o seu barulho continuar tal como se mostrava antes, é indício de que tudo está bem e a criança está salva.

Há uma outra forma, para se livrar do mau-olhado, que vi uma vez sendo realizada por uma shuvani em Cornwall. Aquela que tinha sido afetada pelo “mau-olhado” — no caso, uma rakli com a idade de catorze anos — foi aconselhada a tirar a roupa para deitar sobre o chão com a cabeça voltada ao leste. A shuvani era uma mulher velha que carregava nas mãos uma garrafa cheia da água colhida em um riacho dos arredores. Ela pôs primeiro um pouco de sal dentro da garrafa. E, depois disso feito, permaneceu por longo tempo segurando a cabeça da menina, parecendo estar profundamente imersa nos seus próprios pensamentos. Passado todo esse tempo de reflexão, a shuvani começou a perambular em torno da menina, seguindo a direção dos ponteiros do relógio. À medida que caminhava, ela dizia o encantamento que vem a seguir e, ao final de cada verso, enchia a sua boca com a água salgada da garrafa e deixava que esta escorresse pelo corpo da menina:

Os olhos ruins te viram.
 Mas, como esta água, eles perecerão!
 Doença, vai embora!
 Vai embora... da tua cabeça,
 Do teu seio,
 Do teu ventre,
 Dos teus pés,
 Das tuas mãos.
 E que tudo retorne
 Para o olho mau!

O sal simboliza universalmente a vida nova e a pureza, e tanto isso é verdade que ele é usado na água do batismo e em muitas outras cerimônias semelhantes. De acordo com Ernest Jones, em “The Symbolical Significance of Salt”, do livro *Salt and the Alchemical Soul* (East Lansing, MI: Spring Publications, 1995), o sal é o símbolo do sêmen. Mas os ciganos o empregam como um purificador. Quando, por exemplo, uma moeda (ou qualquer outra coisa) lhes é dada por um gaujo que tem a fama de portador do mau-olhado, ou mesmo quando se trata apenas de alguma pessoa “duvidosa”, a moeda é posta dentro de um recipiente contendo sal e aí permanece por vinte e quatro horas, para que seja destituída de toda energia negativa. Portanto, o mesmo poderá ser feito por você, toda vez que houver alguma dúvida quanto à pureza psíquica de um objeto.

Quando alguém acha que a comida de algum cigano está muito salgada, enquanto o resto do pessoal não está vendo nada de anormal nela, surge logo a dúvida de que pode haver alguma coisa de ruim com esse indivíduo, e daí ele passa a ser considerado por todos como uma pessoa suspeita.

A utilização da ferradura, para trazer boa sorte e manter o mal afastado, baseou-se em uma antiga e tradicional lenda cigana. Diz a lenda que um dia surgiram quatro demônios que se chamavam Infelicidade, Azar, Doença e Morte. Pois bem, certa noite um cigano estava cavalgando no seu cavalo predileto, retornando para casa em meio à escuridão, quando, no instante em que atravessava uma ponte, os quatro demônios saíram do mato e iniciaram uma perseguição a ele. O cigano logo tratou de manter a dianteira, enquanto os quatro prosseguiram a caça, saltando as cercas e correndo velozmente pelas estradas. A perseguição era tanta que o Azar logo o alcançou. E a partir daí os dois cavaleiros, o Azar e o cigano, colocaram-se à frente dos outros três demônios até que, no momento exato em que ultrapassavam uma determinada estrada, a ferradura do cavalo do cigano se soltou. Acontece que a ferradura voou pelos ares e acabou atingindo a frente do Azar, ferindo-o mortalmente. O cigano suspirou aliviado, parou para recolher a ferradura, e depois continuou a sua jornada de volta ao acampamento, enquanto os outros três demônios agarravam o cadáver do irmão para o enterrarem.

Ao chegar no acampamento, o cigano pregou a ferradura na porta do seu vardo e contou para toda a tribo a sua façanha de ter matado o Azar. No dia seguinte, os três demônios restantes chegaram ao local, à procura do cigano; porém, quando viram dependurada na porta do vagão aquela ferradura que havia matado o Azar, fugiram assustados com os rabos entre as pernas.

Toda vez que um cigano encontra no chão uma ferradura com a sua parte aberta voltada para ele, e com as suas chapinhas (ou “biqueiras”) viradas para cima, ele a pega e a lança de imediato para trás por cima do seu ombro esquer-

108 do. Depois cospe e continua o seu caminho. Contudo, se a parte aberta da ferradura não estiver voltada para ele, tendo as suas chapinhas viradas para baixo, ele a dependura no galho de uma árvore das cercanias ou então a cerca com qualquer coisa para que a má sorte se afaste. E depois cospe e segue em frente. Entretanto, quando a ferradura está com a sua parte fechada voltada para ele (pouco importando se as chapinhas estão viradas para cima ou para baixo), é um sinal de boa sorte e, caso seja o seu desejo, ele pode levá-la para casa e dependurá-la na sua porta. Mas, independente de a ter levado ou não para casa, a sorte lhe vai sorrir naquele dia. Aliás, para que as ferraduras possam atrair a boa sorte, elas devem ser dependuradas com a sua parte aberta para o alto e a fechada para baixo.

Charles Bowness, no seu livro *Romany Magic* (York Beach, ME: Weiser, 1973), nos diz que conheceu uma mulher que, quando queria que uma doença se afastasse de uma criança, pronunciava as seguintes palavras:

Fogo, fogo, queime, queime!
E desta criança leve embora
As doenças e os demônios.
Leve embora com a sua fumaça.

Dê boa sorte a esta criança;
E a torne a mais sortuda do mundo.
Varetas, ramos e mais galhos
Eu lhe dou.
Fogo, fogo, queime, queime!

Conforme o próprio Bowness ressalta, esse encantamento deve ser dito diante da pequena fogueira que toda shuvani alimenta com galhinhos e ramos. Vi um outro tipo de coisa parecida com essa sendo feita para libertar uma mulher velha de um feitiço que lhe lançaram. E, nesse caso, a shuvani fez com que a anciã caminhasse em torno da fogueira (com ajuda da sua neta, pois ela estava muito debilitada) no sentido anti-horário, enquanto o encantamento era pronunciado. Mas as palavras foram ligeiramente diferentes:

Queime fogo! Queime fogo!
E deixe que a fumaça e a chama
Levem embora todo o mal!
Eu ponho madeira e ponho galhos
Para fazer a chama

Que vai levar os demônios embora.

Queime fogo! Queime fogo!

109

A velha repetiu esse encantamento por três vezes, e, à medida que ela entoava as palavras, a shuvani jogava alguma coisa dentro do fogo, provocando uma chama bastante azulada. Apesar de ninguém me dizer o que era, acredito que aquela substância era sal.



10

A VISÃO: Artes Divinatórias



A maioria dos gaujos gosta de retratar o cigano “típico” no ato de consultar uma bola de cristal! É certamente não são poucos aqueles que entre eles conseguem fazer *skry*, isto é, leitura na bola de cristal, embora também dominem muitos outros modos de desvendar o futuro. Cheguei inclusive a tratar de alguns deles no meu livro *Secrets of Gypsy Fortunetelling* (St. Paul: Llewellyn, 1988).

Existem muito mais ciganas fazendo a *dukker* (ler a sorte) do que ciganos, mas isso não significa que um rom masculino não leia a sorte, principalmente nos dias de hoje.

Leland achava que a maior parte do material (para não dizer todo) produzido pelas *dukkerer* resultou de uma enorme capacidade de invenção e da observação astuta. Mas, é claro, ajudadas também por um pouquinho de sorte. No seu livro *Magia Cigana* (1891), ele nos diz:

A cigana que lê a sorte já se acostumou desde pequena a olhar verdadeiramente para dentro dos olhos de quem ela *dukkers*, ou “lê a sorte”. E ela sabe tão bem como fazer para que os ignorantes e crédulos reverenciem a sua misteriosa visão, que acaba penetrando em todas as almas com “imenso poder e força significativa”. À medida que a cigana vai lendo a palma da mão de alguma moça, olhando cada vez mais profundamente dentro dos seus olhos e mantendo o pleno domínio de si mesma, enquanto vai levando a conversa de maneira um tanto volúvel, ela já ficou sabendo que o seu sucesso está garantido, uma vez que teve a chance de passar pela ponte que dá acesso à vida interior da consulente. E, com o tempo, isso se incorpora cada vez mais nela. É como se o Espírito do Sonho, ou o Alter Ego, fosse despertado. Pois ele é chamado a sair lá da Memória dos estranhos fatos e das associações, e com a sua manifestação emerge a quase sempre inconsciente rapidez da Percepção, e a cigana apreende e percebe coisas realmente “maravilhosas”. Nesses casos, não se trata de clarividência, iluminação ou feitiçaria.

Na opinião de Leland, provavelmente noventa por cento ou mais do que era apresentado pelas *dukkerer* de uma cigana tinham sido obtidos por sua observação cuidadosa e ainda por sua experiência e artifício.

Quanto ao fato de que a experiência e a observação tenham um papel fundamental nas artes divinatórias, não paira qualquer dúvida em minha mente; mas, que esses aspectos sejam a essência dessa atividade, tenho sérias dúvidas. Pois creio que existem várias outras coisas que não podem ser facilmente explicadas e que estão por trás das leituras do tarô, dos mapas astrológicos, da leitu-

ra das mãos, e da grande diversidade dos métodos divinatórios. Afinal, são muitos os fatos que são revelados, pessoas e lugares que são identificados, e nomes que vêm à baila, de maneira precisa e sem qualquer traço de hesitação.

Até hoje *ninguém* conseguiu dizer e muito menos provar de onde todas essas informações se originam. A arte oracular é, por definição, a leitura do passado, do presente e do futuro, a partir de sinais e presságios, valendo-se por vezes de instrumentos (tais como cartas, bolas de cristal ou runas de pedra) para focalizar melhor os pontos que interessam, e em outras circunstâncias sem fazer uso de coisa alguma.

É bem verdade que muitas vezes essa arte *pode ser* uma farsa, embora também *possa ser* muitas outras coisas. Por isso entendo que o argumento de Leland se adapta como uma luva àquele tipo de pessoa que não tem o “dom” (ou melhor, aquelas que não têm a paciência necessária para desenvolver as suas habilidades naturais), mas isso *nunca foi* aquilo que se conhece como arte divinatória. E é exatamente nesse ponto que pessoas como James Randi, Milbourne Christopher e outros cometem alguns erros, pois, segundo eles, pelo simples fato de haver um simulacro indistintamente artificial por parte de alguns, *todos* os outros deverão ser farsantes. E aqui Elwood B. Trigg, no seu livro *Gypsy Demons and Divinities* (1973), nos diz o seguinte:

Entre os ciganos existem realmente aquelas shivanis que são consideradas como autênticas possuidoras de habilidades proféticas incomuns... Tal como foi Urania Boswell. Nascida em 1852 e falecida em 1933, ela passou a maior parte de sua vida praticando os seus maravilhosos poderes divinatórios para os gaujos, além de fazer o mesmo para o seu próprio povo. E ela parecia ter uma sensibilidade especial para prever as mortes e os acidentes. Urania não só previu corretamente a data de falecimento da sua irmã e do seu filho, como também a sua própria morte, nove anos antes de ela acontecer. Os pontos mais altos da sua carreira profética foram alcançados quando ela previu, com exatidão e com uma antecedência de quatro anos, o ano em que a rainha Vitória morreria, e o desenvolvimento da aviação, dos submarinos e do rádio.

E os rom reforçam a imagem que essas palavras despertam, uma vez que vem aumentando progressivamente a quantidade de clientes em função da sua capacidade de fornecer informações corretas. Assim, toda vez que uma romani vai à cidade para ler a sorte e não o faz bem, ou seja, quando não consegue desvelar um material verdadeiro na primeira leitura, a notícia logo chega aos ouvidos do restante das pessoas que ali residem, e com isso ela pára de ganhar dinheiro. Entretanto, as mulheres romani têm sido consideradas por muitas gerações

114 como excelentes na arte de ler a sorte; além disso, são sempre procuradas avidamente, por sua capacidade de previsão.

Muitas críticas têm chamado a atenção para o fato de que a dukker das ciganas só é realizada para os gaujos e nunca, ou raramente, é aplicada entre os rom. A partir desse raciocínio, os mesmos críticos concluíram que pode não ser verdadeiro aquilo que é “visto” pela dukkerer. E vão mais além quando afirmam que os rom não praticam a leitura da sorte entre eles, porque são os primeiros a saber que tudo não passa de farsa! Mas, a meu ver, afirmo que não é essa a realidade. Em primeiro lugar, devo dizer que o cigano lê a sorte para um outro do seu povo em determinadas ocasiões. No entanto, raramente fazem isso, simplesmente porque, em geral, não cultivam a curiosidade pelo futuro. Pois a sua filosofia se resume em pregar uma vida que seja intensamente vivida no presente. E a veracidade dessa afirmação está no fato de que em diversas tribos não se encontra uma palavra em romani para o “amanhã” (embora isso não se aplique a todas as tribos, já que muitas usam o termo *kolliko* ou *kolliko divvus*, para significar o “amanhã”). Portanto, uma das razões para que a dukkerer seja escassamente utilizada entre os membros das tribos ciganas deve-se apenas ao pouco interesse deles em face dessa demanda.

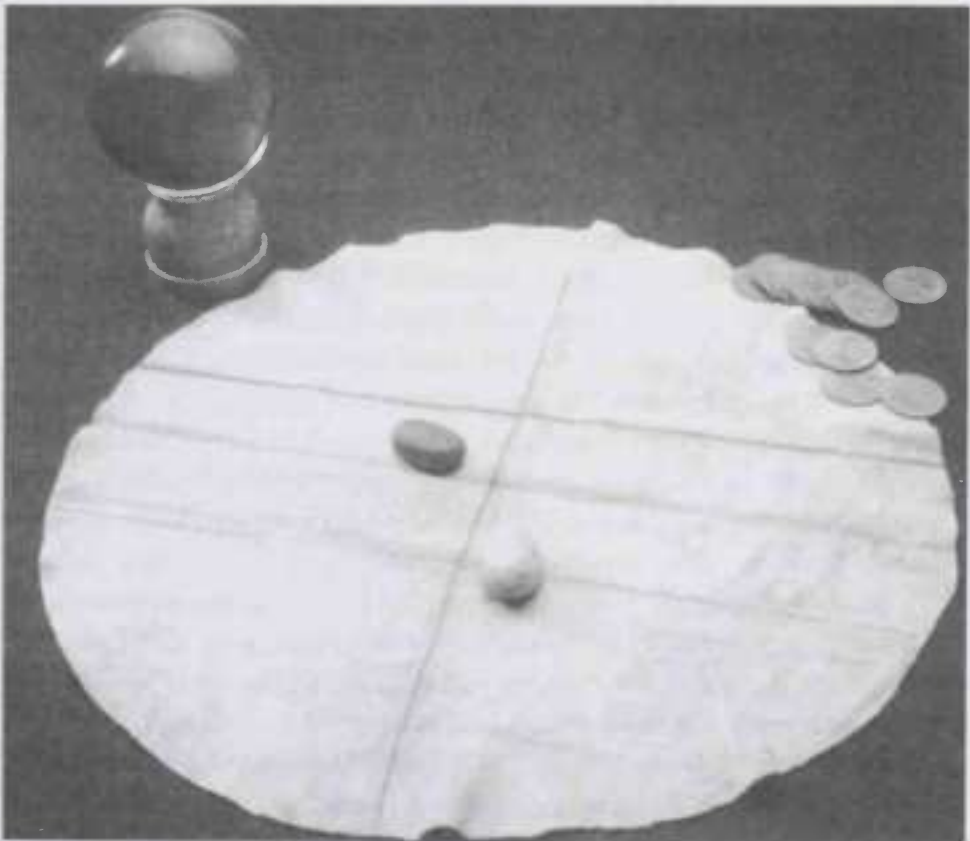
Os ciganos eslavos gostam de fazer uso dos feijões como forma de oráculo. Esse procedimento oracular consiste em pedir ao cliente uma moeda, para juntá-la a uma certa quantidade de feijões colocada previamente nas mãos de quem faz a leitura. O consulente expõe o seu problema, e a cigana, enquanto se concentra nele, vai sacudindo os feijões e a moeda dentro de suas mãos.

Após esse momento de concentração, ela abre as mãos de tal modo que tudo se precipite em cima da mesa ou sobre o chão. Nesse jogo, a moeda representa o cliente, e a interpretação é feita através das posições dos feijões em relação a ela. Ao todo são usados nove feijões. Quando a leitura é realizada no chão e eles caem à frente da cigana, os aspectos a serem questionados têm a ver com o presente; a área mais distante dela representará o futuro. Dois, três ou mais feijões dispostos um ao lado do outro indicam a existência de forças poderosas. Quando os feijões se dispõem em linha reta, quer dizer que o cliente poderá ser surpreendido por uma viagem; mas, se eles caírem formando uma linha curva, significa problemas ou atraso na resolução deles. Três feijões, dispostos de forma triangular, indicam uma mulher; quatro feijões, formando um quadrado, indicam um homem.

Outro método, bastante parecido com esse, é o oráculo feito com pedras, que expus no meu livro *Secrets of Gypsy Fortunetelling* (1988). Para usá-lo, você tem que traçar na terra um círculo de tamanho grande (ou então inscrevê-lo numa folha larga de papel e depois recortá-lo) e riscar uma linha no seu centro para dividi-lo. Depois trace uma outra linha alguns centímetros acima do cen-

tro e mais outra abaixo dele, de tal forma que o círculo fique dividido em três partes. Posicionando-se perante as linhas horizontais, o segmento mais próximo a você representa o presente, o do meio será o futuro imediato, ao passo que o último simboliza o futuro distante. Desse modo, você terá uma idéia mais clara com relação ao tempo. No primeiro segmento, o presente abarca um período que pode acontecer a partir de “hoje” até seis meses ou um ano. No segmento central, o futuro imediato cobre um tempo que se estende pelos próximos dois ou cinco anos. E, por fim, o segmento do futuro distante prolonga-se além dos próximos cinco anos.

A linha principal, ou seja, aquela que se dispõe verticalmente à sua frente, representa a pessoa para quem se vai fazer a leitura, ou então você, quando estiver consultando o oráculo para si mesmo. Assim, quanto mais perto dessa linha cair qualquer uma das pedras, mais diretamente o consulente será afetado. E, no caso de uma pedra dispor-se um pouco ou bem distante dos limites do círculo, ou seja, longe da linha central, isso quer dizer que os efeitos dos acontecimentos serão discretos.



Doug Deutscher

Lançando as pedras, ou *bars*, na consulta do oráculo.



Três ou mais pedras em linha reta:
uma VIAGEM



Três ou mais pedras em linha curva:
um CONTRATEMPO, ou DEMORA



Um triângulo "apertado": DINHEIRO



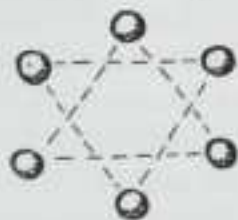
Um triângulo "espalhado": uma MULHER



Um retângulo: um HOMEM



Uma estrela de cinco pontas: BOA SORTE



Uma estrela de seis pontas: SUCESSO
NOS NEGÓCIOS



Um losango: PROBLEMA COM A LEI

Para essa forma de oráculo, como também para o método que faz uso de pedras semipreciosas coloridas, o que já foi detalhado no meu livro *Secrets of Gypsy Fortunetelling* (1988), você fica livre para trabalhar, por exemplo, com nove seixos, da mesma forma que os ciganos eslavos preferem os feijões. Mas é preciso ressaltar que os seixos deverão ser pequenos e recolhidos especialmente para o oráculo. E não se esqueça de pedir uma moeda para quem estiver fazendo a consulta. Entretanto, caso você esteja consultando o oráculo para si mesmo, não se preocupe com a moeda; deixe que a linha vertical o represente. E, quando lançar as pedras, lembre-se de verificar os modelos que estão representados nas ilustrações da página ao lado.

LEITURA DO TARÔ

É enorme o renome dos ciganos em função da sua capacidade de ler as cartas. Inclusive já é tida como praticamente correta a informação de que as cartas do tarô, que foram introduzidas na Europa por volta dos séculos onze e doze, os acompanham desde a sua retirada da Índia. Os modernos baralhos que são manipulados em jogos como o pôquer, a canastra e muitos outros, descendem dos Arcanos Menores do tarô. Para isso, os naipes originais sofreram pequenas modificações, e assim as taças transformaram-se em copas, os pentáculos viraram ouros, os punhais mudaram para espadas, e os bastões para paus.

Existem atualmente no mercado centenas de tarôs diferentes; alguém chegou a me dizer que deve haver um número superior a dois mil! Quase todos eles são variações do tarô básico de Rider-Waite, embora alguns sejam tão diferentes que nos dão a impressão de que foram feitos apenas para ser diferentes! O trabalho artístico varia de um para o outro e vai da beleza sofisticada aos desenhos mais infantis. Portanto, se você pretende adquirir um tarô, a escolha deve ser exclusivamente sua. Mas aconselho-o a experimentar uma certa variedade deles até achar aquele que mais se adapta a você. Apesar de haver tanta distinção entre os tarôs, a estrutura original é mantida por todos eles, uma vez que são compostos de duas partes: os Arcanos Maiores e os Arcanos Menores.

As vinte e duas cartas dos Arcanos Maiores apresentam várias figuras alegóricas, como a Morte, o Hierofante, a Sacerdotisa, o Eremita etc. E as cinqüenta e seis cartas dos Arcanos Menores estão divididas em quatro naipes: taças (algumas vezes chamadas de copas ou cálices), pentáculos (ou então moedas, rodas ou círculos), bastões (cetros ou paus) e espadas. Cada grupo de naipes inicia com o Ás e vai até o Dez, depois vem a Dama, o Valete, a Rainha e o Rei. Ao representarem os Arcanos Menores, alguns tarôs limitam-se simplesmente a apresentar, por

118 exemplo, o dois de espadas, o três de espadas, o quatro de espadas e assim por diante, enquanto outros baralhos apresentam desenhos de cenas que incorporam as significações do dois, do três, do quatro e das demais cartas. Os melhores para os principiantes são os que exibem as “cenas inteiras”, uma vez que deixam ver uma quantidade maior de símbolos para a interpretação.

Embora, nos dias atuais, os ciganos tenham toda a facilidade para comprar um tarô, ou para usar regularmente o seu baralho, no passado não havia a mesma proliferação. Por isso via-se muitas vezes alguma cigana lendo a sorte a partir de uma mistura de velhas cartas de tarô com cartas de baralho comum. Chegava-se até a encontrar cartas desenhadas à mão para substituir outras que tinham sido perdidas ou danificadas. E o fato é que a dificuldade para a compra de um tarô era tanta, que ocasionalmente o baralho inteiro era confeccionado pela própria cigana.

Lembro de ter visto, nos meus tempos de infância, a minha avó romani — que raramente deixava de estar com o seu tarô nas mãos — usando um baralho no qual todas as cartas dos Arcanos Maiores tinham sido feitas por ela. No entanto, essas cartas não continham as representações tradicionais das efígies, mostravam apenas as situações extraídas da vida dos ciganos. Assim, os Reis, Rainhas e Valetes dos Arcanos Menores eram todos imagens de ciganos, e os Ases eram compostos com figuras de vários vardos. Jamais esqueci essas cartas até que, ali pelo final dos anos 80, finalmente as reproduzi no meu próprio tarô, que levou o título de *Buckland Gypsy Fortunetelling Deck* (St. Paul: Llewellyn, 1989).

Existem muitos livros disponíveis no mercado que tratam da leitura do tarô e do significado de suas cartas (veja a bibliografia), e você poderá inclusive encontrar no meu livro *Secrets of Gypsy Fortunetelling* (1988) um capítulo inteiro sobre o assunto. Nele, apresento uma grande variedade de formas de leitura utilizadas pelos ciganos. E as formas que virão a seguir são algumas das que encontrei entre os rom em diversas regiões da Grã-Bretanha e da França.

Trinta e Poucos

Depois de embaralhar e cortar as cartas, quem as está lendo pega a que está em cima, e também a que está embaixo da pilha, para colocá-las de lado. Algumas vezes, essas cartas são chamadas de “a surpresa”. A seguir, três cartas são postas com as suas imagens viradas para a mesa, numa disposição em linha reta, indo da direita para a esquerda. Depois mais três cartas são colocadas sobre as três primeiras, e assim sucessivamente até que se formem três pilhas, cada uma delas contendo dez cartas. A pilha que está diante da mão esquerda representa o Passado, a do meio é o Presente, e a da direita é o Futuro.



Michelle Dillaire

Uma cigana lendo a sorte para uma mulher *gadji*.

Daí desvira-se a pilha do Passado, dispondo as cartas da esquerda para a direita, para que sejam interpretadas. Seguindo a mesma lógica, põem-se as cartas do Presente um pouco mais abaixo das do Passado para serem lidas. Depois colocam-se, na mesma ordem, as cartas do Futuro para serem interpretadas. Por fim, são desviradas as duas cartas que constituem “a surpresa”. Elas representam a reviravolta súbita dos eventos que terão uma grande influência no futuro. Por isso digo agora, em outras palavras, que as dez cartas do Futuro expressam uma situação futura previsível, que é produzida pelas forças que se apresentam por ocasião da leitura. Contudo, as duas “cartas-surpresa” mostram uma tendência inesperada que está a caminho, e para a qual a consulente deverá estar preparada para receber.

O Método de Três

Quando os ciganos usam o baralho comum em vez do tarô, no mais das vezes utilizam trinta e duas das suas cartas. Esse método ainda é chamado de Continental (distinto do método Inglês, que faz uso de cinqüenta e duas cartas). As cartas que estampam o dois, o três, o quatro, o cinco e o seis de cada naipe são retiradas, ficando apenas os Ases, os setes, os oitos, os noves, os dez, os Valetes, as Rainhas e os Reis, perfazendo um total de trinta e duas cartas. (Uma das vantagens desse método é que você passa a ter menos significados para se lembrar.) Aliás, esse mesmo procedimento pode ser feito com as cartas dos Arcanos Menores; nesse caso, os Valetes também devem ser retirados. Em seguida, embaralham-se e cortam-se com a mão esquerda as trinta e duas cartas resultantes, dispondo-as em três pilhas. Depois pega-se a pilha do centro para colocá-la debaixo da pilha que está defronte à mão direita, e põe-se a pilha da esquerda sobre as outras duas.

Portanto, as três pilhas juntas formaram uma nova. Agora, desvire-as e vá retirando as cartas de três em três, tendo o cuidado de, a cada retirada, separar a carta de valor mais alto para compor uma pilha, juntando as duas restantes para formar um outro agrupamento ao lado. Ao final, você estará com duas pilhas sobre a mesa.

Pegue o grupo de cartas de menor valor e embaralhe-as. Abra então as cartas na sua mão e veja se há trincas entre elas (por exemplo, três setes, três oitos, três dez, três ouros, três copas etc.). Depois retire essas cartas e coloque-as ao lado do agrupamento de cartas de maior valor. E por fim disponha todas as cartas das duas pilhas sobre a mesa, e leia-as da esquerda para a direita.

Neste método também se utilizam trinta e duas cartas do baralho. Para representar o consulente, você tanto pode usar o Rei como a Rainha, o Valete ou a Dama. Em geral, a espada (ou punhal) representa a pessoa que tem cabelos negros; a de cabelo castanho-escuro será expressa pelo cetro (ou bastão); a de cabelo castanho-claro, pelo pentáculo (ouros); e a loura, pelo coração (copas). Obviamente, os Reis representam os homens; as Rainhas, as mulheres. Mas se o consulente for jovem, use o Valete para o homem e a Dama para a mulher. Inicie a leitura pondo o “Significador” no centro da mesa.

Após o cliente ter embaralhado as cartas, disponha as seis primeiras em torno do Significador (a carta que simboliza o mesmo cliente). E depois vá colocando as outras cartas, uma de cada vez, sobre cada uma das seis pilhas. Serão dadas, portanto, três rodadas de cartas, e, ao todo, restarão três pilhas cada uma delas contendo quatro cartas. A ordenação das pilhas será feita no sentido horário, e a leitura deve ser iniciada pela primeira (a que fica no alto, em cima do Significador). Desse modo, a pilha n.º 1 personifica a Individualidade (do cliente) e os seus acontecimentos pessoais; a n.º 2 configura a Casa do cliente (família e problemas relacionados com o lar); a n.º 3 representa os Amigos (especialmente os mais íntimos); a n.º 4 retrata o Trabalho; a n.º 5 exprime o Coração (romance e problemas amorosos); e a n.º 6 significa Aquilo que Está por Vir (o futuro imediato). Finalmente, desvire cada grupo de quatro cartas e interprete-as de acordo com a posição que ocupam.

Pirâmide Cigana

Este método aproveita as cinquenta e duas cartas do baralho comum ou todas do tarô. Embaralhe as cartas e corte-as com a mão esquerda (na cartomancia — leitura de cartas — os cortes são sempre feitos com a mão esquerda e nessa mesma direção). Agora pegue a maior das duas pilhas e disponha a primeira de suas cartas no alto da mesa com a sua imagem aberta. Depois ponha as duas cartas seguintes numa posição abaixo da primeira; mais abaixo coloque outras três cartas; em seguida mais quatro, e assim sucessivamente, até que sejam utilizadas todas as cartas da pilha. Caso a última fileira fique incompleta, finalize-a com as cartas da pilha menor.

Agora retire a última carta do lado direito de cada fileira. Isso quer dizer que você vai tirar a carta única que se encontra no topo da pirâmide e que, com a retirada da carta da segunda fileira, só restará uma. Faça isso continuamente até chegar à última fileira. Daí, pegue as cartas que foram retiradas, distribuindo-as por naipes (caso esteja utilizando o tarô, desconsidere as cartas dos Arcanos Maiores), e verifique qual deles contém mais cartas. Se for copas/cora-

122 ções, é um indício de muita sorte. Se for espadas/punhais, é sinal de que o azar está por perto. Caso seja ouros/pentáculos, quer dizer que os negócios terão pleno êxito. E se for cetros/paus, existe uma forte possibilidade de romance. Entretanto, se dois naipes contiverem um número igual de cartas (e em quantidade maior que os outros), retire então uma carta, de cada vez, da pilha que foi descartada (a pilha menor que foi deixada de lado ao ser feita a pirâmide), até conseguir reverter o punhado de um dos naipes.

Finalmente, tal como já procedeu antes, repita a retirada da última carta de cada fileira da pirâmide, só que agora do lado esquerdo, e junte essas cartas ao monte do naipe “vencedor”. E daí as interprete para o cliente.

Trin Putchipens (Três Perguntas)

Este método utiliza mais uma vez somente trinta e duas cartas. Ele talvez pareça a princípio um pouco complicado, mas é ótimo para a resposta de três perguntas. Enquanto estiver embaralhando as cartas, o consulente deve se concentrar em três desejos que ele quer ver respondidos. Quem está fazendo a leitura tira então três cartas do alto da pilha e as põe enfileiradas com as faces viradas para a mesa. Depois pega mais cinco cartas e as dispõe enfileiradas abaixo da primeira fileira, para pegar mais sete a seguir, dispondo-as em uma fileira abaixo da segunda.

Agora desvire as cartas da primeira fileira e faça a soma das cartas juntas (Ás equivale a um, Valete/Dama equivale a onze, Rainha equivale a doze, e Rei equivale a treze). Caso alguma das três cartas dessa fileira for um Ás, significa que a realização do primeiro desejo está garantida. Trinta e nove é o resultado mais alto possível dessa adição. Portanto, entre o possível resultado de três ao trinta e nove, julgue a probabilidade de o desejo se efetivar: quanto mais baixo for o número resultante, melhores são as chances de concretizá-lo.

Desvire agora a segunda fileira de cartas e julgue do mesmo modo. E faça a mesma coisa com a terceira fileira de sete cartas, embora aqui sejam necessários dois Ases para garantir o sucesso absoluto. Mas, em qualquer que seja a fileira, uma boa quantidade de setes e oitos (as cartas de valores mais baixos depois dos Ases) é um forte indício de êxito para os desejos.

Ases da Sorte

Este método é feito com o intuito de apressar o sinal da sorte para quatro pessoas de uma só vez. A leitura começa ao se dar um Ás para cada uma delas. Elas devem observar com atenção esse Ás que lhes foi dado para depois devolvê-lo ao baralho. Em seguida, cada uma delas deve dar uma embaralhada nas cartas, enquanto se concentram a respeito do desejo sobre o qual querem ter esclarecimentos.

O primeiro dos quatro consulentes retira treze cartas do baralho e as coloca, abertas (com as suas imagens visíveis), em cima da mesa. Se houver entre elas um dos Ases que foram dados no início para os quatro, *decerto* o desejo da pessoa que o recebeu se realizará. Mas só há garantia de sucesso quando aparece mais de um Ás na seqüência. Daí esse Ás (ou os outros Ases que também saíram) é posto de lado, e o resto das cartas retorna ao baralho, que por sua vez é novamente embaralhado pelas quatro pessoas. Agora é a vez de o segundo consulente retirar as treze cartas, colocando-as na mesa do mesmo modo que fez o primeiro. E, de novo, se um daqueles quatro Ases estiver presente na seqüência, é *bem provável* que o desejo de quem o recebeu obtenha êxito. Esse Ás também é removido, e as demais cartas retornam ao baralho para serem novamente embaralhadas pelos quatro. Se por acaso ainda restarem Ases no baralho, a terceira pessoa deverá pegar as treze cartas, e qualquer Ás que surgir entre elas significará uma possível sorte para todos. Quanto a uma quarta rodada, essa não é permitida. Caso não tenha saído qualquer Ás durante a leitura, é sinal de que haverá bastante dificuldade para que os desejos daquelas quatro pessoas se concretizem.



Doug Deutscher

Instrumentos dos oráculos ciganos: cartas, dados, dominós, moedas e faca giratória.

Se acontecer de uma cigana não ter um baralho à mão e quiser fazer uma dukker, isso poderá ser feito com moedas. É provável que esse sistema tenha se originado do antigo I Ching chinês que, se vem sendo usado tradicionalmente com varetas, também pode ser jogado com três moedas, já que o três é um número mágico e místico, e os rom também gostam de jogar com três moedas.

Para essa forma de dukkerer, os ciganos usavam, no passado, três moedas de prata ou mesmo de ouro. Mas, nos nossos dias, já não importa qual o tipo de moeda com que se vai trabalhar, desde que as três sejam do mesmo tamanho e tenham o mesmo valor.

Nessa leitura, o consulente segura as moedas, concentrando-se naquilo que quer ver respondido. Ele as passa em seguida para a cigana, que as retém nas mãos por alguns instantes, a fim de absorver as suas energias. Daí, as moedas são lançadas, e a cigana inicia a interpretação de acordo com a posição tomada por elas. São muito importantes tanto a separação entre as moedas, ou seja, a distância entre elas, como o desenho que evocam; contudo, este livro não se propõe a um maior aprofundamento dessa questão, por isso me limitarei a dar as interpretações básicas para o “cara/coroa”. Além do mais, para essa maneira simples de tradução, não importa as situações nas quais caíram as moedas, e sim as faces que elas exibem. E existem oito combinações possíveis que podem ser observadas:

CARA	COROA	COROA
CARA	CARA	COROA
CARA	CARA	CARA
COROA	COROA	COROA
COROA	COROA	CARA
COROA	CARA	CARA
CARA	COROA	CARA
COROA	CARA	COROA

Essas combinações também podem ser equiparadas com os oito trigramas do I Ching, mas darei a seguir a maneira pela qual os rom as interpretam.

- Cara-Coroa-Coroa — Possivelmente negativa. Probabilidade de ser enganado. Fique atento. Planeje tudo cuidadosamente. Maus investimentos. Se você escolher com bom senso, talvez surjam algumas oportunidades.
- Cara-Cara-Coroa — Possivelmente positiva. Potencial para ganhos. Chance de investimentos. Um provável amor.
- Cara-Cara-Cara — Definitivamente positiva. Alegria e contentamento. Desejos realizados. Divirta-se. Fertilidade.
- Coroa-Coroa-Coroa — Definitivamente negativa. Tragédia. Azar. Fraude. Escândalo. Sedução.
- Coroa-Coroa-Cara — Possivelmente negativa. Exercite a cautela. É provável que receba más notícias. Perda das finanças. Acusações.
- Coroa-Cara-Cara — Possivelmente positiva. Presença de uma carta contendo boas notícias. Encontro com um velho amigo. Sucesso nos negócios. Herança.
- Cara-Coroa-Cara — Possivelmente positiva. Encontro com um homem que poderá trazer muita sorte. Um novo começo; chance de recomeçar tudo de novo.
- Coroa-Cara-Coroa — Possivelmente negativa. Encontro com uma mulher. Planeje bastante antes de agir. Tentações.

Conforme o que já comentei, existe realmente um sistema complexo pelo qual se faz a leitura da sorte com moedas. A que foi descrita por mim é apenas um método básico, simples e rápido. Na verdade, entre os rom não é habitual esse tipo de leitura com moedas, apesar de algumas tribos se utilizarem dela eventualmente.

LEITURA DOS SINAIS DE NASCENÇA

Algumas shuvasis são capazes de prever o futuro de uma criança a partir dos sinais que ela tem no corpo. Caso as marcas sejam de nascença, o posicionamento delas é considerado como um fator significativo. Contudo, a importância não está só na posição do sinal, pois o seu formato também é expressivo.

Aos olhos dos ciganos, os sinais maiores são mais sugestivos que os menores. Assim, o sinal redondo é um indício mais contundente de sorte, e, quanto mais exatamente for redondo, maior será a sorte. O sinal pontudo quase sempre indica o azar. Embora ele seja atenuado, se houver duas pontas ou mais. Se acaso um dos sinais tiver um formato particular que evoque na mente da cigana algum animal ou objeto, ela o interpretará da seguinte maneira: Se ele for grande e protuberante, é o vestígio para que seja visto na pessoa um enorme potencial. Se acaso o sinal possuir pêlos, é indicativo de uma negatividade extrema. E o sinal com a cor brilhante será muito mais afortunado do que um outro escuro e sem brilho.

Darei agora as posições e os significados dos sinais de nascença:

- Cabeça, acima das sobrancelhas. No lado direito: grande inteligência e potencial para a fama e a fortuna. No lado esquerdo: extravagância, irresponsabilidade. No centro: honra, riqueza e amor.
- Sobrancelhas. Direita: felicidade, perseverança e possibilidade de casamento prematuro. Esquerda: infelicidade no casamento, a não ser que haja um esforço muito grande para mantê-lo.
- Pálpebras: economia. No canto da pálpebra: honestidade, fidelidade e retidão.
- Maçãs do rosto: uma pessoa séria e estudiosa. No lado direito: felicidade, casamento bem-sucedido. No lado esquerdo: batalhas e problemas ao longo da vida.
- Nariz: sexualidade, boa sorte e viagens. Um amigo sincero.
- Boca: sensualidade, felicidade.
- Queixo: boa sorte, riqueza e prosperidade. Uma disposição adorável. Senso de responsabilidade.
- Maxilar: saúde debilitada.
- Orelhas: Esquerda — arrogância. Direita — coragem.
- Garganta: ambicioso, um rico casamento.

- Pescoço: dificuldades na vida, várias oportunidades mas com muitos contratempos. Na parte frontal do pescoço: riqueza inesperada na velhice.
- Ombros. Uma vida difícil com muito trabalho árduo. Direito: prudente, um casamento fiel, e parceiros nos negócios. Esquerdo: sem ambições.
- Braços: Direito — sucesso. Esquerdo — problemas com dinheiro.
- Mãos: Direita — habilidade natural. Esquerda — habilidade para um aprendizado fácil.
- Peito: Direito — muitos altos e baixos financeiros no decorrer da vida, embora termine os seus dias com riqueza e felicidade. Esquerdo — distração e uma forte atração para descobrir riquezas.
- Costelas: Lado direito — covardia e insensibilidade. Lado esquerdo — lentidão nas ações.
- Abdome: preguiça, gula, auto-indulgência, e tendência para o excesso na comida e na bebida.
- Costas: Na região mais alta — generoso mas inclinado à arrogância. Na região mais baixa — sensual, um perfeito amante.
- Quadril: forte, filhos saudáveis.
- Nádegas: um enorme senso de humor e aceitação da vida, quer ela se mostre satisfatória ou não.
- Coxas: Direita — felicidade no casamento, riqueza, e saúde. Esquerda — perdas, solidão, pobreza, mas possuindo um grande otimismo.
- Joelhos: Direito — facilidade para a aquisição financeira. Esquerdo — impetuoso e frívolo.
- Panturrilhas: Direita — refinado, elegância no vestir. Esquerda — informal, mas elegante.
- Tornozelos: trabalhador, bom provedor. Caso esteja no homem, é indicati-

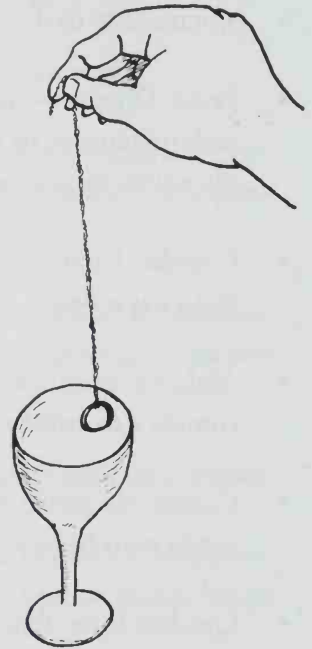
vo de que ele é medroso e temeroso; se estiver na mulher, é um indício de sua disposição para repartir com todos.

- Pés: Direito — amor pelas viagens. Esquerdo — tem medo de viagens.

RADIESTESIA

A radiestesia — arte divinatória com um pêndulo — é usada, com frequência, pelas shuvanis. Elas geralmente se servem dos anéis dos seus dedos, ou então de alguma medalha do seu colar. Quanto à medalha, obviamente ela já se encontra dependurada em um cordão, mas o anel precisa ser amarrado na extremidade de uma linha de seda vermelha ou verde. A técnica preferida é aquela em que se segura o cordão ou a linha entre o dedo indicador e o polegar, para deixar o peso pender sobre a borda de uma taça de vinho. Então são feitas as perguntas, e o peso começa a oscilar até se chocar com o vidro da taça. Em geral, uma batida significa “Sim”, e duas, “Não”. Através das batidas na taça, o pêndulo também pode indicar as iniciais das palavras e, às vezes, as palavras inteiras. Assim, uma batida exprime a letra A; duas, a letra B; três, a letra C; e por aí afora. Mas o método de Sim ou Não é muito mais utilizado. Quando a cigana vai ler para uma outra pessoa, ela faz uso de algum anel ou cordão desse cliente.

Existe de fato, entre os ciganos, uma imensa variedade de formas para se ler a sorte. Algumas são reguladas pelo que está ao redor, ou seja, pelas fontes disponíveis, para que eles exerçam a sua criatividade. Alguns dos modos já mencionados podem ser encontrados entre os ciganos de uma determinada região, mas não de outras, ao passo que outros são praticados por todos os rom. Apesar dessas particularidades, é amplamente sabido que todos eles possuem uma capacidade incrível para ler a sorte e desvendar os mistérios do tempo (aliás, todos nós temos essa última habilidade, mas nem sempre a reconhecemos). E não há entre os ciganos aquele que hesite por um só instante em desenvolver esses poderes.



Técnica de radiestesia.



II

AJUDAS MÁGICAS:

Amuletos e Talismãs



Os amuletos e talismãs podem ser usados com diversos propósitos. Os amuletos já são, por si sós, itens *naturais*, quer sejam eles imbuídos artificialmente de poder, ou não. Ao passo que os talismãs são objetos *fabricados pelos homens* e depois impregnados de poder mágico. Uma pedra com um buraco no meio ou um mero pé-de-coelho são bons exemplos de amuleto. E um exemplo de talismã pode ser um pedaço de pergaminho, ou mesmo uma moeda, sobre os quais se inscrevem determinados símbolos ou palavras de poder. Os ciganos tanto usam os amuletos como os talismãs, embora os últimos sejam habitualmente feitos a partir de elementos naturais e de objetos encontrados na natureza.

Eu já mencionei nos capítulos anteriores que a putsi, ou bolsa, é uma das coisas que os ciganos carregam com freqüência. E, na verdade, as putsis acabam servindo como bolsas, usualmente amarradas aos cintos e preenchidas de itens com as mais variadas finalidades. Mas, em diversas ocasiões, as putsis conduzem sortilégios: amuletos e/ou talismãs. Quanto ao tamanho da putsi, pode ser grande ou pequena, como também poderá ser feita com um material qualquer. A maior parte delas é feita de pano, mas ainda há uma grande quantidade produzida com o couro.

Creio que você já deve ter encontrado alguma mulher cigana usando uma bolsinha de pano dependurada no cordão. Para a maioria dos gaujos, isso não passa de um mero acessório que complementa as roupas coloridas, mas a realidade é bem outra, pois essa simples bolsinha contém vários itens mágicos que fazem dela um poderoso talismã para a mulher.

SORTILÉGIOS

Os sortilégios — conforme costumamos chamar tanto os amuletos como os talismãs — são feitos com os mais diversos objetivos, porém eles quase sempre se enquadram nas seguintes categorias: proteção, saúde, riqueza, amor e poder. E determinados itens se associam com essas categorias. Eu mesmo tenho visto alguns itens, que descreverei a seguir, nas bolsinhas mágicas dos ciganos de todas as regiões da Inglaterra, assim como em várias partes do resto da Europa.

Sal	Ferro	Espinhos
Bolota de carvalho	Unhas de gato	Pêlo de porco-espinho
Peltre	Urina	Dentes (de urso, javali, raposa e lobo)
Espelho	Prego de ferradura	Casca de limão
Ossinhos	Pata de coelho	Casco de tartaruga

Ervas: Violeta africana, Agrimônia, Escabiosa, Babosa, Anêmona, Angélica, Anis, Manjericão, Dulcamara, Eupatória, Sanguinheiro, Alcaravia, Canela, Cinco-em-rama, Cominho, Aneto, Dracena, Erva-doce, Pulicária, Alho, Urze, Hissopo, Alga-perlada, Zimbro, Lavanda, Tília, Mandrágora, Losna, Mirra, Urtiga, Raiz de lírio, Salsa, Poejo, Tanchagem, Tasneira, Sorveira-brava, Sálvia, Erva-de-são-joão, Cardo-santo, Valeriana, Verbena, Tomilho-do-mato, Avelaira-das-bruxas, Betônica.

Pedras: Ametista, Turmalina negra, Hematita, Cornalina, Olho-de-gato, Crisoberilo, Crisólita, Coral, Esmeralda, Granada, Jacinto, Jade, Jaspe, Azeviche, Lazulita, Malaquita, Pedra-da-lua, Ônix, Opala, Cristal de rocha, Safira, Sárdio, Sardônica, Topázio, Turquesa.

Saúde

Sementes redondas	Prego de ferradura	Flanela vermelha
Lã de carneiro	Pele de cobra	Pele de enguia
Pele de raposa	Noz	Castanha-da-índia
Pedra branca	Moeda de ouro	Ossinhos

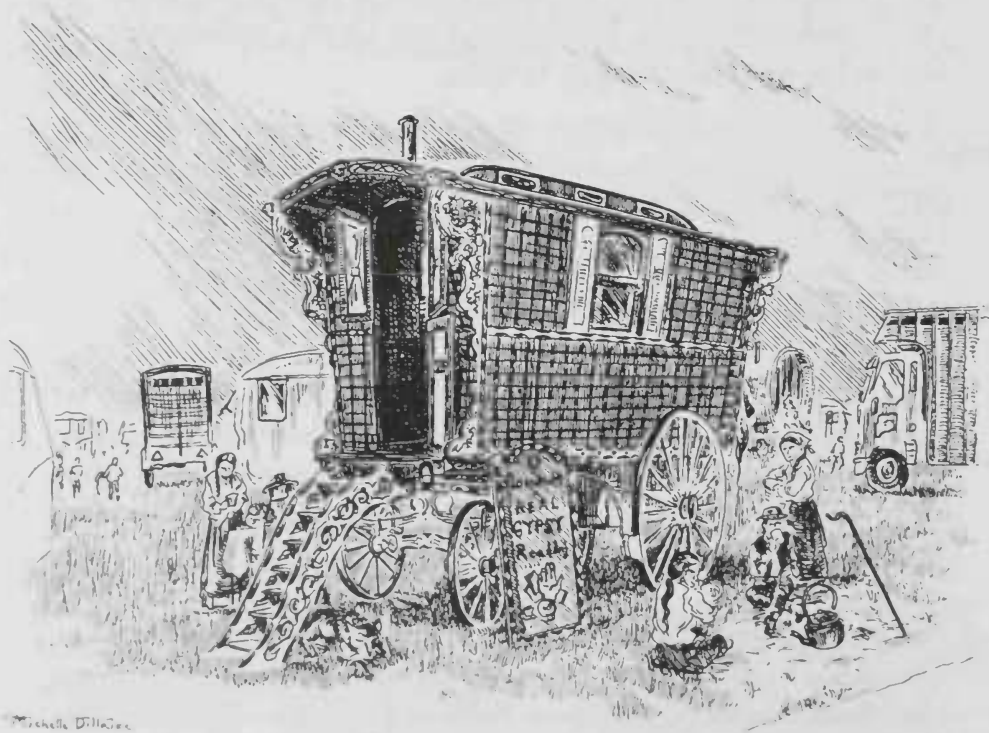
Ervas: Pimenta-da-jamaica, Anêmona, Angélica, Cânfora, Coentro, Centáurea, Erva-doce, Tasneira, Zimbro, Espora, Sempre-viva, Manjerona, Losna, Verbasco, Noz-moscada, Salsa, Tanchagem, Alecrim, Arruda, Sálvia, Sassafrás, Selo-de-salomão, Espicanardo, Erva-de-são-joão, Tomilho, Nogueira, Aleluia.

Pedras: Ágata, Âmbar, Ametista, Berilo, Hematita, Carbúnculo, Cornalina, Calcedônia, Crisólita, Coral, Diamante, Esmeralda, Jade, Granada, Jaspe, Lápis-lazúli, Magnetita, Malaquita, Pedra-da-lua, Opala, Pérola, Peridoto, Quartzo rosa, Rubi, Safira, Sardônica, Topázio, Turquesa, Zircone.

Pele de esquilo	Pé-de-coelho	Moeda de prata
Ímã	Côntas de vidro	Moeda de ouro
Magnetita	Bolota de carvalho	Cristais (louça)
Dados		

Ervas: Alfafa, Pimenta-da-jamaica, Amendoeira, Manjericão, Bodelha, Íris-azul, Cedro, Camomila, Canela, Cinco-em-rama, Cravo, Confrei, Aneto, Azedinha-da-horta, Sabugueiro, Alforças, Linho, Gengibre, Arnica-silvestre, Curcuma, Jalapa, Alga-perlada, Madressilva, Jasmim, Mandrágora, Manjerona, Podofilo, Hortelã, Murta-de-cheiro, Noz-moscada, Patchuli, Pervinca, Papoula, Gergelim, Cumaru, Verbena, Aspérula-odorífera.

Pedras: Opala negra, Carbúnculo, Coral, Diamante, Esmeralda, Turmalina verde, Pedra-da-lua, Cristal de rocha, Quartzo rosa, Rubi, Turquesa.



Um vardo de consultas estacionado na Feira de Appleby.

Seda vermelha ou rosa	Casca de laranja	Chaves
Sementes redondas	Espelho	Folhas de chá
Casca de noz	Vagem de ervilha	Miniatura de ferradura
Penas de coruja	Anel de ouro	Fio de linha de seda vermelha ou rosa com três nós atados
Raiz de mandrágora	Ovo de cobra	
Sino	Ovo de ave	

Ervas: Manjeriçã, Aparina, Betônica, Cimicífuga, Sanguinária, Alcaravia, Cardamomo, Tussilagem, Mentrasto, Aquilégia, Coentro, Damiana, Aneto, Dracena, Genciana, Ginseng, frutos do Pilriteiro, Hibisco, Jalapa, Jasmim, Zimbros, folhas de Louro, Lavanda, Cidreira, Tília, Hepática, Levístico, sementes de Funcho, Avenca, Malva, Mandrágora, Manjerona, Visco, Lunária, Murta-de-cheiro, Ervilha, Hortelã-pimenta, Pervinca, Papoula, Prímula, Rosa, Alecrim, Arruda, Açafraão, Salsaparrilha, Pimpinela-azul, Sene-da-índia, Hortelã, Morango, Tomilho, Cumarú, Valeriana, Verbena, Violeta, Grama-francesa, Losna, Mil-folhas.

Pedras: Água-marinha, Opala negra, Hematita, Olho-de-gato, Diamante, Granada, Lápis-lazúli, Pedra-da-lua, Ônix, Opala, Pérola, Quartzo rosa, Rubi, Sardônica.

Poder

Prego de ferradura	Sementes redondas	Dentes e garras de animais
Moeda de ouro	Ferro	Pedra negra
Lascas de carvalho	Pedernal	

Ervas: Bodelha, BorrAGEM, Cravo, Canela, Licopódio, Espinheiro-negro, Ébano, Linho, Genciana, Gengibre, Jalapa, Madressilva, Moscadeira, raiz de Mandrágora, Lentisco, Losna, Alecrim, Sorveira-brava, Sálvia, Tomilho, Verbena.

Pedras: Alexandrita, Amazonita, Berilo, Hematita, Crisólita, Carbúnculo, Coral, Diamante, Granada, Jade, Pedra-da-lua, Opala, Cristal de rocha, Quartzo, Topázio, Zircão.

Encontrei na região de New Forest, Inglaterra, um velho shuvano com uma bolsa que, segundo ele, era útil para qualquer coisa que se pudesse imaginar. Tratava-se de uma pequena bolsa de pano que fora muito bem costurada para que o seu conteúdo não se perdesse. E ele me disse que ela continha uma pena de cuco, uma pedra tendo uma metade negra e a outra branca, uma bolota de carvalho perfeitamente redonda, uma castanha-da-índia, um prego de ferradura, a mecha de cabelo de uma mulher ruiva, um pedaço de âmbar, um pedaço de azeviche e um saquinho de sal. Esse shuvano me afirmou que cada um desses itens tinha um significado especial e um bom motivo para estar dentro da bolsa. Ao todo eram nove, e ele me explicou que esse total era porque o ímpar é um número ideal e por isso deviam-se evitar os números pares.

AMULETOS

Os ciganos têm o hábito de carregar e usar as partes dos animais como amuletos, para proteção contra os mesmos animais, ou então como remédios para as doenças. Assim, eles transportam freqüentemente uma pele de cobra, enrolada e guardada dentro de uma putsi, com o intuito de se proteger das mordidas de cobras, ou como forma de cura para o reumatismo. As sementes de bardana, conduzidas dentro da bolsinha, também são um excelente amuleto contra o reumatismo. Irene Soper afirma que os ciganos de New Forest geralmente usam um anel feito com os pêlos da crina e do rabo dos potros selvagens que habitam aquela região. E esclarece que, para isso, não é escolhido um potro qualquer; ele deve ser malhado, para que traga sorte a quem usar o anel. Ela ainda nos diz que é sempre muito bom levar um pedacinho de pão dentro do bolso, ou da putsi, para afastar os maus espíritos e os fantasmas.

Na hora do parto, a mulher deve ter réstias de alho debaixo dela, pois assim estará protegida do mau-olhado, ou, conforme é dito pelos ciganos, *waffedi yok*. Os sortilégios de azeviche, ou alguns pedaços de ossos esculpidos, também são utilizados com a mesma função de proteger. Costuma-se pôr uma lâmina de ceifadeira no lugar em que a criança toma banho, para que a água possa escorrer por cima da lâmina. E, após o banho, a criança recebe um cordão com um prego de ferradura dependurado. Ela deverá usá-lo para que o mau-olhado mantenha-se a distância.

Segundo a crença dos ciganos húngaros, se uma mulher conduzir um colar com dentes e garras de urso, quando ela der à luz, a criança será forte e saudável. Na Áustria e na Itália, tem-se o hábito de carregar os dentes do javali para o mesmo propósito.

Existe um tipo de medalhão de bronze, em geral na forma de sino mas também com outras figuras tradicionais, que os ciganos colocam nos seus cavalos como talismã. Eles o penduram no pescoço do animal para protegê-lo das doenças e do mau-olhado. (Falarei um pouco mais sobre isso no Capítulo 14.)

O prego da ferradura também é usado, com frequência, como talismã. Em certas ocasiões, o ferreiro enverga esse prego, até que se configure um círculo, pois dessa forma a cabeça do prego se encontra com a sua outra extremidade. E ele é posto a seguir em um fio de couro ou em um cordão.

TALISMÃS

Os talismãs ciganos são feitos com ferro ou madeira, ou então pintados em pedras, gravados em moedas, ou simplesmente traçados em um pergaminho. Descrevi vários deles no meu livro *Secrets of Gypsy Love Magic* (1990), especialmente aqueles que eram destinados ao sucesso no amor. Citei aqui alguns que constam daquele livro e acrescentei outros. E, pelo fato de que vários talismãs são gravados em moedas, eu gostaria de esclarecer que o processo de sua fabricação é muito fácil; por isso qualquer pessoa pode fazê-lo tranquilamente, desde que consiga um prego com uma ponta bem afiada.

Menciono, a seguir, alguns dos símbolos mais usados pelos ciganos. Vários deles tanto podem ser pintados sobre uma pedra, como gravados em uma placa de madeira, ou então inscritos sobre o pergaminho, ou simplesmente insculpidos em moedas. A madeira com a qual se fazem os talismãs de Proteção e Poder deve ser sempre resistente, como o carvalho, o freixo, o olmo, a faia, a nogueira, ou o bordo. As madeiras leves servem de material para os sortilégios de Amor e de Riqueza; enquanto a madeira da árvore, que foi atingida por um raio, é ideal para ser usada em um sortilégio de Poder.

Entre os ciganos não há um consenso a respeito da consagração de talismãs. A maior parte dos rom realiza um pequeno ritual após ter feito o objeto, mas parece que esse procedimento obedece apenas aos ditames de cada indivíduo. Alguns preferem banhá-lo na correnteza de um rio, dizendo às vezes umas tantas palavras que lhes vêm espontaneamente à cabeça, ou então repetindo algum encantamento antigo que foi dito pelas várias gerações que os antecederam. Outros simplesmente enterram o talismã por um certo tempo, para depois desenterrá-lo e usá-lo. E ainda há outros que optam por passá-lo pela fumaça da fogueira do acampamento, enquanto vão dizendo algumas palavras.

Nos capítulos anteriores, já transcrevi alguns encantamentos que se aplicam a diversos casos, como a cura, por exemplo. A seguir, mostrarei outros mais que

Saúde



Amor



Proteção



Riqueza



Sorte



Poder



Exemplos de desenhos para talismãs.

encontrei em algumas práticas de consagração, ou seja, para "abençoar" um talismã.

Mi Duvel opral, dik tele opré mande.

Meu Deus do céu, olhe por mim aqui embaixo.

Si kovvel ajaw.

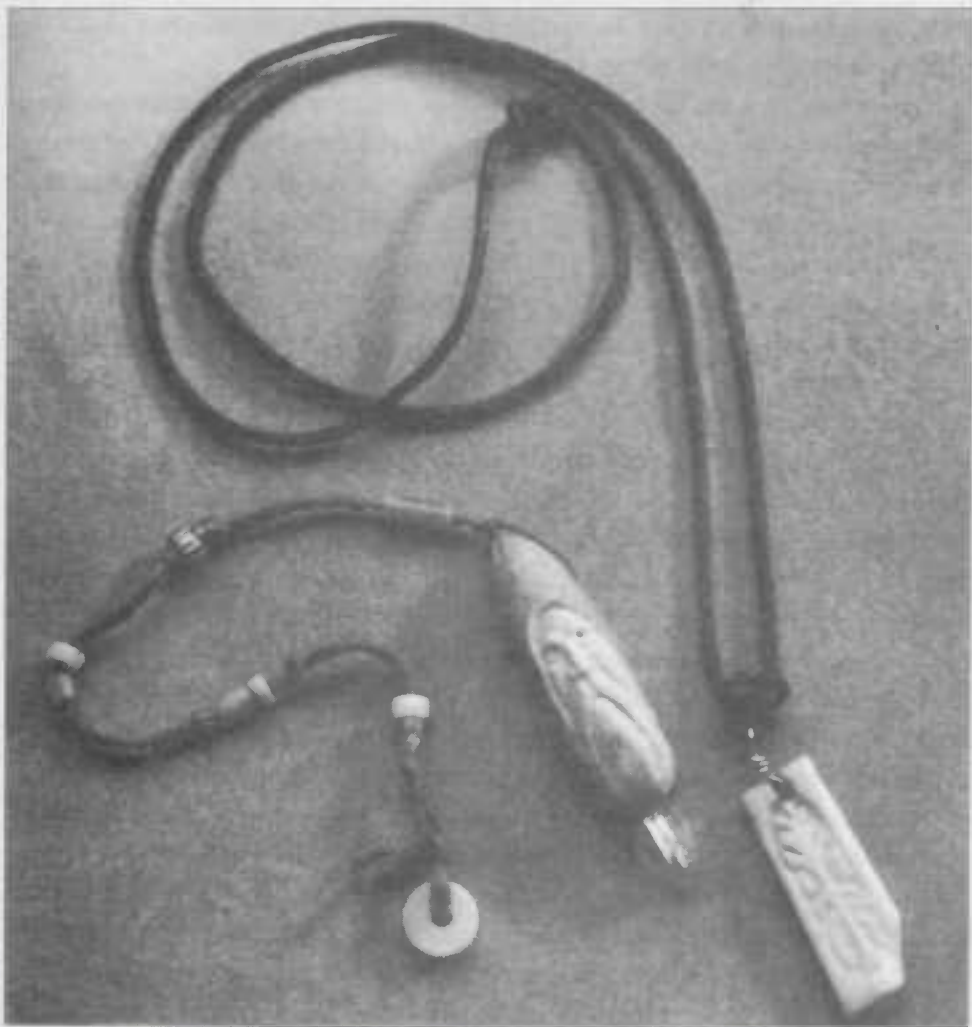
Que assim seja.

Guarde-me por tudo isso que mostro,
E me mantenha longe do inimigo;
Proteja-me de todos os males,
Do meu acampamento aos montes e vales.

Gana sharraf, Gana varter, Gana Akai'sa mandi.

Gana abençoa, Gana zela, Gana
Está aqui comigo.

Os ciganos, que geralmente são bastante habilidosos na arte de entalhar, têm o hábito de fazer contas de madeira para diferentes ocasiões especiais, como, por exemplo, a celebração do nascimento e do casamento. É bem fácil esse trabalho de entalhe; além disso, ele constitui uma magia poderosíssima, uma vez



Doug Deutscher

Talismãs ciganos. O da esquerda foi entalhado em osso. O da direita, feito com uma tecla de marfim de piano, exibe uma árvore (*rook*), que simboliza força e flexibilidade.

que, ao entalhar as contas, a pessoa descarrega sobre elas uma forte dose de energia e ao mesmo tempo se concentra nos seus objetivos, tais como amor, prosperidade, saúde e outros. No fim, essas energias acabam sendo direcionadas e por isso geram um poder mágico incrível. Portanto, o colar de contas entalhado por você vai se transformar em um potente talismã. Aliás, tenho visto contas serrilhadas de um modo deslumbrante, que são frutos do talento e de muita paciência. Algumas delas são decoradas com recortes sofisticados, e outras são apenas pintadas. Enfim, as contas podem ostentar cores brilhantes e alegres; além de sua utilização mágica, funcionam como magníficos acessórios.

Não consigo me esquecer de uma cortina que certa vez vi em um vardo, pois era toda confeccionada com ossos de galinha, e a maior parte deles fora retirada das suas coxas e asas. Eles tinham sido previamente embranquecidos e depois pintados com cores vivas e brilhantes.

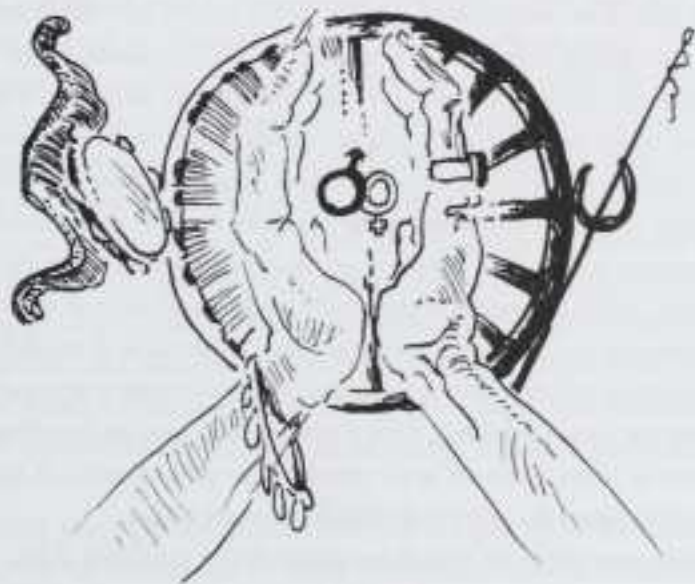
As penas também servem como amuletos. Desse modo, uma pena preta tanto significa mudança nos planos como expressa uma mensagem dos deuses. Já a cor branca é um indício de indecisão, uma vez que deve haver uma necessidade latente de modificar a forma de pensar, assim como poderá denotar que o seu portador se verá obrigado, muito em breve, a fazer uma escolha importante. A pena vermelha é um augúrio de sorte, ou melhor, um sinal de sorte abundante durante a vida. E a pena azul exprime a proteção, ou então é uma pista de que a pessoa virá a *precisar* dela. Por fim, a pena marrom simboliza a confiança e a amizade, e pode-se até dizer que é a pena dos amigos.

Uma outra ajuda mágica incomum, embora amplamente em voga entre os ciganos, é o *bokmoro*, isto é, o “pão da sorte”. Esse pão é feito com ingredientes que possuem significados bastante especiais para eles. Sua receita pede farinha de trigo, que simboliza o corpo físico; fermento, que representa o crescimento do espírito; água, que exprime o eterno; açúcar, significando a delicadeza; ovo, expressando a manifestação; alho, para afastar o mal; azeite de oliva, que faz a representação do sagrado; sal, para banir e limpar as impurezas; pimenta-do-reino, com a tarefa de purificar; por fim o mel, pela paz e pelo amor. Coloca-se também uma moeda no meio da massa, como forma de pagamento ao carma, junto com uma pitada de olíbano e mirra. As proporções variam entre as tribos, e até mesmo entre os indivíduos, mas basicamente o pão é assado como um pão comum, embora só possa ser assado durante a noite ou após o pôr-do-sol. Ele é levado, na manhã seguinte, aos quatro cantos do atchin'tan (acampamento), para que um pedacinho dele seja jogado no chão. Em seguida, o resto do pão é cortado em várias partes e espalhado em volta do local como oferenda às criaturas que vivem em torno dos ciganos.



MAGIA SEXUAL E PODER:

Extraindo Energia do Self



A grande maioria das pessoas “civilizadas” sofre uma lavagem cerebral desde a infância, fazendo com que acreditem que o sexo é algo de vergonhoso, “sujo”, e até mesmo “pecaminoso”. Por isso evita-se tanto discutir esse assunto — principalmente quando se está ao lado de alguém do sexo oposto — e quase todo mundo se refere a ele por meio de eufemismos patéticos. Apesar de o ser humano resultar da junção dos aspectos masculino e feminino, nenhum dos dois possui um conhecimento suficiente sobre o outro — e isso ocorre especialmente entre os mais jovens. Enfim, esse é o triste cenário da “civilização”.

Os rom são, de longe, muito mais avançados a esse respeito do que o resto do mundo. Pois aceitam o sexo da forma como ele é, ou seja, como parte integrante da natureza e da nossa mais real e verdadeira existência. Portanto, eles não vêem o sexo como motivo de vergonha, e sim com muita alegria e prazer! Como alguma coisa que deve ser celebrada. Além disso, o sexo não devia ser o ponto discordante para que o feminino e o masculino se tornassem, cada um a seu modo, a antítese do outro. Pela simples razão de que um completa o outro.

Talvez por isso a família cigana seja tão unida física, emocional e espiritualmente. Em geral, com todos os seus membros morando juntos dentro de um pequeno vardo, eles logo encontram formas para melhor se entenderem. E é quase um costume o fato de a mãe e o pai dormirem juntos com os filhos em uma cama larga; assim, ninguém se espanta quando as crianças se mostram muito mais informadas e entendidas sobre as relações sexuais, à medida que vão crescendo. Inclusive muitas chavvis (crianças) experimentam o sexo pela primeira vez com algum irmão ou irmã. Mas é preciso que se diga que isso não tem nada a ver com o “abuso infantil”, tão proclamado pelos gaujos, já que se trata de uma expressão plena do amor e da afinidade entre todos.

Na verdade, esse estilo de vida dos ciganos não é exclusivo deles. Pois existem famílias de montanhesees que vivem de maneira idêntica em algumas regiões do Missouri e do Arkansas. Até mesmo entre inúmeras famílias de agricultores dos Estados Unidos e de diversas partes do mundo vive-se de modo semelhante. Acredito que o convívio estreito com a natureza e, particularmente, a íntima proximidade com os animais tendem a quebrar o isolamento que domina aqueles que vivem afastados de uma existência natural. As pessoas que convivem com a natureza acabam sendo parte integrante dela, em vez de viverem *à parte*, totalmente excluídas de sua própria essência.

É dessa forma aberta e livre que os ciganos assumem o real sentido do sexo,

e ainda fazem com que a energia sexual lhes dê uma poderosa ajuda mágica. Discorro no meu livro *Buckland's Complete Book of Witchcraft* (Llewellyn, 1986) sobre a magia sexual e suas poderosas forças, mostrando os meios pelos quais elas podem ser trabalhadas, já que é exatamente esse o modo de agir das shuwanis.

Frater U. . D. . faz a seguinte afirmação no seu livro *Secrets of Sex Magic* (Llewellyn, 1995): “Todo mago devia ser capaz de exercer cada uma das formas da sexualidade, uma vez que a liberdade só é verdadeira quando se desvencilha dos padrões e modelos enraizados.” Decerto as shuwanis concordam com esse pensamento, simplesmente porque não titubeiam em fazer tudo que seja necessário para o bom andamento de um conjunto particular de circunstâncias. O livro de B. Z. Goldberg, cujo título é *The Sacred Fire* (University Books, Nova York, 1958), está repleto de exemplos da magia sexual usada pelo cristianismo antigo e pelas sociedades primitivas do período clássico.

O ato de confeccionar talismãs e usar amuletos é uma das formas pelas quais os romani trabalham com a magia sexual. De acordo com eles, não há nada fora do comum quando se “carregam” consigo esses itens, os quais são sempre consagrados com as secreções sexuais, para que sejam investidos de um poder extra. Aliás, sabe-se que muitas mulheres são capazes de ejacular no instante do orgasmo e, ao que parece, as shuwanis são mestras nessa técnica. Elas podem inclusive se valer da masturbação para consagrar alguns itens durante os ritos mágicos. Por sua vez, os shuwanos também fazem uso do sêmen para cultivar um determinado objeto. Quando consultadas para que opinem sobre essa prática, as shuwanis dão sempre instruções aos rom, no sentido de que eles devem se dedicar a ela depois que fabricam o seu próprio talismã. Já os gaujos nunca são aconselhados a fazer isso, pois os ciganos estão perfeitamente cientes dos preconceitos sexuais que foram desenvolvidos no decorrer de muitas e muitas gerações de domínio cristão.

Goldberg narra em seu livro os ritos sexuais que foram levados avante pelos kauchiluas em vários templos da Índia. Ele esclarece sobre o aspecto sexual que move tanto o sacrifício de Cartavaya para o deus indiano Krishna como o de Soma no ritual védico. O sexo representa um papel proeminente no ponto de vista dos hindus, principalmente no culto de Siva e Sakti. O *lingam* e o *yoni*, símbolos dos órgãos sexuais masculino e feminino, estavam presentes nos objetos cotidianos por toda a Índia. É por isso que a abertura dos ciganos para o sexo não nos causa a menor surpresa, uma vez que eles são oriundos das terras indianas. E de fácil entendimento também é o fato de o shuвано e a shuvani manterem relações sexuais com o “cliente”, porque isso faz parte da ajuda mágica que lhe é dada.

Uma das superstições mais comuns entre os ciganos é a de que, se faltar sal na família, o desempenho sexual dos seus membros será afetado. Pois o sal vem sendo associado com o sexo ao longo de diversas culturas de todo o mundo. Ele simboliza o sêmen e, por conseguinte, a vida. O sal é adicionado até mesmo na água batismal dos cristãos. Os ciganos afirmam que, se uma mulher deseja ter filhos, ela deve pôr um pouco de sal dentro da putsí junto com os demais itens. Outro sortilégio antigo, para fazer com que uma mulher consiga um homem jovem e viril, recomenda que ela caminhe, desnuda, na noite de lua cheia, em volta do seu vardo ou de sua casa, lançando bocados de sal pelo chão.

Kitan-epen, que na língua cigana significa “sempre juntos”, é um feitiço poderoso e muito eficaz. Ele é usado para manter o casal unido no amor e também para fortalecer a amizade. Já falei, nos capítulos anteriores, sobre o costume de os homens e mulheres ciganos utilizarem o diklo (lenço) tanto no pescoço como na cabeça. Pois bem, para esse feitiço, o casal tem que fazer amor usando os seus diklos. Logo após o ato sexual, cada um deles deve passar o seu diklo no seu órgão genital para embebê-lo com as secreções sexuais. Depois os lenços são postos um por cima do outro para que sejam enrolados. As suas extremidades são amarradas com um nó, e a seguir o objeto é guardado em um lugar seguro. Por ocasião do aniversário de casamento, ou em qualquer outra data anual significativa, esse cilindro de pano é retirado de onde está e colocado debaixo do colchão no qual o casal vai fazer amor mais uma vez. Os ciganos garantem que esse feitiço é perfeito para sustentar a continuidade do amor e da amizade.

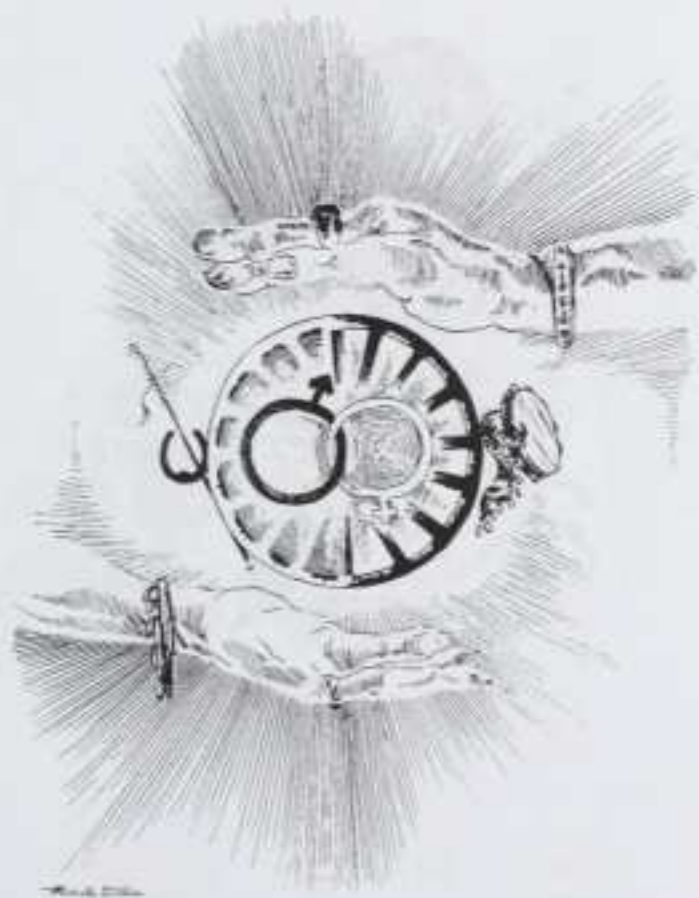
No passado, as shuwanis eram solicitadíssimas pelos fazendeiros, embora ainda hoje sejam bastante procuradas por essas pessoas. Eles estão sempre querendo saber o que podem fazer com os seus animais para que fiquem mais férteis. Até pouco tempo atrás — e, em algumas regiões, até hoje —, a feiticeira cigana aconselharia ao fazendeiro uma prática que remonta ao período da Idade Média. A ele seria dada a sugestão de fazer sexo com a esposa sobre o solo recém-arado, ou então no celeiro que abriga os animais. Mas os resultados desejados só seriam obtidos, se isso fosse realizado durante o ciclo da lua crescente e o mais próximo possível da lua cheia.

Um feitiço semelhante era usado para incrementar os negócios. Nesse caso, o comerciante era persuadido a fazer sexo com a esposa dentro da sua loja ou escritório, também numa noite de lua crescente.

A maior parte das magias, cujas intenções voltavam-se para o sexo, estavam conectadas com as fases da lua. Na fase crescente, promovia-se o aumento do fluxo dos negócios, do amor, da saúde, da prosperidade etc. Na fase minguante, tirava-se proveito do esmorecimento das situações. Além disso, a masturbação e

as práticas auto-eróticas eram recomendadas quando necessárias, e o homossexualismo nunca recebia a desaprovação dos rom.

Se acaso uma mulher está perdidamente apaixonada, ela mesma pode confeccionar um colar cujas contas sejam feitas com a mistura de argila, água e o seu próprio sangue menstrual. Depois disso feito, ela deve levá-lo, à noite, até a porta do vardo ou da casa do seu amado, e ali deixá-lo ao relento. Se, quando amanhecer, as contas estiverem danificadas, é indicio de que aquele não é o homem certo para ela. Sabe-se que alguns homens ciganos procedem desse mesmo jeito, com a diferença de que substituem o sangue menstrual pelo esperma.



Uma representação artística e simbólica do feitiço cigano chamado *kitan-epen*.

13

CHAVVIS:
As Crianças Romani



Francis Groome, um escritor do final do século dezenove, referiu-se às crianças ciganas no seu livro *Gypsy Tents* (Londres: Nimmo, 1880), dizendo que elas eram “incrivelmente bem-comportadas, um pouco tímidas, gentis, afetuosas, bastante meditativas, e deixam transparecer um certo brilho de molecagem com um toque de educação à moda antiga”.

Denis Harvey, no seu livro *The Gypsies, Waggon Time and After* (Londres: Batsford, 1975), diz o seguinte:

Embora as crianças ciganas desfrutem uma enorme liberdade, elas são muito bem-educadas e conscientes dos seus deveres. E nunca deixam de cumprir a rotina que lhes é devida, como o *kettering coshties* (coletar gravetos), limpar os arreios dos cavalos, ou pegar água nos riachos e poços. Como não possuem brinquedos sofisticados, elas se limitam a brincar com tudo aquilo que é encontrado na natureza e com os animais, além de se divertirem com os jogos de competição que são feitos entre os seus pais ou irmãos e irmãs mais velhos. Todas essas atividades acabam incrementando o desenvolvimento espontâneo da inteligência e da consciência das crianças, e ainda atuam como uma preparação para a vida independente nas estradas.

As crianças são parte fundamental de cada família cigana, na qual sempre há um íntimo relacionamento entre todos os seus membros, o que não se vê com frequência na sociedade dos gaujos. A mulher grávida, por exemplo, é tratada com máxima consideração por cada um dos integrantes da tribo. Todo líder da tribo, ou “Rei Cigano”, entre os rom franceses, guarda com ele diversas representações de divindades e de nobres de grande beleza, que nada mais são senão ícones para simbolizar o sagrado. E o fato é que ele só empresta esses objetos para a mulher grávida (e para ninguém mais), com o intuito de que ela fique cercada por coisas belas e significativas durante o período em que estiver conduzindo uma criança no ventre. Ou seja, os ciganos acreditam que, agindo assim, nascerá uma criança bela e sensível. No *Kama Sutra* também se encontra esse tipo de procedimento.

A maioria das mulheres ciganas continua trabalhando até o momento do parto. Clébert nos disse, em 1967, que algumas ciganas francesas chegam inclusive a ter os seus filhos, sozinhas, dentro de uma tenda especialmente preparada para os partos. Ele ainda afirmou que, na hora do nascimento, elas ficam em pé, numa posição ereta e com as pernas abertas. Mas os eslavos contrastam com os franceses, pois, entre eles, a mulher é obrigada a ficar na cama seis semanas antes de dar à luz. Ela segue sendo tratada da maneira habitual, porém lhe dão mais

atenção na hora do parto, o qual é assistido pela mãe da parturiente e pela puridai da tribo. Essas mulheres ficam responsáveis pela remoção daquilo que eventualmente possa atrapalhar o parto, evitando, por exemplo, que se formem nós nas roupas da futura mamãe ou que se espalhem fios de cabelo sobre a cama. Além disso, elas se incumbem de levar a comida e a bebida para a tenda.

Mokkadi é o termo que os ciganos empregam para significar “impuro”, principalmente com o sentido de tabu. E é assim que eles vêem a mulher em processo de parto, como se ela estivesse em *mokkadi*; por isso nessa ocasião ela é isolada por um certo tempo; e não lhe é permitido entrar no *vardo*. Ela recebe a sua própria louça e os seus talheres, e os seus objetos devem ser lavados separadamente dos objetos do resto da tribo. Além disso, ela não pode ser vista por nenhum homem, inclusive por seu marido, até que tenha transcorrido algum tempo depois de o bebê nascer — esse período varia bastante e pode ir de três dias a três semanas. Embora a parturiente possa receber a visita de outras mulheres, ninguém tem o direito de tocá-la, como também não se podem encostar as mãos no recém-nascido, porque, segundo a crença, aquele que toca a mãe e o seu filho após o parto acaba se transformando em *mokkadi*.

Na Escócia, e muitas vezes por todo o nosso continente, se a mulher tiver algum problema na hora do parto, a puridai deixa escorrer imediatamente um ovo pelas pernas dela, enquanto entoas as seguintes palavras:

Youra, tikni youra si kolo;

Sor si kolo.

Chavvi, av adré sasteem.

Duvvel, mi-duvvel, tutti milos.

O ovo, o ovinho é redondo;

Tudo é redondo.

Venha com saúde, criancinha.

Deus a está chamando.

Segundo Clébert, quando na Alemanha uma mulher se encontra com dificuldades no momento do parto, ela recebe, para beber, a água na qual se cozinham três ovos. E ao marido é dada a tarefa de comer esses ovos. Se a mulher vier a falecer durante o parto, ela é enterrada com um ovo debaixo de cada braço. Os ciganos crêem que isso impede os vampiros de se alimentarem com o leite dela. No instante em que depositam os ovos, são entoadas as seguintes palavras:

Quando este ovo apodrecer,

Aqui nenhum leite há de ter!



Uma mulher cigana e os seus filhos dentro de uma tenda de parto.

Aos olhos dos ciganos, os cabelos da mulher ruiva são mágicos sob diversas formas. Eles acham que, ao conduzir uma mecha desses cabelos dentro de uma putsí, ou usando-a em contato com a pele da barriga durante a gravidez, o parto vai transcorrer normalmente, nascendo uma criança saudável. Entre eles, o cabelo ruivo é conhecido como *kam-bal*, que quer dizer “cabelo do sol”.

Ao que parece, as famílias ciganas não impõem tantas regras de disciplina às suas crianças. E, assim, acabam aprendendo com a experiência. Aliás, desde a mais tenra idade, vão às ruas para bater nas portas dos outros junto com seus pais, quando eles estão vendendo as suas mercadorias. E, talvez pelo fato de quase não ganharem brinquedos, elas são exímias na arte de improvisá-los. Portanto, a criançada cigana parece não ter qualquer problema quanto à escassez de brinquedos, uma vez que vivem a brincar felizes e contentes entre elas mesmas.

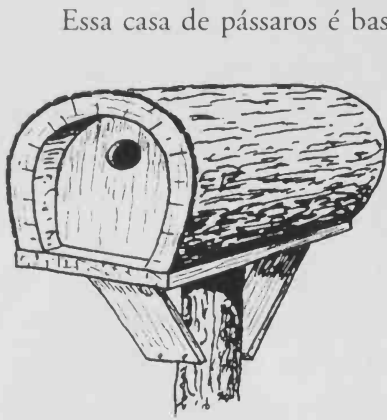
Segundo alguns ciganos, nada melhor para a boa sorte do que enrolar o menino recém-nascido com uma camisa velha do pai, e a menina com um xale da mãe. Os galeses costumam pôr um pouco da água fresca do regato dentro de um dedal para dá-la de beber à criança. Eles acreditam que isso ajuda na dentição. E foi uma família de ciganos galeses que me disse que nunca se devem fazer cócegas debaixo do queixo de uma criança, porque isso pode fazer com que ela fique gaga no futuro.

As mulheres ciganas têm o hábito de preparar diferentes modelos de contas de argila, acreditando que eles podem ser poderosos talismãs para o momento do parto. Sabe-se que essas contas podem ser, ou não, cozidas no fogo. Na primeira menstruação das meninas, são elas mesmas que recolhem o seu sangue para misturá-lo com o barro e um pouco de água, e assim fazem as suas primeiras contas. Por alguma razão que desconheço, tais contas são chamadas de *sap*, o que na língua dos rom significa “cobra”. E não demora muito para que essas contas funcionem como um poderoso sortilégio contra a gravidez; por isso toda menina deve usá-las ou mantê-las em algum lugar seguro, até que chegue o dia em que queira ficar grávida. Quando isso acontece, ela pega as contas *sap* e vai, sozinha, até um rio. Ao chegar à beira do regato, ela as joga dentro da água e, à medida que se dissolvem, vai fazendo o seu pedido relacionado com a gravidez. (Em função da relação que se tem com o mukkadi, as contas devem ser lançadas em algum lugar da correnteza que seja bem distante daquele em que a família recolhe a sua água.) Diga-se de passagem que entre os ciganos é comum a prática de desfazer um trabalho mágico, com ritos semelhantes, diante do rio. Além disso, depois de impregnar as suas contas com determinados poderes, muitas shuwanis os liberam mais tarde, apenas dissolvendo essas contas nas águas.

Tão logo uma criança nasce, recolhe-se um pouco do sangue e dos fragmen-

tos do seu cordão umbilical para fazer uma conta de argila. E esse objeto só será dado àquela criança, depois que ela tiver algum entendimento, pois assim irá guardá-lo como o seu tesouro mais precioso. No dia em que ela morrer, essa conta será dissolvida na água, para que haja a libertação do seu espírito. Em geral, os rom dão a essas contas o nome de *zee*, ou seja, contas da “alma”.

O menino cigano passa a ser considerado como adulto, quando atinge os catorze anos de idade. Nessa ocasião, o garoto constrói uma casa de passarinho com a madeira que foi retirada por ele mesmo da floresta.



Uma casa de passarinho.

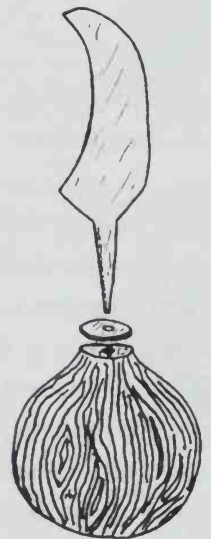
Essa casa de pássaros é bastante parecida com um vardo arredondado. O menino grava o seu nome nela, ou então suas iniciais, ou mesmo alguma outra marca, e depois entra na mata, à procura de uma árvore alta para dependurá-la. Deixa ali algumas oferendas e em seguida vai embora. Assim que a sua família passar por lá, ele vai junto para visitar o local onde pôs a casa. Se algum passarinho tiver feito um ninho dentro dela, é sinal de que o *chirilo* (pássaro) está protegendo o seu espírito. Pois os pássaros são reverenciados pelos ciganos como mensageiros do espírito, e como símbolos

do sol, do vento, do céu, dos espíritos em geral, e também como guardiães das árvores.

Tanto os meninos como as meninas constroem casas de passarinho para vender nas cidades e vilarejos. Porém elas não são feitas com o mesmo amor que é dedicado àquelas que são construídas na época em que se tornam adultos, sem falar na madeira imprestável que nelas é usada.

Aos catorze anos, o menino fabrica a sua própria faca (*chiv* ou *choori*). Em geral, é feita da lâmina de um velho punhal, sendo torneada na forma de uma pequena adaga e tendo uma das extremidades encaixada em um cabo de madeira entalhado à mão. É utilizada para entalhar flores na madeira e para fazer pregadores de roupa. Nessa idade, os meninos ainda cumprem diversas tarefas no acampamento.

Todo cigano, de qualquer parte do mundo, adora tomar uma boa xícara de chá. E, como a preferência da maioria se inclina para aquele que é feito com ervas fres-



Uma *choori* (faca).

cas, uma das tarefas da chavvi é coletá-las para o chá. Além disso, as crianças também devem conhecer as ervas próprias para os diferentes chás, como, por exemplo, o “chá noturno”, feito com lavanda, cidreira, capim-limão, hortelã-pimenta, Bahe-Bahe e outras. Ou então o “chá da primavera”, que leva poejo, sassafrás, salsaparrilha e outras ervas. E ainda existem muitos outros chás com sabor mais acentuado, como é o caso dos que são feitos com melissa, fraxinela ou sálvia. O chá de folhas de framboesa é bastante popular por quase toda a Inglaterra, em virtude de suas propriedades tranqüilizantes. Há um outro chá com flores de trevo que também é estimado, assim como o de rosas, salsa, folhas de amoreira negra, catária, betônica, e muitos outros, feitos de uma variedade enorme de ervas.

As chavvis ainda são encarregadas de colher as ervas que serão usadas para que o alimento não fique rançoso. Acreditou-se durante muitos anos que os ciganos possuíam o dom de *ocultar* o gosto de ranço da comida, quando na verdade eles descobriram as formas apropriadas de uso dos condimentos para que houvesse a preservação efetiva das gorduras, de maneira que elas não tornassem os alimentos rançosos, o que normalmente acontece sob diversas circunstâncias. Entre essas ervas, estão a alcaravia, a canela, o cravo-da-índia, o cominho, a erva-doce, a noz-moscada, a pimenta e o açafraão-da-índia. A erva-doce é muito apreciada no tempero dos peixes.

Os ciganos têm o hábito de adicionar um bocado de aveia ao café para aprimorar o seu sabor. A aveia é colocada para ferver em uma panela, com um quarto de água, por aproximadamente quinze minutos. Depois a água é escorrida e despejada fora. Daí, cobre-se de novo a aveia com mais um quarto de água, e põe-se para ferver em fogo baixo por mais trinta minutos. Esse líquido é novamente coado, só que agora descarta-se a aveia, mantém-se a água, e o café é feito com ela. O produto final tem um suave sabor, parecido com a baunilha, que é agradabilíssimo ao paladar.

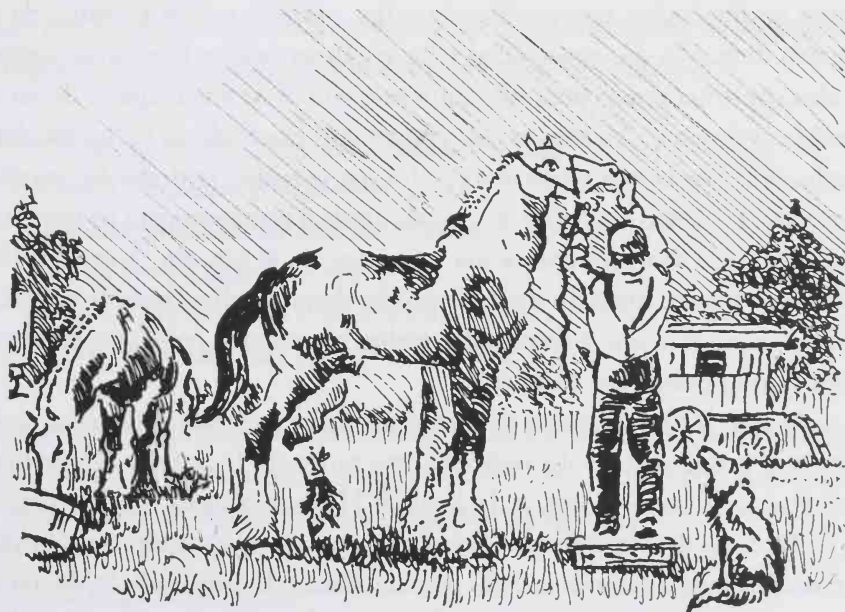
Não são poucas as ciganas que gostam de fumar cachimbo. E geralmente são elas mesmas que fazem as suas próprias misturas de tabaco. Mas a preferida reúne tussilagem, betônica, alecrim, tomilho, lavanda, camomila e escrofulária. Embora outras ervas também sejam usadas isoladamente ou misturadas, como é o caso do cerefólio, da sempre-viva, do verbasco, das folhas de baunilha, do alcaçu, da manjerona, da aspérula e do estoraque.



14

PELES E PENAS:

Amor pelos Animais e Cura



Por viverem tão próximos da natureza, os ciganos acabaram desenvolvendo uma relação muito estreita com todas as formas de vida animal. Entretanto, embora o cachorro seja o melhor amigo do homem, quem cumpre essa função para o cigano é o cavalo, ou *grai*, conforme eles o denominam.

Os rom fazem uso dos cavalos para puxar as suas casas e para ajudar no trabalho; afora isso, ainda os comercializam, uma das razões pelas quais eles os mantêm em excelentes condições. Talvez fosse impossível haver o deslocamento constante dos ciganos, sem o cavalo; por ser tão fundamental na vida dessa comunidade, esse animal é o tema mais comum na decoração dos vardos. Pode-se inclusive afirmar que o cavalo é emblemático da vida em caravanas.

No passado, os ciganos conseguiam fazer ótimos negócios com os cavalos. Pois, naquela época, não havia fazendeiro que não o utilizasse, e o mesmo acontecia com as diligências, companhias de carga, exército e com as minas de carvão. E, se a demanda dos nossos dias parece não ser mais a mesma, o comércio de cavalos continua sendo uma excelente maneira de se viver, apesar de ter caído consideravelmente. Mesmo assim, continuam existindo as várias escolas de equitação, sem mencionar o uso dos cavalos nas corridas, reprodução, caçadas e nas charretes. Portanto, a criação de cavalos ainda é vantajosa para os rom, e eles não gastam muito dinheiro com a sua manutenção, já que são os veterinários e ferreiros dos animais. Além do mais, como eles desempenham essas funções com maestria, a economia que advém daí é realmente efetiva, pois jamais chamam qualquer outra pessoa para cumpri-las.

A cada ano, lá pelos meados de junho, acontece a grande feira de cavalos de Appleby nas proximidades do rio Éden, no norte da Inglaterra. Na verdade, existem outras feiras — como a de Brough Hill, de Seamer, de Lee Gap, de Yarm, de Malton, de Topcliffe, de Barnaby, e outras —; contudo, a de Appleby ainda é considerada a feira de cavalos por excelência. É uma tradição de mais de trezentos anos, e o seu comércio de equinos ocorria originalmente em um lugar conhecido como Areias, que também ficava nas proximidades do rio citado. Mas, com o decorrer do tempo, ela foi deslocada para Gallows Hill, onde permanece até hoje. A popularidade dessa feira é tão grande que mais de cinco mil pessoas a visitam anualmente.

Em função da enorme ligação que os ciganos têm com os cavalos, eles cultivam inúmeras superstições relacionadas com esses animais. Segundo uma delas, quando o rabo de um cavalo cresce a ponto de ficar todo cheio e largo, é sinal de que o período de estiagem está chegando ao fim. Uma outra diz que,

quando um cavalo se recusa a beber em dias quentes e secos, significa que um aguaceiro vem vindo pela frente. E, quando ele começa a se esfregar nas árvores e nas cercas, é sinal de que uma tempestade se aproxima.

Apenas com um simples olhar sobre o potro, os ciganos são capazes de dizer o tamanho preciso que o animal terá ao chegar à idade adulta. Em Northumberland, um cigano me disse que, se medirmos a altura que vai do solo ao dorso do potro e depois multiplicarmos o resultado por dois, teremos a altura exata que ele alcançará no futuro. E ressaltou ainda que essa forma de medição deve ser feita, assim que o potro se levanta pela primeira vez após seu nascimento.

Os ciganos têm horror em trocar o nome de um cavalo, porque dá azar. Por isso, quando precisam vender algum que já foi nomeado, eles se valem de um pequeno truque: simplesmente transmitem um nome errado ao comprador, para que ele, ao mudá-lo, não faça isso com o nome verdadeiro. Quando o rom vê uma mulher ruiva cavalgando um cavalo branco, considera nisso um sinal de sorte em abundância.

Charles Leland nos diz que os ciganos húngaros costumam fazer um feitiço quando um cavalo é roubado. Eles enterram um dos arreios e depois acendem uma fogueira naquele local, pronunciando as seguintes palavras:

Quem me roubou o cavalo, doente irá ficar.
 Que a força dele o abandone!
 Meu cavalo, com ele não há de estar,
 Volta, venha logo para mim.
 Pois a força dele está indo embora
 Como a fumaça que no vento evapora!

Leland ainda nos diz que, para saberem qual é a direção que foi tomada pelo cavalo roubado, os ciganos vão até um rio, com um “bebezinho” nos braços, e, segurando-o sobre as águas, dizem as seguintes palavras:

Me diz, Ó Nivaseha,
 Através da mão da criança,
 Onde está o meu cavalo?
 A criança é tão pura; pura como o sol,
 Pura como a água, pura como a lua,
 Pura como a própria pureza.
 Me diz, Ó Nivaseha,
 Através da mão da criança,
 Onde está o meu cavalo?

Para evitar que o seu cavalo seja roubado, a primeira coisa que o cigano faz, quando o adquire, é amarrá-lo perto de uma pequena fogueira, para depois chicoteá-lo no lombo com uma vara parcialmente escurecida pelo carvão. À medida que as chicotadas vão sendo dadas, ele entoa o seguinte encantamento:

Fique aqui, fique aqui!

Você é só meu!

Três cadeias eu tenho

Para prender você.

Uma é a terra,

A segunda sou eu,

E a outra é Deus.

O cigano tem o costume de desenhar círculos nas patas do animal, um na da direita e outro na da esquerda, repetindo as seguintes palavras:

Gire, gire e gire!

E que esteja sempre presente.

O demônio jamais virá até você!

Pois Deus o guardará para sempre.

Que se afaste então do meu cavalo

O Pai do Mal!

Que não vá para outro homem.

Que seja bonito, brincalhão e bom.

E que os sete espíritos da terra escutem!

Eu tenho sete cadeias

Para sempre proteger este animal!

Depois que essas palavras são ditas, o cavalo é alimentado com um naco de pão previamente lambuzado de sal, e daí o cigano cospe sete vezes na cabeça do animal.

A tribo kukuya de ciganos húngaros também coloca o cavalo perto da fogueira. Depois cavam um buraco à sua frente e ali depositam um punhado de palha e alguns pêlos da crina e do rabo do animal. Riscam então na terra o contorno de sua pata dianteira esquerda, retiram cuidadosamente a terra que ficou no interior desse contorno e põem-na dentro do buraco, repetindo as palavras:

Uma palha! Um cabelo!
 Que não tenhas fome jamais.
 E que morra aquele que te roubar!
 Como o cabelo e a palha,
 Que estou a enterrar!
 Terra, assim como essas coisas são só tuas!
 Que o cavalo também seja meu!

Para manter o cavalo sempre saudável e com uma aparência jovial — especialmente quando ele vai ser exibido em uma feira! —, há uma prática muito comum entre os ciganos, que consiste em esfregar alguns dentes de alho ao longo de sua espinha.

Como eu já disse, enquanto o cachorro é o melhor amigo do “homem”, o do cigano é, sem sombra de dúvida, o seu cavalo. No entanto, quase todas as famílias ciganas também possuem um cão (que na língua romani é denominado *jukel*). A maior parte deles vem do cruzamento conhecido por “vira-lata”, mas geralmente são miscigenados com o sangue das raças greyhound, scottish deerhound, wolfhound, collie, pastor alsaciano, bedlington e, por vezes, o doberman. Mas eles são, antes de mais nada, cães de caça, e ajudam os rom na caçada de vários animais, tais como o faisão, a lebre, o coelho, e até o porco-espinho. Enquanto o cavalo tem a total confiança dos ciganos, a ponto de estes não hesitarem em beber água no mesmo lugar em que o animal bebeu, o cachorro é visto por eles como um *mokkadi*, que, como já foi dito, quer dizer “impuro”. E eles também vêem assim o gato, uma vez que tanto um como o outro vivem lambendo o pêlo para se limpar.

Um shuvano da Escócia me falou a respeito de um feitiço de amor que ele considerava “infalível”. Quando uma pessoa, que está apaixonada, se depara com dois cachorros cruzando, ela deve lançar sobre eles uma peça de pano. Terminada a cena, a mesma pessoa deve pegar de volta o pedaço de pano, para dar de presente ao seu amado; mas isso deve ser acompanhado das seguintes palavras:

Eu, o cachorro; ela, a cadela;
 (ou então, “Ele, o cachorro; eu, a cadela”)
 Eu, o cabo; ela, o machado;
 Eu, o galo; ela, a galinha.
 Isso, isso é tudo o que eu desejo!



O melhor amigo do cigano.

Conheço muitas mulheres que receberam uma peça de pano igual a essa, sabendo que se tratava de um sortilégio, e que por isso mesmo confeccionaram uma fronha com ela, ou alguma coisa similar, para que com esse pano sempre por perto fosse mantida a união do casal.

Quando um cachorro se põe a rolar diante da entrada de um vardo, a partir daí ele passa a ser observado com muita atenção. Pois os ciganos acreditam que, quando isso acontece, é sinal de que um forasteiro está chegando, vindo da direção indicada pelo animal no momento em que ele parou de rolar e se levantou.

O gato (*matchiko*) não é tão encontrado entre as famílias ciganas. Embora não haja indiferença com relação a ele, tanto é que se vêem muitas vezes crianças ciganas brincando com esse animal, o fato é que a sua presença não é comum entre os nômades. Junta-se a isso a concepção dos ciganos, segundo a qual qualquer coisa viva ou inanimada deve compartilhar o trabalho cotidiano da tribo. Assim, adultos trabalham, crianças trabalham, cães trabalham, mas quem já viu alguma vez um gato trabalhando?

Costuma-se dizer entre os rom que, se um gato sentar com o rabo apontado para o fogo, é quase certo que um feitiço venha a caminho. Além disso, levar para casa um gato que se perdeu na rua é o mesmo que carregar o azar para den-

tro do espaço privado; eis por que as crianças são muito bem-instruídas para não fazerem tal coisa. De acordo com uma crença antiga, que tem a plena concordância de muitos ciganos, quando um gato se posta sobre o peito de um recém-nascido que está dormindo, certamente ele está “sugando a respiração” da criança.

Os melros, gralhas, corvos e algumas outras aves de rapina são vistos com olhos favoráveis pelos ciganos. Principalmente o corvo, que é considerado como um pássaro que indica a boa sorte. Mas os pássaros que tagarelam demais são tidos como mensageiros de problemas. As corujas, por exemplo, são vistas como aves portadoras de más notícias. Os ciganos acham que, se aparecer um bando de pardais na primeira semana de dezembro, é sinal de que o inverno será rigoroso.

Em geral, as cobras são indícios de boa sorte. Conforme já mencionei no Capítulo 6, a pele de cobra é usada para curar o reumatismo e a inflexibilidade das juntas. Como os ciganos romenos e húngaros têm o hábito de acampar em cavernas no alto das montanhas durante o inverno, eles encontram frequentemente ali muitas cobras e lagartos secos. E é justamente com esse material que fabricam um pó que, segundo eles, possui um grande poder mágico. E dão um exemplo disso: se uma pitada desse pó for espalhada sobre a cama de um casal, haverá longevidade e felicidade no relacionamento conjugal.

No dia de São Miguel (29 de setembro), um grupo enorme de ciganos comparece ao desfile de cavalos que há em Iona e também em outras ilhas do norte da Escócia. Por tradição, nesses eventos ninguém monta o seu próprio animal. O costume é roubá-lo de algum vizinho e montá-lo, sem a sela, com a esposa ou a namorada na garupa. Em Iona, a cavalgada dos ciganos ocorre em torno de um monumento feito com um círculo de pedras cujo nome é “Monte dos Anjos”. O espetáculo é seguido de um festejo com comidas, bebidas e um bolo feito pelas mulheres, que é conhecido como o “Bolo de São Miguel”. Eles aproveitam a ocasião para fazer uma reunião no cemitério da ilha de Canna, onde montam mais uma vez os seus cavalos, sem selas, com uma dama na garupa, que nesse segundo encontro não é a esposa nem a namorada de cada um deles, e sim a mulher do vizinho. No final, todos saem em procissão e vão até um determinado lugar onde foi erguido um menir. Lá chegando, galopam em volta do monumento por três vezes, sempre no sentido horário. Por fim, retornam a galope até a hospedaria da cidade e aí se divertem novamente, celebrando com bolos e bebidas. Segundo os ciganos, tudo isso assegura a boa sorte e a fertilidade para toda a tribo no ano seguinte.

Até pouco tempo atrás havia uma crença muito difundida, na qual se dizia que, se um casal de noivos encontrasse alguém a cavalo durante o percurso até a

160 igreja, os dois seriam bafejados pela boa sorte, por toda a vida. Em uma velha revista escocesa, que tinha o nome de *North-East Corner of Scotland*, foi escrito um artigo no ano de 1886, do qual extraí o trecho a seguir: “Quando os noivos se deparavam com um cavalo (montado ou não por alguém) no momento em que se dirigiam para a igreja, isso era considerado pelos antigos como uma prova incontestável de que aquele matrimônio seria feliz.” Por conviverem com essa crença, quando os ciganos recebiam a notícia de algum casamento na cidade, montavam o seu cavalo e tomavam o rumo do local das núpcias, porque sabiam que lá ganhariam moedas de prata em retribuição ao augúrio da sorte que proporcionariam aos noivos.

Quando morre um cavalo favorito, seu proprietário pendura os cascos do animal no vardo. A partir dessa data, os cascos passam a ser vistos como objetos sagrados, com a função de manter o azar bem distante. Os ciganos da região oeste da Inglaterra costumam dizer que conduzir um dente de cavalo no bolso ou na putsí é o mesmo que carregar consigo a riqueza e a prosperidade.

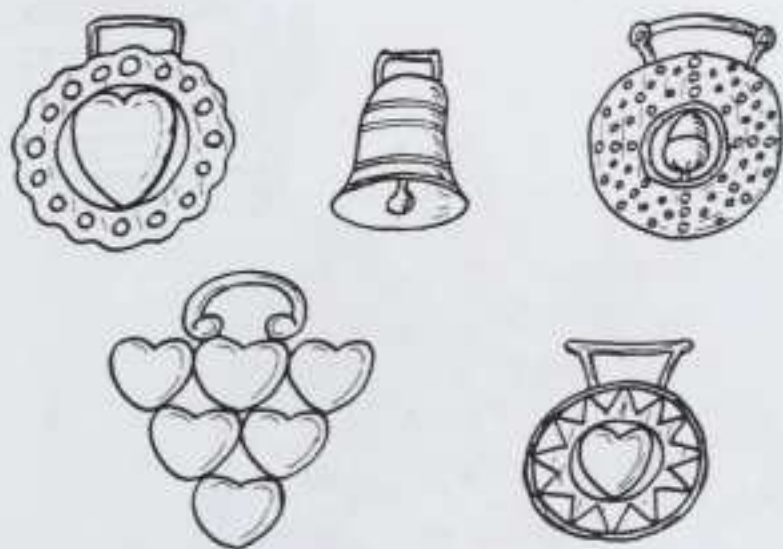
Se uma mulher solteira achar uma ferradura, ela deve contar a quantidade de buracos que estão sem pregos, uma vez que o total vai representar o número de anos que falta para ela se casar.

O cavalo e todas as fontes importantes de poder devem ser muito bem protegidos. Tal lema vem sendo seguido, no transcorrer dos séculos, por muitas culturas e também pelos ciganos. Foram estes, no entanto, que alcançaram renome devido aos “medalhões” que fabricavam com o intuito de estabelecer uma proteção para os seus cavalos. O resultado disso pode ser visto nos medalhões ostentados por quase todas as grandes raças de cavalos de carga, tais como a shire, a clydesdale, a suffolk punche, a cleveland bay, a hackney, e outras mais. Esse medalhão é um símbolo, ou, melhor, compõe um conjunto de símbolos feitos de bronze, os quais são dependurados no arrieiro do animal. Mas, às vezes, também se vêem diversos medalhões pendendo da correia de couro que é presa à cinta do cavalo, e aproveitam-se para isso vários símbolos. Os mais antigos e populares são o sol, a lua, as estrelas, o coração, a cruz, e o tríscele; este último exhibe as três pernas da roda do sol. E ainda são usados alguns desenhos geométricos, sinetes, reproduções de imagens de cavalos, chifres, ou qualquer outra coisa que tenha um significado especial para o artesão.

Tais símbolos tinham, em sua origem, a função de proteger os cavalos das doenças e do mau-olhado. E também para dar força e resistência ao animal, além de promover a fertilidade. Não há dúvida de que, dentre essas figuras, as mais difundidas eram o sol e a lua em todas as suas variantes representativas. Às vezes, encontram-se medalhões que exibem diversos tipos de luas; alguns

estampam três luas crescentes, e outros exibem uma estrela no interior de sua lua crescente.

Alguns dos modelos, que continham um coração inscrito na sua base, tentavam expressar a intenção de "doar um coração" ao animal e, por consequência, a força. É preciso assinalar que vários ciganos se valem desses medalhões de cavalo para estimular o amor na vida deles. Mas as ciganas também gostam de usá-los dependurados nos seus cintos, pois, embora sejam pesados, sua eficiência é voz comum entre todos eles.



Medalhões de cavalos.

INSTRUMENTOS DO OFÍCIO:

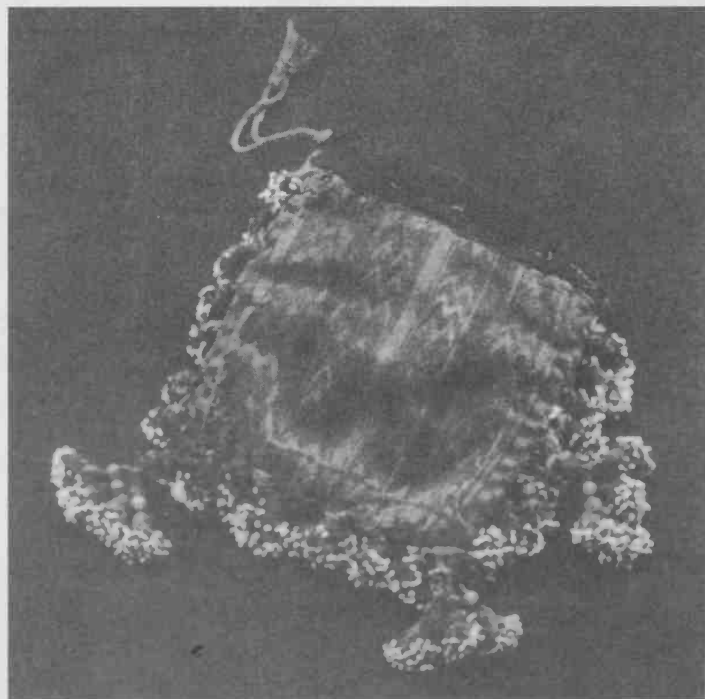
Auxílios e Extensões do Poder



No que diz respeito à magia, os cigãos geralmente fazem uso dos instrumentos mágicos que estão à mão, por isso não existe de fato um conjunto de itens específicos para ser aplicado na sua feitiçaria e magia. Não obstante, pode-se dizer que alguns deles são comuns entre as shuvanís e os shuvanós.

A Putsi

É provavelmente o item mágico mais encontrado entre os cigãos. Ela é uma bolsa que varia de tamanho e que portanto pode ser pequena ou grande; algumas têm uma fita ou uma aba para fechá-la. A maior parte das putsis são feitas com tecidos: de retalhos cortados dos velhos drapeados, cortinas, roupas e até mesmo de tapetes, embora também sejam encontradas aquelas que são confeccionadas com couro. Quase todas são decoradas e, na maioria das vezes, com botões coloridos e bordados. Elas são freqüentemente penduradas no pescoço por um cordão, ou então afixadas no cinto.



Doug Deutscher

Uma *putsi*, ou bolsa romena do ano de 1850.

A Kosh

Embora a “varinha mágica” não seja muito utilizada pelos ciganos, algumas shu-vanis gostam de tê-la. E para isso cortam um galho de árvore com muito cuidado, fazem o seu polimento, decoram-no e às vezes chegam a consagrá-lo. Essa varinha costuma ter cerca de quarenta e seis centímetros de comprimento, e tanto faz se é de madeira flexível ou não. Cheguei a ver muitas, que eram apenas um galho cortado de uma árvore que havia sido atingida por um raio, pois era justamente essa eventualidade que lhes conferia poderosas propriedades mágicas.

A varinha, ou *kosh* (que significa literalmente “graveto”), não deve ser grossa. Algumas apresentam-se com a sua casca totalmente removida, enquanto, em outras, esse procedimento é feito em uns poucos centímetros de sua base, para que não machuque as mãos de quem a manipular. Eu soube que existem algumas que têm na base um delicado fio de cobre, ou de ouro, enrolado em espiral. Cheguei a ter a oportunidade de ver uma varinha que possuía um maravilhoso cristal incrustado na sua ponta, porém, a sua decoração mais usual é obtida através da queima da madeira ou dos desenhos feitos nela, que são as inscrições de diversos símbolos, à livre escolha do seu proprietário.

Para sacralizar a varinha, ela é levada até um córrego, mergulhada na água, e assim é consagrada. São sempre ditas várias palavras nessa ocasião. Um shuvano me disse que ele tem o hábito de dizer o seguinte:

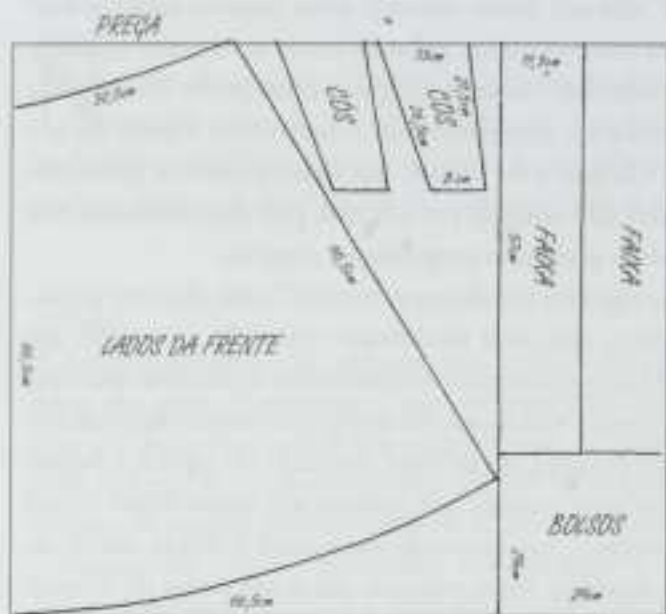
Katar rook,
Katar puv,
Katar Mamus;
Akai sor mi ruzlapen.

Da árvore,
 Da terra,
 Da Mãe;
 Toda a minha força vem delas.

Algumas varinhas possuem um entalhe afiado na ponta. E são geralmente usadas da mesma forma que os atames o são pelos seguidores da Wicca, ou seja, como um protetor do “poder” (da força, do desejo). Quando a shuvani quer direcionar algum desejo ou feitiço, ela segura a *kosh* com ardor, apontando-a para a direção pretendida.



Uma *kosh*, ou a varinha mágica dos ciganos.



JODDAKAI (AVENTAL)

segundo Marjorie Stapleton



Cabos e bolsos com
pontos para



Bolsos decorativos
com bordado

Moldes e instruções para fazer um joddakai.

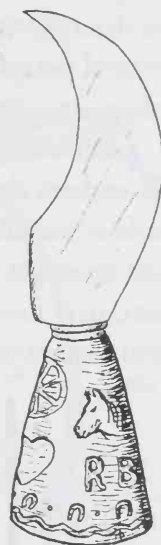
O Joddakai

Um grande número de mulheres ciganas veste um avental que é chamado de *joddakai*. E as shuvanis, na sua maioria, também têm o hábito de vesti-lo, com a diferença de que assim o fazem como se estivessem trajando um manto mágico. Esse avental da shuvani tem normalmente uma cor forte — verde-escuro, marrom, azul-escuro, laranja-intenso — com o cós e os bolsos em cores contrastantes. Os bolsos são tão amplos que nos dão a impressão de que neles qualquer coisa pode ser guardada! O molde e as instruções para se fazer um *joddakai* típico encontram-se na página ao lado.

A Choori

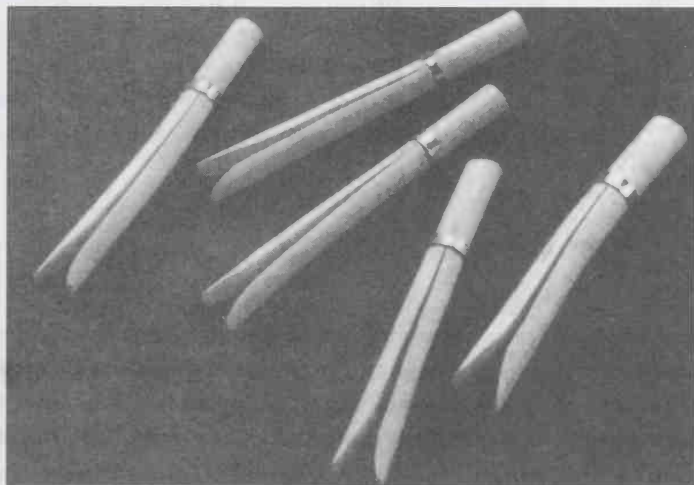
Choori é o termo empregado na língua romani para significar “faca”. Não se usa, entre os ciganos, um tipo de faca especial, como é o caso do atame entre os seguidores da Wicca, mas nenhum deles, especialmente a shuvani e o shuvano, deixa de carregar uma *choori*. O “canivete”, como essa faca é chamada algumas vezes, é quase sempre feito a partir de uma velha faca de cozinha. É retirada a lâmina do antigo cabo e depois se faz uma outra de madeira para ele, que é toda entalhada de forma a não causar desconforto ao seu dono. A nova lâmina é enterrada ao pé de uma árvore por algum tempo.

No caso de ser feita para a shuvani ou para o shuvano, decora-se freqüentemente o cabo da faca. E os símbolos utilizados são, mais uma vez, de escolha individual, em conformidade com as razões pessoais de cada um.



Uma *choori*, usada para entalhes.

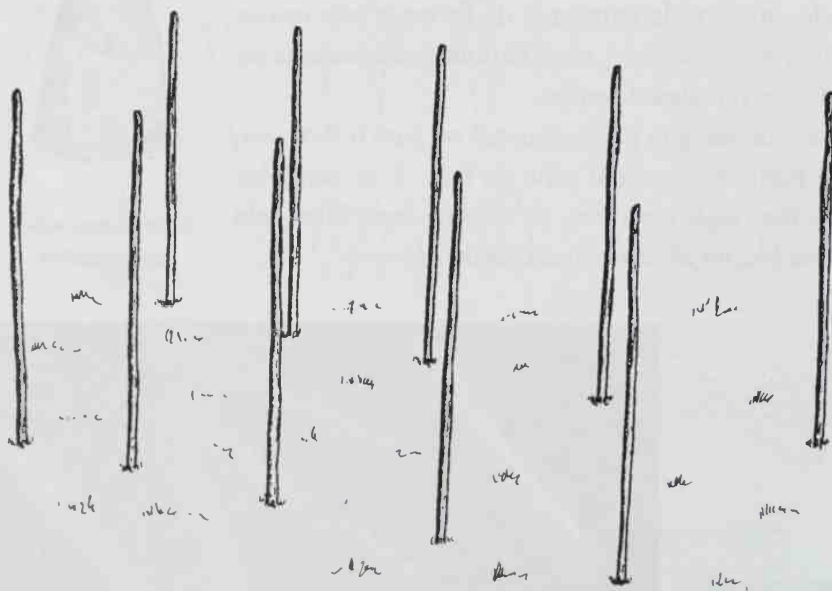
Pregadores de roupas, ou *koshters*, confeccionados por ciganos. Eles os entalham com a *choori* e depois os vendem para os gaujos.



A choori cigana sempre tem uma lâmina muito bem afiada para estar apta a ser aproveitada dos mais diversos modos. No entanto, o seu emprego principal é para entalhar os pregadores de roupa e os crisântemos de madeira: esses últimos são uma especialidade vendida de porta em porta. No ato de entalhar a madeira, os ciganos apóiam-na na região do joelho e vão tirando as lascas com a faca até conseguirem o formato desejado.

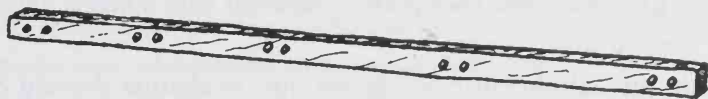
A Tenda

A importância da tenda para uma shuvani é igual à da cabana ou oca para os curandeiros e curandeiras ameríndios. E nela compõe-se o local onde é habitualmente desenvolvida e concentrada a energia. Além de ser um abrigo seguro e confortável perante os elementos da natureza, se a tenda for devidamente consagrada passa a servir também de abrigo contra os elementos sobrenaturais. Às vezes, a shuvani a usa para um fim muito parecido com a busca da visão dos xamãs, embora ela também possa ser simplesmente um lugar tranqüilo e solitário onde se trabalha com feitiçaria e magia. Quando é necessário fazer um tipo especial de magia, a shuvani se afasta da caravana, monta uma tenda na clareira da mata, para ficar por alguns dias; só depois de findar os trabalhos, ela retorna e se reúne outra vez aos vardos.

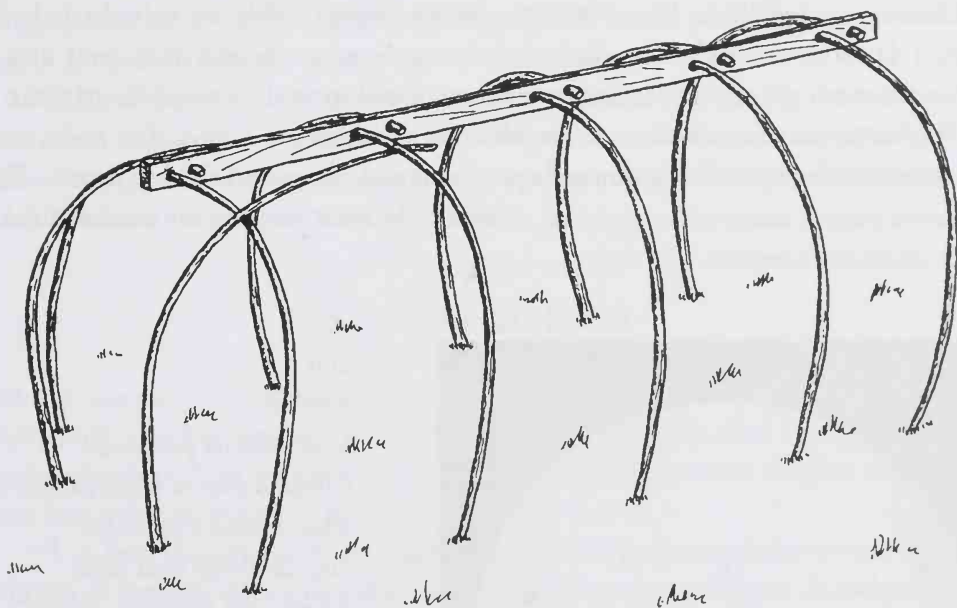


Para fazer uma tenda, corte uma dúzia de galhos de uma árvore, com cada um deles medindo cerca de três metros de comprimento: a madeira da aveleira é a melhor, mas isso não impede que se usem outras. As extremidades dos dez galhos devem ser bem enterradas em duas fileiras de cinco, tendo-se o cuidado de manter uma distância de duas passadas entre eles, tal como nos mostra a ilustração.

Conforme pode ser visto nas ilustrações que se seguem, fazer uma tenda não é uma tarefa difícil. 169

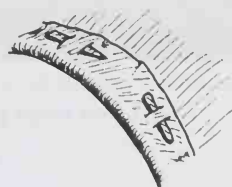


Para o encaixe central, pegue uma viga de madeira não muito grossa — medindo mais ou menos dois metros e meio de comprimento, com quatro centímetros de largura e dois de espessura — e faça nela uma série de quatro buracos duplos. Ponha, entre eles, o mesmo espaçamento que há entre os galhos fincados na terra, exatamente como está na ilustração.



Os galhos laterais são cuidadosamente envergados, e as suas extremidades são encaixadas nos buracos. Por fim, são fincados mais dois galhos na terra — na parte de trás (ou seja, onde se escolheu para ser o final da tenda) —, que serão introduzidos nos dois primeiros galhos laterais.

Depois de feita a armação básica da tenda, você deve cobri-la com uma lona ou então com cobertores velhos. Para unir as extremidades dos cobertores e deixá-los seguros nos mastros traseiros da tenda, recorte pequenos furos no tecido e prenda-o com alfinetes improvisados, conforme mostra a ilustração.



O tamanho da tenda vai variar de acordo com a quantidade de galhos que serão empregados. Caso se queira uma abertura de entrada que possa ser fechada, pode-se incorporar uma aba com muita facilidade. E eis então já pronta a sua tenda mágica, um lugar onde você poderá trabalhar com a magia, tal como uma shuvani ou um shuvano.

É mais do que sabido entre os ciganos que, se alguma shuvani está trabalhando no atchin'tan (acampamento) e não quer ser incomodada por ninguém, ela simplesmente pendura um pano azul na entrada da sua tenda, e este é o aviso para que nenhuma pessoa se aproxime.

Dukkering com uma Tábua

Descrevi no meu livro *Secrets of Gypsy Fortunetelling* (1988) um método de leitura da sorte, ou dukkering, que consiste simplesmente no ato de se girar uma faca comum de cozinha sobre uma tábua. Conforme dito naquelas páginas: “Utiliza-se uma faca comum de cozinha. No primeiro momento, ela é posta no centro da tábua para ser contornada por um círculo de pedacinhos de papel... E, nesses papéis, escrevem-se algumas *respostas*.” As mais comumente usadas são as enumeradas a seguir:



Raymond Buckland

Sim

Não

Você deve ter paciência

Cuidado com os falsos amigos

Boas notícias a caminho

Está chegando uma carta

Sucesso nos negócios

Uma visita inesperada

O amor está presente

A alegria substituirá as lágrimas

Notícias vindas de longe

Um novo admirador

Um encontro inesperado

Uma viagem

Uma carta importante

Tábua usada para *dukkerin*'.

Essa é uma forma de oráculo bastante simples, já que a pessoa tem apenas que se concentrar em uma pergunta que quer ver respondida, e depois girar a faca que está no centro da tábua. Mas ela só é movimentada por três vezes, obtendo-se portanto três mensagens. Uma (não necessariamente a primeira a ser respondida) esclarecerá a indagação original, ao passo que as outras duas serão mensagens que poderão ou não estar relacionadas com o tema inquirido.

Apesar de essa forma de leitura ser generalizada entre os rom — inclusive as crianças se valem dela —, nem por isso ela deixa de ser amplamente empregada pela shuvani e pelo shuvano. Contudo, enquanto os ciganos comuns fazem uso de uma velha tábua de cozinha, a shuvani utiliza uma outra, feita especialmente para esse tipo de oráculo. Pode ser até que ela se valha eventualmente de uma velha tábua de cozinha; porém, quando isso acontece, ela a decora e a prepara à sua maneira. Uma outra diferença no seu uso é que, em vez de pôr os pedaços de papel em torno da faca, ela grava as respostas de modo permanente na madeira. A gravação é feita por meio do entalhe ou do fogo.

E já que falei em fogo, que entre os ciganos é denominado *yag*, devo enfatizar o fato de que ele é o ponto focal do acampamento. Razão suficiente para que eu narre agora a deliciosa história de como o fogo chegou às mãos dos ciganos. A história me foi contada por minha avó.

A BUSCA PELO FOGO

Houve um tempo em que os deuses achavam que o fogo era muito perigoso para ser usado pela humanidade. Naquela época, os rom *jal a drom* (peregrinavam pelas estradas). E, se viajavam felizes por todo o verão, quando chegava o inverno, eles quase morriam de frio.

Um belo dia, uma tribo de ciganos aproveitava despreocupadamente o calor do fim da jornada, espreguiçando-se sobre algumas pedras próximas do atchin'tan. O contentamento da puridai com o brilho do sol era tanto, que, de repente, ela falou:

— Se eu pudesse ter, nem que fosse um só pedaço desse sol, não haveria quem ficasse sem se aquecer pelo ano inteiro!

Ao ouvir as palavras da velha puridai, o jovem Bokka, que era o filho mais novo de quem fazia as rodas dos vardos, logo retrucou:

— Deixa comigo, pois vou procurar os deuses e pedirei para que eles me dêem um pedacinho do sol!

Embora os seus *prals* (irmãos) mais velhos tivessem iniciado um deboche geral em cima dele, a velha puridai deu o seu assentimento ao desejo do rapaz, completando-o assim:

— Isto seria ótimo!

O jovem Bokka pegou imediatamente com a sua mãe alguns suprimentos e partiu em sua jornada. Atravessou montanhas e vales, cruzou grandes rios e pequenos regatos, desbravou densas florestas, e percorreu extensos campos, até chegar o dia, quando estava passando por um velho celeiro de uma fazenda, em que escutou subitamente uma voz a lhe chamar bem baixinho:

— Por favor, meu bom rapaz, me ajude!

Bokka estancou seus passos e olhou para dentro do celeiro, local de onde vinha aquela voz. A construção estava abarrotada, pois ali o fazendeiro estocava as suas sementes e cereais. Então, ao se aproximar, ele pôde ver um grande número de armadilhas. E, aprisionado em uma delas, deparou-se com um enorme rato preto.

— Foi você que me chamou? — indagou Bokka.

O rato mexeu afirmativamente a cabeça, e disse:

— Essa armadilha do fazendeiro me pegou. — E seguiu dizendo: — Por ser um romani, você deve saber muito bem o que significa a liberdade. Por isso lhe pergunto: você gostaria de ficar preso numa armadilha?

— É claro que não! Mas desde logo vou lhe dizendo que eu dificilmente seria preso — contestou o rapaz.

Em seguida, Bokka deu uma olhada na pilha gigantesca de grãos e cereais, e inquiriu ao rato:

— Quer dizer que você estava pegando os grãos do fazendeiro, hein!?

Mas a criaturinha deu prontamente a sua resposta:

— Você não está vendo que neste celeiro tem grãos para dar e vender? Sem falar nas sementes que na verdade pertencem a toda gente, porque, afinal, não foram os deuses que nos deram tudo isso de presente? Penso, portanto, que o fazendeiro não tem o direito de me privar da pequena parte que me cabe.

O jovem cigano ficou pensativo por alguns instantes, até que deu sua anuência às palavras do rato e, ato contínuo, desarmou rapidamente a armadilha e soltou o animal.

— Muito obrigado, meu gentil rom. Meu nome é Yag, e saiba que serei eternamente grato a você. Deixe-me então que o acompanhe, empoleirado no seu ombro, porque talvez eu possa ajudá-lo de alguma maneira na sua jornada.

Bokka o pôs sobre o ombro, e daí os dois prosseguiram felizes pelo caminho. Depois de um certo tempo pela estrada, por gostar demais de uma boa conversa, ele começou a explicar para o rato o motivo pelo qual viajava. E confidenciou-lhe a sua tentativa de encontrar os deuses para pedir um pedacinho do sol. Enquanto o escutava, Yag ia pensando com os seus botões que aquele moço precisaria mesmo da sua ajuda.

Assim foram caminhando até que chegaram ao atchin'tan dos deuses, já com a noite avançada. De mansinho, Bokka foi espiando tudo aquilo que podia ver por lá. Os vardos coloridos e brilhantes formavam um círculo no meio de uma enorme clareira da floresta. E os deuses se reuniam com muita comida, bebida, risos e lindas canções. De repente, o rapaz se deparou com um pedaço do sol no meio do círculo, deixando-lhe deslumbrado por toda aquela irradiação de luz e calor sobre o solo. Para completar o seu êxtase, os deuses tinham colocado sobre o fogo uma panela com água que já borbulhava e mais vários *sus-his* (coelhos) e *hotchiwitchis* (porcos-espinhos) espetados numa estaca, que cozinhavam lentamente sobre o calor.

Ao sentir o indescritível aroma daquela comida, o cigano ficou com a boca cheia d'água e, mesmo escondido atrás das árvores, sentia no seu corpo o aconchegante calor que vinha daquele pedacinho de sol.

Não contendo a sua ansiedade, Bokka dirigiu-se ao seu novo amigo nestes termos:

— Não tenho outro jeito senão pedir aos deuses um pedaço do sol para levar à minha tribo.

Yag sorriu, e disse:

— Você enlouqueceu, eles não vão lhe dar coisa alguma!

— Mas você não vê que o sol é como as sementes, os cereais, as nozes e os frutos das árvores? Por isso ele pertence a todo mundo! — foi a réplica imediata do moço.

— Então, por que é que você não vai lá pegar um pedaço do sol? — rebateu o rato.

Nesse instante, Bokka ficou amuado, sem qualquer reação ao estímulo de Yag.

— Bem, eu acho que não vai doer nada, se você for até eles para fazer o seu pedido — prosseguiu o rato, fitando o jovem cigano que a essa altura já estava começando a ficar deprimido.

Tão logo ouviu essas palavras, Bokka se encheu de coragem e saiu correndo na direção do acampamento dos deuses, que se surpreenderam com aquela visita inesperada.

— É imenso o meu prazer em conhecê-los, ó Poderosas Criaturas! — disse ele com voz empostada e a cabeça inclinada em sinal de reverência. — Estou aqui para lhes pedir um pedaço de sol, pois quero levá-lo de presente para a minha tribo. E isso porque o meu povo está sofrendo com o frio, e o seu maior desejo é ter um pouco desse calor para que aqueça o seu acampamento.

Foi nesse momento que a velha puridai dos deuses, uma anciã muito sábia que já tinha vivido algumas centenas de anos, falou para ele:

— Dou-lhe toda a liberdade para comer e beber conosco, mas, quando você for embora, não poderá levar, de jeito nenhum, qualquer coisa nossa.

Bokka, que estava morrendo de fome porque quase não tinha comido durante a jornada, não se fez de rogado e comeu todos aqueles quitutes, que pouco antes lhe deixaram de água na boca. E Yag, por sua vez, deu um pulo assanhado no ombro do amigo para também se deliciar com algumas raízes e legumes, enquanto os deuses observavam os dois com um silêncio divertido.

Depois de muito comer e beber, o rapaz deu mais uma investida com seus olhinhos cheios de esperança:

— Vocês têm certeza de que não posso levar um pedaço do sol comigo?

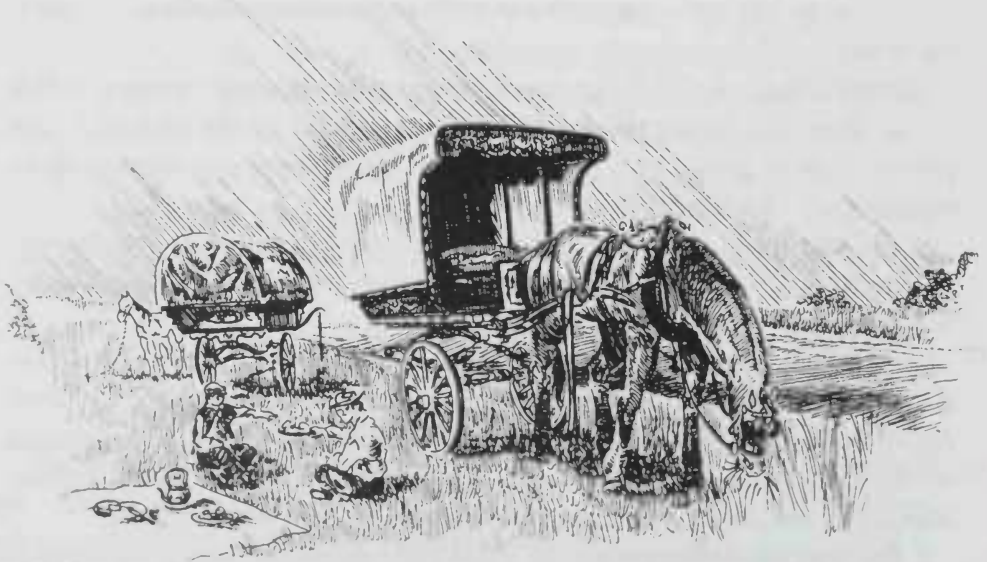
E mais uma vez a anciã replicou:

— Certeza absoluta, meu bom rapaz!

Foi o bastante para que Bokka, com tristeza, se despedisse dos deuses, saindo cabisbaixo do local. Diante do ar melancólico do amigo, Yag correu até a fogueira e se apossou de um talo de erva-doce em brasas. Ao verem aquele ratinho carregando um talo da planta, os deuses soltaram muitas gargalhadas e disseram para o cigano:

— Pelo jeito, o seu amiguinho ainda deve estar com muita fome. Por isso permitiremos que ele vá embora com o talo.

Logo que se viu sozinho de volta à mata, e longe dos olhares dos deuses, Bokka deixou que uma lágrima rolasse na sua face. E não era para menos, já que o sentimento que o dominava era o de ter falhado. Ainda mais porque, depois



77... nelle D. ...

Duas carroças ciganas com cobertura e assento.

de partir com tantas esperanças, ele acabara de ver todas elas desmoronando. Sem falar na zombaria que teria que suportar dos seus irmãos mais velhos quando retornasse à sua tribo.

Foram necessários muitos dias para que ele chegasse de volta à sua tribo, e se visse face a face com aquele círculo de vardos e todos os rostos familiares dos amigos e parentes. Nesse instante, o tristonho rapaz respirou fundo, uma vez que havia chegado a hora de falar com todos e admitir o seu fracasso.

Entretanto, no momento em que já estava quase preparado para enfrentar a situação, ele ouviu uma voz lhe chamando baixinho:

— Ei, aqui! Dá isso pra eles!

— Dá o que pra eles? Hein... então é você, meu amigo!? — foi a reação de um Bokka surpreso, por ter visto o companheiro que desaparecera depois da despedida no acampamento dos deuses.

— Vamos parar com a conversa fiada e faz logo o que eu lhe disse! — replicou Yag.

Somente nessa hora, Bokka percebeu que o rato lhe oferecia o talo de erva-doce que ainda ardia. Ele o agarrou com rapidez e correu para chamar os pais, irmãos, a puridai e todos os outros membros da tribo, que aguardavam a sua chegada.

— Olhem aqui o que eu tenho! — gritava o jovem cigano, segurando o talo com firmeza. E não houve quem deixasse de fitar admirado aquele talo que soltava uma fumaça cinza-azulada de sua extremidade. A essa altura, é preciso que se diga que a erva-doce, como também o sabugueiro, têm nos seus núcleos uma substância que sustenta a brasa e que por isso, quando são abanados, produzem uma pequena chama muito vívida e parecida com o sol.

Pois bem, o restante da tribo logo providenciou para que o talo de erva-doce ficasse no meio de uma pilha de gravetos, e então cada um deles se incumbiu de soprar o pequeno ponto de onde saía a fumaça. Em pouco tempo, aquele monte de madeira já ardia como um sol no centro do acampamento, observado pelos olhares extasiados dos ciganos.

Contentíssimo por ter dado à sua tribo um pedaço do sol, Bokka seguiu na direção do rato e lhe perguntou:

— Como poderei agradecer-lhe, meu bom amigo?

— Isso foi em troca do que você fez por mim no celeiro — respondeu Yag.

Dizem que, a partir desse dia, o termo *yag* foi escolhido pelos rom para expressar o fogo, e que além disso aquele ratinho, que se chamava Yag, foi depois proclamado o Rei dos Ratos.

No solstício de verão, que é conhecido como *Shanti*, as tribos ciganas têm o costume de erguer uma fogueira especial. Na véspera desse evento — intitulado “A Noite do Solstício” —, todos os ciganos se entregam à meditação e à escuri-

176 dão, e sem que ninguém acenda um único foco de fogo, justamente para recordar aqueles dias em que ainda não havia fogo, aquecimento, conforto nem qualquer modo para cozinhar os alimentos. Nessa noite, tudo ao redor fica em silêncio e quietude. Não se canta nem se festeja. É as horas adentram pela madrugada até que, no primeiro raio de luz da manhã seguinte, o rei cigano acende a fogueira. Um menino retira dela um feixe em brasas e vai, de vardo em vardo, acendendo o fogo daslareiras.

Depois é servido um maravilhoso café da manhã, repleto de bolos, pães, doces, mel, leite, cereais e chás aromáticos. E, a partir desse momento, os ciganos se dedicam à dança, à música e a todas as alegrias de uma grande celebração.



XAMANISMO CIGANO: A Profundidade dos Mistérios



Por viverem em relação tão íntima com a natureza, não causa mesmo qualquer espanto o fato de os ciganos serem considerados, por muita gente, como xamãs. É sabido que os xamãs podem ser encontrados universalmente: entre os lapões, os siberianos, os australianos, os africanos, os ameríndios e inúmeros outros grupos tribais. De certo modo, a shuvani tem várias características de um xamã, embora não se possa dizer que outros ciganos não as possuam também, pois que eles também vivem solitariamente, muitas vezes não acompanhando a tribo e sem a presença dos seus demais integrantes.

De acordo com o xamã, todos os elementos têm a sua fonte de poder no mundo espiritual e, por conseqüência, estão imbuídos de espíritos com os quais se pode fazer contato a qualquer hora que se precise deles. Assim, todas as formas de vida estão interconectadas em uma teia gigantesca. Já podemos ter, nos nossos dias, uma idéia nítida do que vem a ser essa interconexão, ao nos depararmos com o mundo dos computadores na grande teia da Internet. Portanto, se necessário, o xamã tem como se movimentar deliberadamente entre os dois mundos, a saber, o do espírito e o mundano.

As especialidades xamanísticas encontram-se na ordem da cura, do acesso tanto ao conhecimento novo como ao perdido, do desenvolvimento do poder e da profecia. Essas são as dimensões alcançadas pelo xamã na sua jornada.

Eis por que essa jornada é o método através do qual se estabelece uma comunicação com o *self* espiritual, que por sua vez está em conexão direta com as demais modalidades espirituais. O caminho do xamã se inicia então com uma descida imaginária ao interior da terra. Ele, ou ela, se põe dentro de um buraco cavado na terra, ou então penetra em alguma caverna ou algo similar.

Para chegar ao estado mental imprescindível a essa viagem, os xamãs se valem da batida rápida e ritmada do tambor, a qual é chamada pelos rom de cavalo, ou *grai*: o veículo da jornada espiritual. Mas o *grai* do xamã cigano é comumente obtido por um pandeiro, sempre tocado com um ritmo conhecido por batida *desh*, ou seja, uma freqüência de dez batidas em intervalos de três, três; dois, dois.

É perfeitamente possível aprender-se a jornada dos xamãs e, por conseguinte, obter-se o conhecimento, seja ele perdido ou novo. Mas, para começar a fazer isso, é preciso que você se deite confortavelmente em um local tranqüilo, onde ninguém possa perturbá-lo. Deixe uma luz fraca no ambiente ou, se preferir, fique na escuridão completa. Feche os olhos e comece a respirar profunda e pau-

sadamente, procurando relaxar o seu corpo de maneira a liberá-lo das dores e dos pensamentos inoportunos. Depois de conseguir um relaxamento total, elabore uma pergunta na sua mente. Após alguns instantes de concentração em torno dessa questão, deixe que ela se vá, e volte a relaxar, respirando novamente de um modo ritmado e profundo.

Concentre então os seus pensamentos no interior de uma caverna, ou em algum buraco na terra, ou mesmo na abertura do tronco de alguma árvore que já tenha sido vista por você na vida real, e que de novo retorna aos seus olhos através de sua criação mental. Mantenha-se atento a essa imagem, vendo-a em todos os seus detalhes. Em seguida, aproxime-se aos poucos, porém cada vez mais, daquele lugar. E, lá chegando, *entre* nele, procurando senti-lo de todas as maneiras que lhe for possível. Sinta o aroma da terra ou da madeira da árvore. Escute o ruído da água escorrendo pela parede de pedra da caverna. Enfim, apreenda e experimente esse lugar do modo mais intenso que estiver ao seu alcance.

Agora é o momento de penetrar um pouco mais na caverna ou, se for o caso, descer mais fundo pelo buraco. À medida que você assim o fizer, não se espante se surgir alguém ou alguma coisa pelo caminho. Essa aparição poderá ser uma pessoa, um animal, uma bola de fogo, ou simplesmente uma forte “impressão” de que algo está presente. Mas, seja lá o que for, não se preocupe, aceite-a e siga com ela. Caso você fique muito apreensivo com a presença dessa aparição, peça para que ela assuma uma forma diferente, que possa deixá-lo mais confortável e sem medo. Depois permita que o seu guia conduza você através das profundezas da terra. E, durante a descida, fale com ele a respeito da indagação que você quer ver respondida. Pois, certamente, você encontrará a resposta.

A solução para a sua pergunta poderá ser encontrada no instante em que você estiver passando por algum cômodo, uma biblioteca, uma escola, um campo verdejante, ou qualquer outro lugar. Pode ser que alguém apareça para presentear-lo com algumas palavras, ou talvez seja uma apresentação musical ou um livro antigo que irão esclarecê-lo. Em suma, são muitas as possibilidades que poderão surgir para que você as interprete e obtenha a sua revelação. Porém, o mais importante é que, de antemão, você já tenha a certeza de que a sua pergunta não ficará sem resposta. E, ao consegui-la, retorne ao local onde teve início a sua jornada; seu guia poderá ou não lhe fazer companhia na viagem de volta. De qualquer modo, antes de dar o seu primeiro passo de retorno ao mundo exterior, não se esqueça de agradecer a seu guia por ter conduzido você rumo ao conhecimento.

Depois de agradecer-lhe, volte a fazer o exercício de relaxamento, respirando de maneira pausada e profunda. E abra os olhos para despertar. Pegue, em seguida, uma folha de papel e nela escreva imediatamente tudo aquilo que foi aprendido por você durante a jornada.

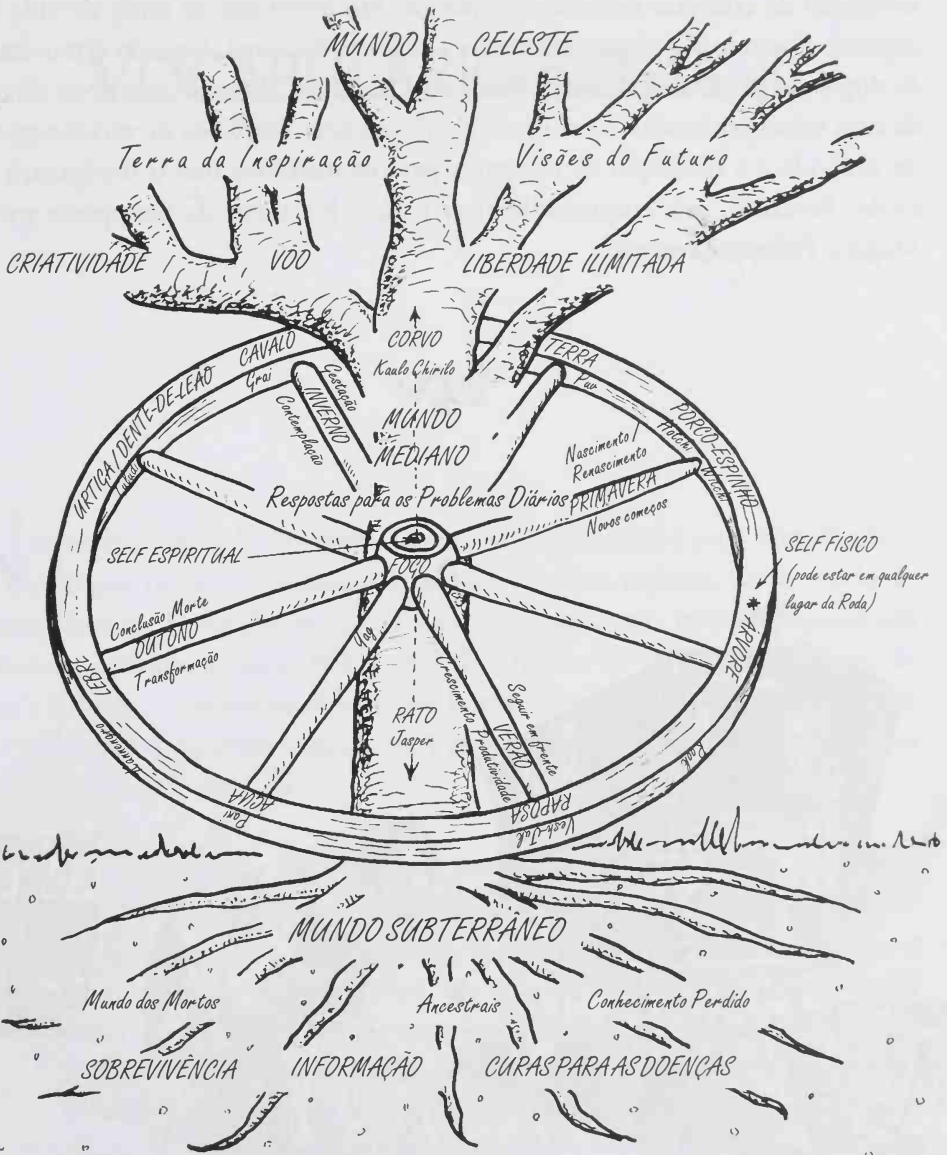
Essa técnica me foi passada por um velho xamã cigano chamado Grey Boswell, o qual encontrei vivendo em Norfolk Broads, no interior da Inglaterra. A casa dele tinha sido feita de um antigo barco e ficava debaixo de algumas árvores num banco de areia do rio Broads. Quando conversou comigo, ele fez questão de enfatizar que é preciso algum tempo para que se adquira uma perfeita sintonia com esse método, assegurando-me no entanto que qualquer pessoa poderia empreender a jornada dessa maneira, caso ela realmente se dispusesse a isso.

Na minha opinião, consegue-se uma ajuda valiosíssima quando se grava o som da batida do tambor em uma fita cassete, especialmente se a batida obedecer a uma freqüência de 210 a 220 toques por minuto e se for acionada no gravador com um volume bem baixo. E ressalto ainda que, dependendo do tipo de viagem que se faz ao mundo subterrâneo, a pessoa que o fizer poderá se deparar com túneis que eventualmente levarão a subidas ou a descidas. Portanto, tendo em vista que acidentes geográficos como esses poderão ser íngremes e perigosos, lembre-se de que, para cada obstáculo, sempre existirá um jeito de contorná-lo. Por isso não se amofine.

Segundo Grey, é bem provável que você encontre um “Animal de Poder” nessa jornada. E concordo com ele, já que não são poucas as vezes que esse ser aparece para cumprir a função de guia. O Animal de Poder é sempre uma fonte inesgotável de forças pessoais para quem o recebe, ou seja, uma energia da qual se pode dispor nos momentos em que se desejar. Entretanto, caso lhe venha o sentimento de que a criatura que guia você não é de fato o seu Animal de Poder, peça para que ela lhe apresente aquele que você julga sê-lo. Os ciganos costumam chamá-lo de *Pral* ou *Pen* (que significa literalmente “irmão” ou “irmã”).

Para saber qual é o seu verdadeiro Animal de Poder, basta indagar a quem está lhe servindo de guia na jornada. Deixe que o conduza a um lugar que decerto será confortável e aprazível, pois ali ser-lhe-á apresentado o seu verdadeiro Animal de Poder. E, tão logo ele se ponha visível, faça-lhe algumas perguntas. Procure saber sobre suas qualidades, pensamentos e sentimentos. Escute atentamente todas as respostas que lhe forem dadas. Mas, a seguir, deixe que a imagem dele se dissolva para retornar ao lugar de onde veio. Observe o modo seguro e vigoroso pelo qual ele vai embora, pois, sem dúvida, a partir desse instante o seu verdadeiro Pral ou Pen estará sempre ao seu lado quando for necessário.

A árvore é um dos símbolos essenciais do xamã. Assim como ele, apesar de estar assentada sobre a terra, ela direciona o seu crescimento para o céu, ainda que também se desenvolva na direção das profundezas da terra, representando, com esse movimento duplo, a conexão entre o ser humano e o espírito. Ao redor da árvore estendem-se os raios da Roda do Mundo. E, para expressar a “árvore”,



A imagem da expressão Rook e Boler integra a Árvore da Vida dos xamãs com a Roda da Cura Romani.

182 os ciganos fazem uso do termo *rook*, ao passo que para “roda” empregam a palavra *bolero*. Portanto, eles se referem a esse simbolismo usando a expressão Rook e Bolero.

Estude a imagem Rook e Bolero e você irá constatar como a Roda se integra com as estações do ano, e ainda como os seus oito raios são criados a partir da utilização de criaturas e elementos que são fundamentais ao estilo de vida dos ciganos. Quando alguém experimenta a jornada do xamã, fazendo o movimento duplo de galgar os galhos da Rook até chegar no alto e de descer na direção de suas raízes profundas, o resultado é a iluminação ampliada de vários aspectos de sua vida e a obtenção de respostas para os mistérios que o intrigavam até então. Portanto, esse empreendimento poderá lhe servir de passaporte para a Magia e Feitiçaria ciganas.



Michelle Dillane

Um vardo-balcão junto à camioneta do adestrador de cavalos:
um contraste entre a moda antiga de viajar e a nova.

VOCABULÁRIO ROMANI

No decorrer dos últimos anos, iniciou-se uma tentativa para estandardizar a língua romani em relação à inglesa. Por isso registro, aqui, o zelo de Thomas Acton e Donald Kenrick, da Editora Romanestan, que produziram um livro com o título *Romani Rokkeripen To-Divvus* — “A Língua Romani de Hoje”. Portanto, o trabalho deles é um louvável esforço no sentido de manter viva a língua falada pelos ciganos da Inglaterra. E são eles que nos falam na introdução desse livro:

Estima-se que, na Inglaterra e no País de Gales dos nossos dias, metade das crianças ciganas com idade para frequentar a escola primária já está recebendo educação; portanto, já foram lançadas as bases para que essa massa humana possa ler e escrever. No entanto, um sem-número dessas crianças, tanto da escola primária como da secundária, ao querer fazer uso de sua própria língua, se vê sem recursos para tal objetivo. Pois, embora ensinem como escrever as palavras em inglês, o romani fica de fora. Por isso argüimos: de que maneira o romani poderia ser escrito? Como ele poderia ser falado?...Eis por que este livro é a primeira ajuda para todos esses jovens.

O livro de Acton e Kenrick contém um dicionário Romani-Inglês / Inglês-Romani, além de versar sobre a gramática romani e analisar uma certa quantidade de textos.

Coloquei, então, a seguir, um grupo de palavras romani com os seus respectivos significados, que foram extraídas da obra desses dois autores e de algumas outras fontes mais.

Números:

Um: <i>Yék</i>	Sete: <i>Efta</i>
Dois: <i>Dui</i>	Oito: <i>Teigh</i>
Três: <i>Trin</i>	Nove: <i>Enin</i>
Quatro: <i>Stor</i>	Dez: <i>Desb</i>
Cinco: <i>Panch</i>	Vinte: <i>Bush</i>
Seis: <i>Shov</i>	Cem: <i>Shel</i>

Acima / Sobre: *Opré*

Avião: *Sasterchirilo* ("pássaro de ferro")

Pássaro: *Chirilo*

Preto: *Kaulo*

Sangue: *Ratti*

Vela: *Mumeli*

Gato: *Matchiko*

Dança: *Khelapen*

Irmã / Menina: *Chavvi* ou *Chai*

Morte / Tempo de vida: *Meripen*

Médico: *Drabengro* ou *Mullomengro*

Cachorro: *Juk* ou *Jukkel*

Orelha: *Kan*

Terra: *Puv*

Pluma: *Por*

Fogo: *Yag*

Flor: *Luludi*

- Let a sorte: *Dukkering*
 Raposa: *Vesh-juk* ("cachorro do mato")
 Boa sorte: *Kushti bak*
 Metade: *Posh*
 Lebre: *Kannengro* ("orelhudo")
 Porco-espinho: *Hochiwitshi*
 Cavalo: *Grai*
 Ferradura: *Petalo*
 Quente: *Tatti; Tatto*
 Eu / Mim: *Mandi*
 Ferro: *Saster*
 Chaleira: *Karvi*
 Chaleira de ferro: *Karvi-saster*
 Faca: *Chiv* ou *choori*
 Folha / Sinal: *Patrin*
 Vida: *Jivaben*
 Locomotiva: *Sastergrai* ("cavalo de ferro")
 Mês: *Shoon*
 Nome: *Nav*
 Noite: *Rarti*
 Coelho: *Sushi*
 Toca de coelho: *Beri*
 Rato: *Jasper*
 Anel: *Angushtri*

- Sal: *Lou*
- Prata: *Rup*
- Ferreiro / Ferrador: *Petulengro*
- Cobra: *Sap*
- Filho / Menino: *Chavro*
- Espírito / Fantasma: *Mullo*
- Espíritos / Uísque: *Tatipani* ("água quente")
- Pedra: *Bar*
- Verão: *Lilai*
- Pandeiro: *Baulo Tek* ou *Tek*
- Muito obrigado: *Parika tut*
- Árvore: *Rook*
- Impuro: *Mokkadi*
- Vagão: *Waggon* ou *Vardo*
- Água: *Pani*
- Roda: *Boler*
- Inverno: *Ven*
- Bosque / Floresta: *Vesh*
- Escritor: *Lavengro*
- Ano: *Bersh*
- Sim; Não: *Avu: Kalka*
- Você: *Tutti*
- Jovem: *Tauni*
- Juventude: *Chal*

BIBLIOGRAFIA

Já se escreveram muitos livros sobre os ciganos. No entanto, a maior parte não foi reeditada e por isso só pode ser encontrada depois de uma procura exaustiva nas livrarias que vendem livros usados, ou então em algumas bibliotecas públicas e órgãos similares. A seguir, serão listados os livros que mencionei ao longo desta obra, juntamente com vários outros que, a meu ver, serão mais fáceis de se encontrar e ler.

Acton, Thomas, e Donald Kenrick. *Romani Rokkeripen Todivvus*. Londres: Romanestan, 1984.

Adler, Matta. *My Life With the Gypsies*. Londres: Souvenir, 1960.

Algar, D. *Original Gypsy Remedies*. Essex: Algar, 1986.

Ayres, Edward. *Bender Tents*. Londres: Macmillan Education, 1979.

Bercovici, Konrad. *The Story of the Gypsies*. Londres: Jonathan Cape, 1929.

_____. *Gypsies. Their Life, Love and Legends*. Nova York: Greenwich House, 1983.

_____. *Staging Winds: Stories of Gypsy Life*. Nova York: Greenwich House, 1926.

- 188 Borrow, George. *Lavengro*. Londres: Murray, 1851.
- _____. *The Romany Rye*. Londres: Collins, 1857.
- _____. *Romano Lavo Lil*. Londres: Murray, 1874.
- Bowness, Charles. *Romany Magic*. York Beach, ME: Samuel Weiser, 1973.
- Brown, Frances. *The Harefoot Legacy* (ficção). Londres: Headline, 1990.
- _____. *Dancing On the Rainbow* (ficção). Londres: Headline, 1991.
- _____. *The Other Sister* (ficção). Londres: Headline, 1992.
- Buckland, Raymond. *Buckland's Complete Book of Witchcraft*. St. Paul: Llewellyn, 1986.
- _____. *Secrets of Gypsy Fortunetelling*. St. Paul: Llewellyn, 1988.
- _____. *Secrets of Gypsy Love Magic*. St. Paul: Llewellyn, 1990.
- _____. *Secrets of Gypsy Dream Reading*. St. Paul: Llewellyn, 1990.
- _____. *Buckland Gypsy Fortunetelling Deck*. St. Paul: Llewellyn, 1989.
- _____. *Buckland Gypsies' Domino Divination Deck*. St. Paul: Llewellyn, 1995.
- Cheiro. *Cheiro's Language of the Hand*. Londres: Nichols, 1897.
- Clébert, Jean-Paul. *The Gypsies*. Londres: Penguin Books, 1967.
- Croft-Cooke, Rupert. *A Few Gypsies*. Londres: Putnam, 1955.
- Dearson, Seton. *The Gypsy Gentleman: A Study of George Borrow*. Londres: Murray, 1939.
- Derlon, Pierre. *Secrets of the Gypsies*. Nova York: Ballantine, 1977.
- Emerson, Alice B. *Ruth Fielding and the Gypsies* (ficção). Nova York: Cupples & Leon, 1915.
- Evens, Bramwell. *Out With Romany: Adventures With Birds and Animals*. ULP, 1952.
- _____. *Out With Romany Again*. ULP, 1938.

- _____. *Out With Romany, By Meadow and Stream*. ULP, 1942.
- _____. *Out With Romany, By Moor and Dale*. ULP, 1944.
- _____. *A Romany In the Fields*. Londres: Epworth, 1958.
- Evens, Eunice. *Through the Years With Romany*. ULP, 1946.
- Evens, G. Kinnaird. *Romany On the Farm*. Londres: Epworth, 1952.
- Fonseca, Isabel. *Bury Me Standing*. Nova York: Knopf, 1995.
- Fontana, Marjorie. *Cup of Fortune*. Wisconsin: Fontastic, 1979.
- Fraser, Angus. *The Gypsies*. Londres: Blackwell, 1992.
- Frater U..D.. *Secrets of Sex Magic*. St. Paul: Llewellyn Publications, 1995.
- Goldberg, B. Z. *The Sacred Fire*. Nova York: University Books, 1958.
- Golowin, Sergius. *The Gypsy Dream Book*. York Beach, ME: Samuel Weiser, 1987.
- Grand Orient. *A Manual of Cartomancy*. Londres: Rider, 1912.
- Greenfield, Howard. *Gypsies*. Nova York: Crown, 1977.
- Gypsy Queen, A. *The Zingara Fortune Teller*. Londres: Street & Smith, 1901.
- Hargrave, Catherine Perry. *A History of Playing Cards*. Nova York: Houghton Mifflin, 1930.
- Harvey, Denis E. *The Gypsies: Waggon-Time and After*. Londres: Batsford, 1975.
- Hornby, John. *Gypsies*. Edimburgo: Oliver & Boyd, 1965.
- Jeffery, Juliet. *Gypsy Vans*. Chichester: Jeffery, 1983.
- Jenkins, Herbert. *The Life of George Borrow*. Londres: Murray, 1924.
- Jones, E. Alan. *Gypsy Caravans*. Yorkshire: Signs, 1981.
- _____. *Yorkshire Gypsy Fairs, Customs & Caravans 1885-1985*. Yorkshire: Hutton, 1986.

- 190 Kenrick, Donald, e Sian Bakewell. *On the Verge: The Gypsies of England*. University of Hertfordshire Press, 1990.
- King, Charles. *Men of the Road*. Londres: Muller, 1972.
- Kohn, Bernice. *The Gypsies*. Nova York: Bobbs-Merrill, 1972.
- Lee, Ronald. *Goddam Gypsy*. Nova York: Bobbs-Merrill, 1972.
- Leland, Charles Godfrey. *The English Gypsies and Their Language*. Londres: Trubner, 1874.
- _____. *Gypsy Sorcery & Fortune Telling*. Londres: Fisher-Unwin, 1891.
- Lucas, Richard. *Common and Uncommon Uses of Herbs for Healthful Living*. Nova York: Arc Books, 1969.
- Maas, Peter. *King of the Gypsies* (ficção). Nova York: Viking, 1974.
- Maple, Eric. *The Dark World of Witches*. Londres: Robert Hale, 1962.
- Marre, Jeremy, e Hannah Charlton. *Beats of the Heart*. Londres: Pluto, 1985.
- Martin, Kat. *Gypsy Lord* (ficção). Nova York: St. Martins, 1992.
- Martin, Kevin. *The Complete Gypsy Fortuneteller*. Londres: Arlington, 1973.
- McDowell, Bart. *Gypsies: Wanderers of the World*. Washington D.C.: National Geographic Society, 1970.
- McGaa, Ed (Eagle Man). *Mother Earth Spirituality: Native American Paths to Healing Ourselves & Our World*. San Francisco: HarperRow, 1990.
- Minetta. *The Art of Tea-Cup Fortune Telling*. Londres: Foulsham, 1958.
- North, Grace May. *Nan of the Gypsies* (ficção). Saulfield, OH: Buccaneer Books, 1926.
- Paulton's Romany Museum. *Romany Life and Customs*. Hampshire: Paultons, 1984.
- Petulengro, Gypsy. *Romany Hints for Hikers*. Londres: Methuen, 1936.
- _____. *Romany Herbal Remedies*. Newcastle: Borgo Press, 1982.

Petulengro, Leon. *Romany Boy*. Londres: Hale, 1979.

191

Sandford, Jeremy. *Gypsies*. Londres: Abacus, 1975.

Sampson, John. *Gypsy Folk Tales*. New Hampshire: Salem House, 1984.

Smith, D. J. *Discovering Horse-Drawn Caravans*. Buckinghamshire: Legacy Books, 1981.

Smith, Martin Cruz. *Gypsy in Amber* (ficção). Nova York: Ballantine, 1971.

Soper, Irene. *The Romany Way*. Wiltshire: Ex Libris, 1994.

Stanley, Denise, e Rosy Burke. *The Romano Drom Song Book*. Oxford: Burke, 1971.

Stapleton, Marjorie. *Make Things Gypsies Made*. Londres: Studio Vista, 1976.

Stapley, L., e J. *Olde Way Crafts*. Cornwall: Stapley, 1993.

Thompson, John. *Making Model Gypsy Caravans*. Hampshire: Thompson, 1978.

_____. *Carts, Carriages & Caravans*. Hampshire: Thompson, 1980.

Tong, Diane. *Gypsy Folktales*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1989.

Trigg, Elwood B. *Gypsy Demons and Divinities*. Seacaucus, NJ: Citadel, 1973.

Varney, Joyce. *The Half-Time Gypsy*. Nova York: Bobbs-Merrill, 1968.

Vesey-Fitzgerald, Brian. *Gypsies of Britain*. Londres: Chapman & Hall, 1944.

Vince, John. *Discovering Horse Brasses*. Buckinghamshire: Shire, 1968.

Von Hausen, Wanja. *Gypsy Folk Medicine*. Nova York: Sterling, 1992.

Ward-Jackson, C. H., e Denis E. Harvey. *The English Gypsy Caravan — Its Origins, Builders, Technology and Conservation*. Newton Abbot: Devon, David & Charles, 1973.

Williams-Ellis, Amabel. *Gypsy Folk Tales*. Londres: Pan Books, 1973.

Wood, Manfri Frederick. *In the Life of a Romany Gypsy*. Londres: Rowledge & Kegan Paul, 1973.

Yates, Dora. *Gypsy Folk-Tales*. Londres: Phoenix House, 1948.



antepassados, e oferta-nos a vida cigana contemporânea, ele mesmo conhecedor da magia prática dos romani. E Raymond Buckland desvela-nos a magia como traço de resistência cultural de uma etnia.

Por nossos olhos viajantes passarão os feitiços do amor, os remédios à base de ervas, a cura pelos passes, sortilégios, exorcismos, o futuro através de cartas e moedas, a prática do sexo como poderoso auxílio mágico, a feitura de instrumentos, amuletos e talismãs ciganos. A linguagem do autor é sintética, a reiterar a origem oriental dos ciganos.

Ao ler estas belas páginas do rom inglês Ray Buckland, nos sentimos um pouco nos vurdos de outros séculos ou nos trailers da atualidade, no grande círculo de dança das estrelas, do fogo, e intuímos que a estrada fala pelos ciganos, ainda que a maioria deles esteja hoje sedentária.

Ciganos, filhos do vento, povo da viagem, rostos abertos ao orvalho e, segundo as palavras de Guimarães Rosa em *Tutaméia*: "Loucos, a ponto de quererem juntas a liberdade e a felicidade."

Cristina da Costa Pereira



Augúrios, tabus e profecias: tudo isso faz parte da vida cotidiana dos ciganos. O cigano tradicional faz uso da sabedoria das ervas, da magia básica e dos oráculos para os assuntos práticos de sua vida. O conhecimento das ervas é essencial à sua prática de cura. Mas os feitiços e encantamentos também são empregados por esse povo, no sentido de influenciar os acontecimentos de maneira favorável. E se valem ainda da "Visão", que é sempre utilizada para guiá-los e auxiliá-los a vislumbrar as melhores decisões a serem tomadas.

Todas essas práticas são manuseadas pelas *shuvanis*, denominação dada às bruxas e às xamãs ciganas. A *shuvani* é aquela que guarda a magia, os ritos e as superstições da tribo. Portanto, quando é necessário, elas podem abençoar, amaldiçoar ou curar. E os seus poderes, que se assemelham àqueles dos antigos povos pagãos, estão enraizados na crença de que existem os espíritos da terra, da água, do ar, das florestas e dos campos.

Magia e Feitiçaria dos Ciganos revela os inúmeros segredos dos trabalhos mágicos das *shuvanis*. Por isso este livro será bastante proveitoso como fonte de referência. Folheie-o aqui e ali para seu esclarecimento, ou então procure estudar os detalhes a respeito do nó mágico, da cura pelas ervas; dos encantamentos que são feitos com cabelos, e de outras técnicas ancestrais do mundo mágico. Tente descobrir as "fronteiras da sabedoria" das *shuvanis*, convidando a magia ancestral dos ciganos para entrar na sua vida.

BB
BERTRAND BRASIL

ISBN 85-286-0794-1



9 788528 607949